CINEMA & VÍDEO

SET

EDITORA AZUL

ESPECIAL

100 ANOS DE CINEMA

Os fatos e pessoas que fizeram este século nas telas

5633 - Janeiro, 1995 - Ed. 91 - Ano IX - Nº 01 - R$ 3,90

Robert De Niro

é a Criatura em FRANKENSTEIN DE MARY SHELLEY

CADERNO DE VÍDEO

Todos os lançamentos das férias

GRÁTIS Pôster com a história do cinema, década por década

ISSN 0104-1592

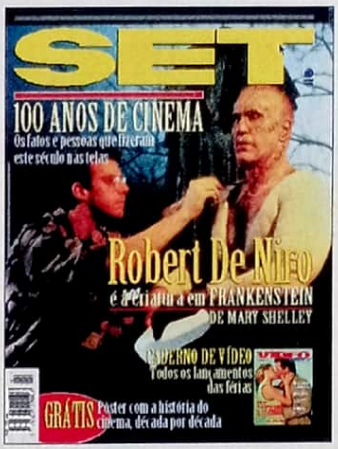
CHEGOU O MAIS COMPLETO GUIA DO CARIBE.

Este é o mais completo guia do Caribe que você pode encontrar. Tem tudo: passeios, compras, hotéis, restaurantes, cassinos, história, esportes, hábitos locais, preços atualizados e muitas dicas para voce aproveitar o máximo de cada ilha.

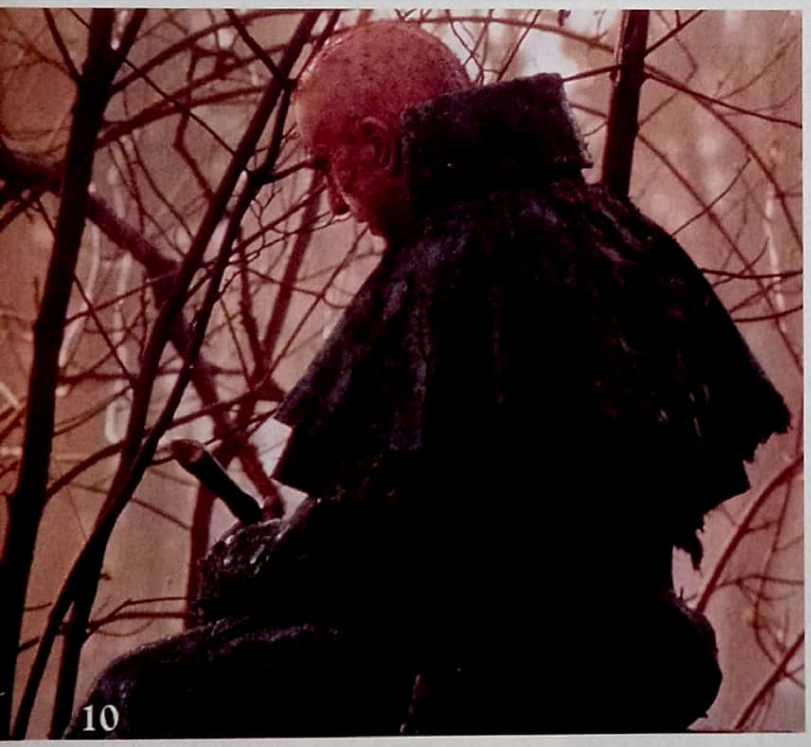
NAS BANCAS

Programa

Para quem faz uma revista de cinema e vídeo, é um privilégio ter a oportunidade – necessariamente única – de celebrar o primeiro século de existência do cinema. Um privilégio que quase levou a equipe de SET à loucura, é verdade: foram semanas de levantamentos, pesquisas, discussões e decisões por vezes dolorosas. Afinal, não é fácil definir quem entra e quem sai de uma lista dos maiores astros e diretores, ou quais são os filmes fundamentais na história do cinema. "Por que este e não aquele?" foi a pergunta que mais freqüentemente nos fizemos enquanto elaborávamos esta edição – para a qual, aliás, foi decisiva a participação de nosso colaborador Sérgio Rizzo. O resultado, você avalia. Mas estamos torcendo para que todos comemorem este século de arte e entretenimento com o mesmo entusiasmo que nós da SET.



NA CAPA: Robert De Niro sendo maquiado em *Frankenstein de Mary Shelley* (Columbia TriStar)



10

Columbia TriStar

4 TAKES
Michael Jackson salva a baleia de *Free Willy* da depressão

10 FRANKENSTEIN DE MARY SHELLEY
Robert de Niro, Francis Ford Coppola e Kenneth Branagh unem forças nesta versão do clássico do terror gótico

18 100 ANOS DE CINEMA
Os maiores filmes, astros, diretores e produtores; um histórico completo deste século; artistas dão seus depoimentos sobre o que é o cinema

40 NOVOS FILMES
O comediante Jim Carrey vira um personagem de HQ de carne e osso em *O Máskara*; Michael Douglas enfrenta o vulcão Demi Moore em *Assédio Sexual*; Meryl Streep enfrenta perigosas corredeiras e o vilão Kevin Bacon em *Rio Selvagem*; o diretor Luc Besson estréia nos EUA com *O Profissional*

O Máskara

53 HOLLYWOOD BOULEVARD
Dulce Damasceno de Brito relembra a Hollywood que não existe mais

54 MITO
Orson Welles, o mais controvertido gênio do cinema

56 FILMOGRAFIAS

57 CADERNO DE VÍDEO
***A Fuga*, *O Jornal* e mais 45 lançamentos**

80 CARDÁPIO
Cientistas loucos desafiam a natureza

82 FREE SHOP

84 CARTAS

86 NOSTALGIA

Takes

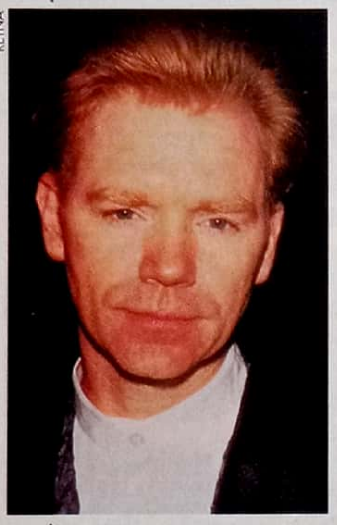
DAVID CARUSO

LIVRE DO *NYPD BLUE*

David Caruso, o detetive Kelly da série *Nova York Contra o Crime*, conseguiu realizar seu sonho dourado – livrar-se da TV e se dedicar exclusivamente ao cinema.

•

Com grandes planos para sua carreira, Caruso ingressa na nova (e provavelmente polêmica) produção de **Joe Eszterhas** para finalmente interpretar seu primeiro grande personagem.



RETNA

•

Caruso (que fez pontas em *Hudson Hawk* e *Uma Mulher para Dois*) encabeça o elenco de *Jade*. Eszterhas volta a se exercitar em seu assunto preferido: as aventuras sexuais de um triângulo amoroso. Vale lembrar que duas das pontas do triângulo são formadas por um casal tradicional.

TOP TAPE

Stephan Elliott (ao centro) dirige Hugo Weaving e Terence Stamp em *Priscilla*

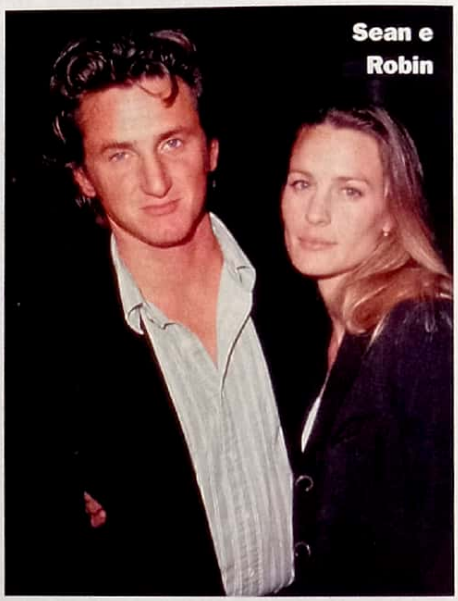
STEPHAN ELLIOTT

INVADE OS EUA

O talento do jovem diretor australiano ficou mais do que provado depois do sucesso de *Priscilla, a Rainha do Deserto*. Tanto que a New Line já contratou **Stephan Elliott** e deu a ele o sinal verde para começar a trabalhar.

•

Elliott vai dirigir a comédia *The Best Man*, sobre um sujeito que foge de um asilo para ir ao casamento de um amigo de infância. Para fazer o personagem principal, o diretor pensa em **Robin Williams**.



Sean e Robin

ROBIN WRIGHT

APAIXONADA

Não só Tom Hanks ficou "mais famoso" com o sucesso de *Forrest Gump*. Sua partner **Robin Wright** também está sendo procurada por vários estúdios que a querem em seus novos projetos.

•

Mas a esposa de **Sean Penn** (conhecida por seu extremo mau humor) simplesmente recusou quatorze ofertas de trabalho – algumas das quais serão as grandes produções deste ano.

•

Em compensação, Wright aceitou fazer *Loved*, um filme de uma pequena produtora independente dirigido por **Erin Dignam**. E não fica só nisso não. A produção do longa está a cargo de ninguém menos que Penn.

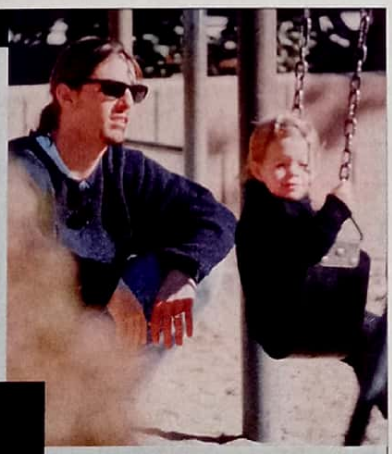
TOM & NICOLE

CENAS DA VIDA

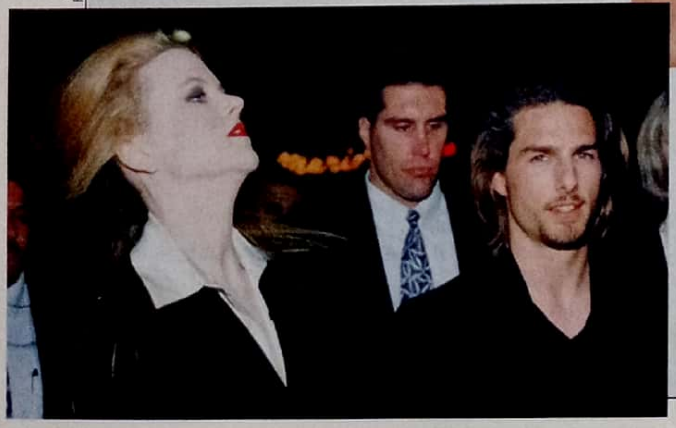
Parece que **Nicole Kidman** atendeu ao chamado de Lestat, o vampiro sedutor e homossexual de *Entrevista com o Vampiro*, protagonizado por ninguém menos que seu maridão **Tom Cruise**.

•

Esta foto da *première* do filme em Los Angeles mostra que Nicole não só trocou o penteado,



FOTOS ANGELI



como está mais "alva" do que nunca. É o que dá ser casada com um vampiro.

•

Durante o dia, é Tom quem leva a filha adotiva **Isabelle Jane** para passear no parque. Até que a vida é bem generosa com o casal!

DEMI MOORE

A BELA DE BEVERLY HILLS

A esposa de Bruce Willis não pára de trabalhar, mesmo com um bebê novo. Assim que deixou os sets de ***Assédio Sexual*** (leia em *Novos Filmes*), **Demi Moore** foi ao Canadá filmar *A Letra Escarlate*, baseado em romance de Nathaniel Hawthorne e dirigido por **Roland Joffé** (*A Missão*).

•

E Demi parece disposta a passar todo o ano de 1995 decorando falas. De sua agenda já constam vários projetos. O primeiro, em filmagem, é *Gas Light Addition*, que a atriz também produz. O filme, com roteiro de **Marlene King** e direção de **Leslie Glatter**, está sendo chamado de *Conta Comigo* feminino. O elenco tem, além de Demi, **Rosie O'Donnell** e **Christina Ricci**.

•

Na seqüência, a senhora Willis empresta sua bela voz rouca para uma animação de *O Corcunda de Notre Dame*, produzida pelos estúdios Disney com base no romance de Victor Hugo. O desenho terá ainda as vozes de **Tom Hulce** e **Kevin Kline**.

•

Depois, ela entra nos sets da aventura ***Pincushion***, projeto engavetado há anos e que era para ser estrelado por Cher. A história, a ser dirigida por Rob Cohen, contará as aventuras de uma heroína num mundo pós-apocalíptico. Depois Demi passa a ***Notes from the Country Club***, em que ela cai nas mãos de psiquiatras que querem saber se ela é a responsável pela morte do marido.

WARNER

RIDLEY SCOTT

DÁ A VOLTA POR CIMA

Apesar de o projeto *Hot Zone* ter ido por água abaixo devido às desistências de Jodie Foster e Robert Redford, Ridley Scott não desistiu de ficar atrás das câmeras. Atualmente está debruçado sobre a pré-produção de *White Squall*.

•

As filmagens de *White Squall* devem começar em fevereiro, e o filme – uma aventura – é baseado em fato real. Dizem que o projeto tem a cara de Scott e tudo para dar certo.

RETNA

DAVID NEVES

PROJETO INACABADO

Na edição de dezembro/94 de SET, noticiamos na seção *Takes* que o cineasta **David Neves** estava esperando financiamento para tocar as filmagens da obra *As Meninas*, de Lygia Fagundes Teles. Por esses revezes da vida, o cineasta faleceu em 23 de novembro, vítima de complicações provocadas pela Aids.

•

David Neves foi um dos idealizadores do Cinema Novo e começou a carreira como crítico de cinema no início dos anos 60, escrevendo artigos para os jornais *O Metropolitano*, *Tribuna da Imprensa* e para a revista *Filme Cultura*.

•

Seu primeiro longa-metragem é *Memória de Helena*, de 1969, e seu maior sucesso nos cinemas foi *Luz Del Fuego* (81), em que Lucélia Santos vivia a personagem-título. De seu currículo constam *Muito Prazer* (79), *Fulaninha* (86) e *Jardim de Alah* (88), que completa a trilogia urbana sobre o Rio de Janeiro.

RETNA

WINONA RYDER

PLANOS SÉRIOS

Winona Ryder prova ser a estrela jovem mais ativa na Hollywood de hoje. Depois de atuar em ***Little Women***, ela já está escalada para dois novos projetos.

•

Em ***Boys***, ela é o objeto do desejo de **Lukas Haas** (o garotinho de *A Testemunha*). Haas interpreta um jovem de dezessete anos que um dia encontra Winona desfalecida no campo, após cair de um cavalo. Decide levá-la para seu quarto, no colégio, dando início a um intrincado jogo de sedução.

•

Se nesse filme haverá um interlúdio amoroso entre os dois, Ryder se prepara para participar de outra obra, ***How to Make an American Quilt***, que conta com excelente elenco feminino e está sendo chamado de uma espécie de *O Clube da Felicidade e da Sorte* (ou seja, o roteiro será bastante pudico).

•

Ryder contracenará com **Anne Bancroft**, **Ellen Burstyn**, **Alfre Woodard**, **Samantha Mathis** e **Kate Capshaw** (cujo marido, sr. Steven Spielberg, é dono da produtora que está bancando o projeto, a Amblin).

•

Será também a primeira vez em que a atriz trabalhará sob o comando de uma diretora – no caso, a australiana **Jocelyn Moorhouse**, do magnífico *A Prova*. Da falta de ótimas companhias é que Winona não pode reclamar...

WARNER

GARGOYLES

DISNEY DARK

Os estúdios **Disney** lançaram mais uma série de desenhos animados para TV, com personagens diferentes dos tipos bonitinhos de Patópolis. Os heróis incomuns de ***Gargoyles*** são criaturas de pedra semelhantes a morcegos que, de dia, permanecem imóveis.

•

De noite, eles se transformam em sentinelas alados da justiça e defensores dos seres humanos – que não obstante costumam se atemorizar com a aparência agressiva de seus protetores.

•

O piloto da série mostra que as criaturas nasceram de uma maldição escocesa que, há mil anos, condenou-os à imobilidade. Quando um milionário recluso decide transportar o castelo em que se encontravam para o topo de seu arranha-céu, o encanto se quebra. Surgem assim os novos justiceiros da noite, na tradição *dark* do Cavaleiro das Trevas.

ANTONIO BANDERAS

O RETORNO DO MARIACHI

RETNA

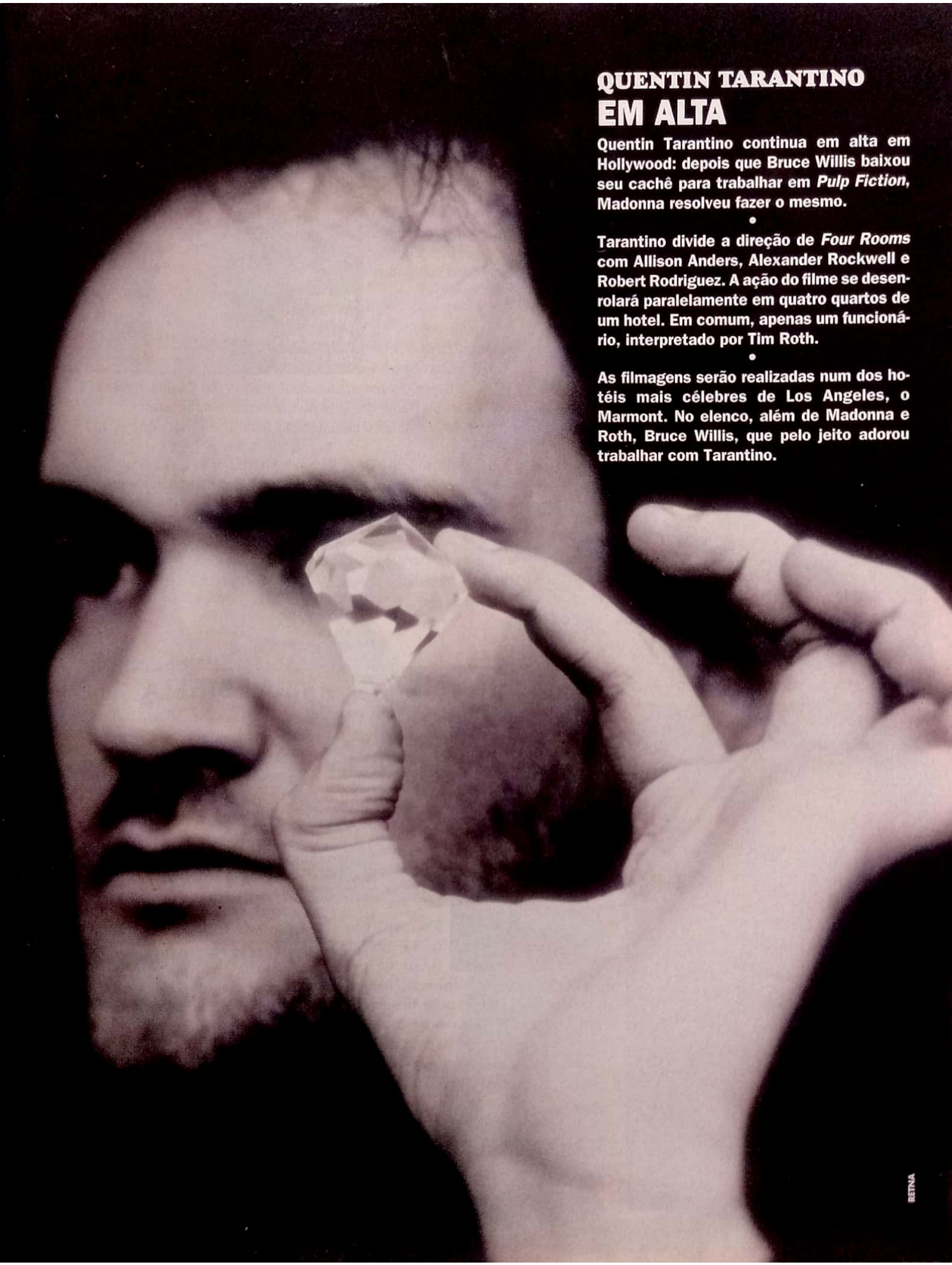
Antonio Banderas realiza seu primeiro filme de ação americano. Trata-se da esperada continuação de *El Mariachi*, o filme que fez a fama do diretor mexicano **Robert Rodriguez** da noite para o dia. Em ***Return of the Mariachi***, Banderas vinga a morte da amada e a perda de uma de suas mãos.

•

O mariachi terá apenas um amigo – interpretado por **Steve Buscemi**, de *Cães de Aluguel* –, e seu interesse amoroso será a mexicana **Salma Hayek**. Há ainda uma ponta do cultuadíssimo **Quentin Tarantino**, cujo personagem será assassinado no decorrer da história.

•

Banderas diz ter se divertido muito durante as filmagens, apesar das dores musculares, cicatrizes e hematomas que ganhou.



QUENTIN TARANTINO
EM ALTA

Quentin Tarantino continua em alta em Hollywood: depois que Bruce Willis baixou seu cachê para trabalhar em *Pulp Fiction*, Madonna resolveu fazer o mesmo.

•

Tarantino divide a direção de *Four Rooms* com Allison Anders, Alexander Rockwell e Robert Rodriguez. A ação do filme se desenrolará paralelamente em quatro quartos de um hotel. Em comum, apenas um funcionário, interpretado por Tim Roth.

•

As filmagens serão realizadas num dos hotéis mais célebres de Los Angeles, o Marmont. No elenco, além de Madonna e Roth, Bruce Willis, que pelo jeito adorou trabalhar com Tarantino.

RETNA

Takes

TOM HANKS

NAS ALTURAS

Depois da ficção política de *Forrest Gump – O Contador de Histórias*, **Tom Hanks** parece decidido a entrar, literalmente, no espaço astral, contando histórias reais ou não. Ele já está envolvido no novo projeto de **Ron Howard**, *Apollo 13*, previsto para estrear no Natal de 1995.

•

O filme fala da quase fatal missão espacial de 1970. Em outubro último, diretor e atores – além de Hanks, **Kevin Bacon** e **Bill Paxton** – passaram dias flutuando no interior da nave NASA KC-135, filmando numa simulação de gravidade zero. Maior verossimilhança, impossível.

•

Além disso, Hanks demonstra seu interessse em personificar **Valentine Michael Smith**, herói de um clássico da literatura de ficção científica – o premiado ***Stranger in a Strange Land***, escrito por **Robert A. Heinlein** em 1961.

•

Hanks já passou dos dias em que queria agradar a gregos e troianos; agora quer contentar lunáticos e marcianos...

ANGELI

ALFONSO ARAU

NAS NUVENS

O *guapo* **Alfonso Arau** deve estar se sentindo nas nuvens desde que seu filme *Como Água para Chocolate* alcançou o status de filme estrangeiro de maior renda de todos os tempos nos Estados Unidos.

•

Talento descoberto e de olho no sucesso, os irmãos **Zucker** decidiram produzir o novo trabalho do mexicano Arau para o estúdio Fox, intitulado *A Walk in the Clouds*. Rodado em Los Angeles e no vale de Napa, no norte da Califórnia, o filme é um remake de *Four Steps in the Clouds*, dirigido pelo italiano Giuseppe Amato em 1942.

•

Tanto o filme de Amato quanto o de Arau mostram o herói de guerra Paul Sutton (**Keanu Reeves**) provando que é um homem para lá de bom – afinal, ele aceita se fazer passar pelo pai do filho da jovem estudante Vitoria Aragon (**Aitana Sanchez-Gijon**) para que ela possa sair em busca do avô da criança (**Anthony Quinn**).

•

O enredo tem tudo para ser um dramalhão à moda mexicana. Mesmo assim, a assinatura de Arau na direção já é quase que uma garantia de sucesso.

FOX

Keanu e Aitana em *A Walk in the Clouds*

JODIE FOSTER

OPERÁRIA PADRÃO

LFI

Nell ainda não chegou ao Brasil, mas os fãs de **Jodie Foster** podem se preparar para vê-la em mais duas novas produções, que devem estrear neste ano.

•

Jodie está dando os retoques finais na pré-produção de seu segundo longa, ***Home for the Hollydays***, para entrar nos sets no próximo mês. Para viver a personagem principal, a diretora-atriz convidou **Holly Hunter**, que acabou de filmar *Copycat* ao lado de Sigourney Weaver.

•

Assim que terminar *Home for the Hollydays*, Jodie coloca seu talento à disposição de **George** *Mad Max* **Miller**. O filme de Miller, ***Contact***, é uma adaptação do famoso livro de Carl Sagan.

MARISA TOMEI

VIRA ESTRELA

Veja como são as coisas. Até 1992, **Marisa Tomei** era mais um rosto na multidão, à espera de alguém que lhe descobrisse. Mas bastou receber o Oscar de atriz coadjuvante por *Meu Primo Vinny* para o sucesso lhe subir à cabeça.

•

Explica-se: o filme arrecadou US$ 50 milhões e, por seu papel, Marisa recebeu apenas US$ 350 mil. A vingança tarda mas não falha, pelo menos para a atriz: o estúdio já estava desenvolvendo a seqüência de *Meu Primo Vinny*, mas viu o projeto ir água abaixo depois que Marisa Tomei pediu "irrisórios" US$ 5 milhões para voltar a encarnar a prima de **Joe Pesci.**

•

Moral da história: *Meu Primo Vinny 2* não vai chegar tão cedo às telas.

COLUMBIA TRISTAR

MICHAEL JACKSON

ATITUDE ECOLÓGICA

Logo após o lançamento do filme *Free Willy*, a imprensa internacional deu ampla cobertura para a baleia **Keiko**, que protagonizou este sucesso de bilheteria. Sofrendo de uma espécie de "síndrome *Pixote*", depois dos dias de ribalta luminosa Keiko estava deprimidíssima por ser obrigada a se movimentar num apertado aquário mexicano.

•

Agora o sofrimento de Keiko acabou: **Michael Jackson**, como que respondendo ao apelo de sua música "Will You Be There" – tema do filme –, decidiu ser superamigo dos fracos (!) e oprimidos e comprou o animal pela "bagatela" de US$ 1,75 milhão.

•

Michael construirá uma piscina bastante espaçosa em seu rancho Never Never Land para deixar perto de si sua companheira de showbiz. Com certeza, o astro pop se sentirá melhor acompanhado – e com mais chances de matar suas carências – que ao lado de **Lisa-Marie Presley**.

WARNER

ANGELI

KIRSTEN DUNST

BONEQUINHA DE LOUÇA

A garotinha que interpreta Claudia em *Entrevista com o Vampiro* já está colhendo os louros da fama. Kirsten Dunst contracenará com **Robin Williams** em ***Jumanji***, de **Joe Johnston**.

•

Com tons para lá de humanistas, o filme traz Williams como um pai capaz de mover montanhas para salvar a filha – Dunst – de um perigo.

•

Dizem por aí que Williams recebeu um cachê de US$ 15 milhões por *Jumanji*. Pelo jeito o ator já alcançou o patamar de gente como Arnold Schwarzenegger e Tom Cruise.

Fotos Columbia TriStar

FRANKENSTEIN DE MARY

UM DEUS IMPER

Por José Emilio Rondeau, de Los Angeles

Um Deus com todas as falhas da condição humana: este é Victor Frankenstein, o cientista que deseja driblar a morte, que almeja aperfeiçoar a criação – mas que se horroriza com a Criatura que consegue trazer à vida, um arremedo de ser humano composto num laboratório tosco a partir de pessoas mortas. Desde que a adolescente Mary Shelley publicou seu *Frankenstein – O Prometeu Moderno* em 1818, sua história vem acendendo a imaginação de gerações. Agora, Francis Ford Coppola e Kenneth Branagh decidiram descartar aquele Monstro imortalizado por Boris Karloff, com seus eletrodos pregados ao pescoço, e reler o livro de Mary sob o prisma da fidelidade à obra. A tarefa de encarnar uma Criatura sensível, que transforma seu profundo sentimento de rejeição em violência, coube a Robert De Niro – um monstro de ator, no bom sentido.

SHELLEY

FEITO

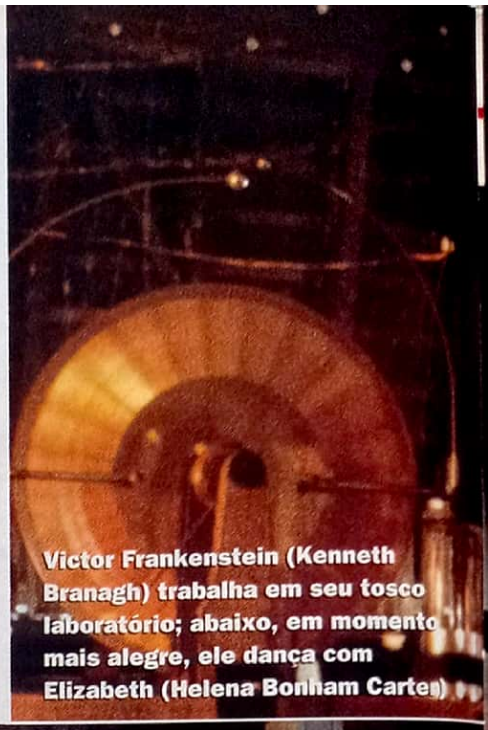
Essa revisita ao personagem original de Shelley faz parte de uma trilogia igualmente purista e estilizadíssima pretendida por Coppola, iniciada com *Drácula de Bram Stoker* e só não completada por um filme de lobisomem porque Mike Nichols saiu à frente com seu *Lobo*. Este é também o primeiro filme americano (e caro, a um custo de US$ 40 milhões) de Branagh, mais conhecido por suas reinterpretações de clássicos de Shakespeare, como *Henrique V* e *Muito Barulho por Nada*.

Branagh considera contemporânea a história contada por Mary Shelley. "A ciência genética se desenvolveu a tal ponto", diz ele enquanto toma chá no hotel Four Seasons, em Nova York, "que já se pode avistar um futuro em que alguém tenha o mesmo poder de Victor Frankenstein, o poder de criar uma vida artificialmente. O que mais me preocupa é, quem terá o poder sobre esse poder?"

FRANKENSTEIN
DE MARY SHELLEY

ENTREVISTA

KENNETH BRANAGH



Victor Frankenstein (Kenneth Branagh) trabalha em seu tosco laboratório; abaixo, em momento mais alegre, ele dança com Elizabeth (Helena Bonham Carter)

O IRLANDÊS DESTEMIDO

O diretor Kenneth Branagh tem 34 anos completados no último dia 10 de dezembro. É filho de pais irlandeses e protestantes. Nascido e criado em Belfast, mudou-se para a Inglaterra aos nove anos. Não tem medo de correr riscos: chegou a escrever ao mítico sir Laurence Olivier pedindo conselhos sobre Shakespeare (a resposta do grande ator foi que "não há muito como errar, uma vez que o autor colocou tudo lá para você") e visitou o príncipe Charles para entender melhor como interpretar um rei, quando se preparava para *Henrique V*.

A pergunta mais óbvia: por que Robert De Niro para a Criatura? Essa opção teve a ver com a maneira como ele explora o aspecto físico dos papéis que interpreta, como visto em *Touro Indomável*?

Isso e também a dedicação dele à representação. Não me interessava simplesmente arrumar um ator que fosse alto e grandalhão. No livro a Criatura tem quase três metros de altura, mas se hoje você fizer um filme com uma Criatura desse tamanho fica engraçado. Dá margem a brincadeiras – como as feitas em *Jovem Frankenstein* – sobre o tamanho do pênis dele. Grande demais, a Criatura também se torna desajeitada demais, e fica difícil aceitá-la como dona de uma inteligência articulada – um ponto importantíssimo da história.

Precisávamos, portanto, de um grande ator, capaz de ser inocente e simples mas, ao mesmo tempo, assustador e atemorizante. Ele teria ainda que transmitir sabedoria, ser alguém que, ao final dessa experiência medonha, conquistasse uma autoridade moral. Robert consegue ser tudo isso na tela. Eu o admiro sem reservas.

Houve pressões do estúdio para dar esse papel a outro ator?

Esse tipo de coisa sempre acontece, em qualquer filme.

Que outros atores foram propostos para a Criatura?

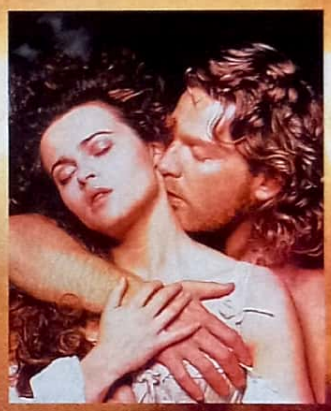
A lista de sempre: Tom Cruise, Kevin Costner, Julia Roberts (*risos*), Mel Gibson, Jack Nicholson. São sempre os mesmos nomes – geralmente os astros que fizeram mais dinheiro, sem a mínima consideração para o fato de eles serem apropriados ao filme ou ao papel. E mesmo que você responda "claro, seria genial", você sabe que é pura maluquice, porque geralmente leva uma eternidade para contactar uma dessas pessoas, e aí o mais provável é que digam "não". Ou, então, quando uma pessoa dessas entra no filme o orçamento pula de US$ 45 milhões para US$ 100 milhões. Se você diz "ok, quero Arnold Schwarzenegger", eles topam, mas pouco depois telefonam dizendo que não vai dar, porque Arnold custa US$ 20 milhões. Do meu ponto de vista, é um pesadelo.

Pensou-se a sério em Schwarzenegger?

Não tenho nada contra Arnold Schwarzenegger, mas para este filme eu queria Robert De Niro. O pessoal do estúdio estava ficando nervoso: com Helena Bonham Carter e eu no filme, para eles era

"Tentamos criar o máximo possível de imagens sexuais explícitas de nascimento. No laboratório há um enorme tubo fálico que dispara enguias elétricas no interior de um imenso sarcófago uterino. Quando a Criatura nasce, o líquido amniótico borbulha nessa terrível sala de parto. É uma versão low-tech *de um nascimento muito feio."*

Kenneth Branagh, à *Interview* americana



como se fosse uma mistura de Merchant & Ivory, Shakespeare e Mozart. Estavam uma pilha de nervos, sempre dizendo "olha lá, não me vá fazer um filme de arte! Não me vá fazer um filme de arte!".

Houve muita interferência do estúdio no sentido de "modernizar" a história (*o filme tem muita coisa que não está no livro, como o conteúdo erótico*)?

Tornar a história mais primal foi decisão minha. Estranhamente, os estúdios respeitam e, ao mesmo tempo, ficam nervosos perto de pessoas como Francis Ford Coppola – decerto – e como eu – até certo ponto. A direção do estúdio ficava meio sem jeito de me propor coisas como essas temendo que eu me ofendesse. Pelo contrário, eu me sinto perfeitamente à vontade para discutí-las. A única conversa que tive com Peter Gube (*então chefão da Sony Pictures*) foi antes de as filmagens começarem. Eu disse que queria ter controle artístico sobre o filme e que pretendia rodar tudo na Inglaterra. E ele queria ser convencido de que eu não faria um filme de época longo, lento e chato – nas entrelinhas,"como aqueles que você vem fazendo" (*risos*). Mas não, eles sabiam que eu pretendia fazer um filme sexy, altamente romântico e com um visual diferente.

Você parece ter um interesse especial pelas histórias clássicas. Por quê?

Porque elas mudam, ficam diferentes. Quando li o livro de Mary Shelley, ele me pareceu ter tudo a ver com nosso tempo e com a história atual. Percebi o motivo pelo qual tanto se escreveu sobre o livro nos últimos vinte ou trinta anos. Ele meio que foi redescoberto nos meios universitários, até.

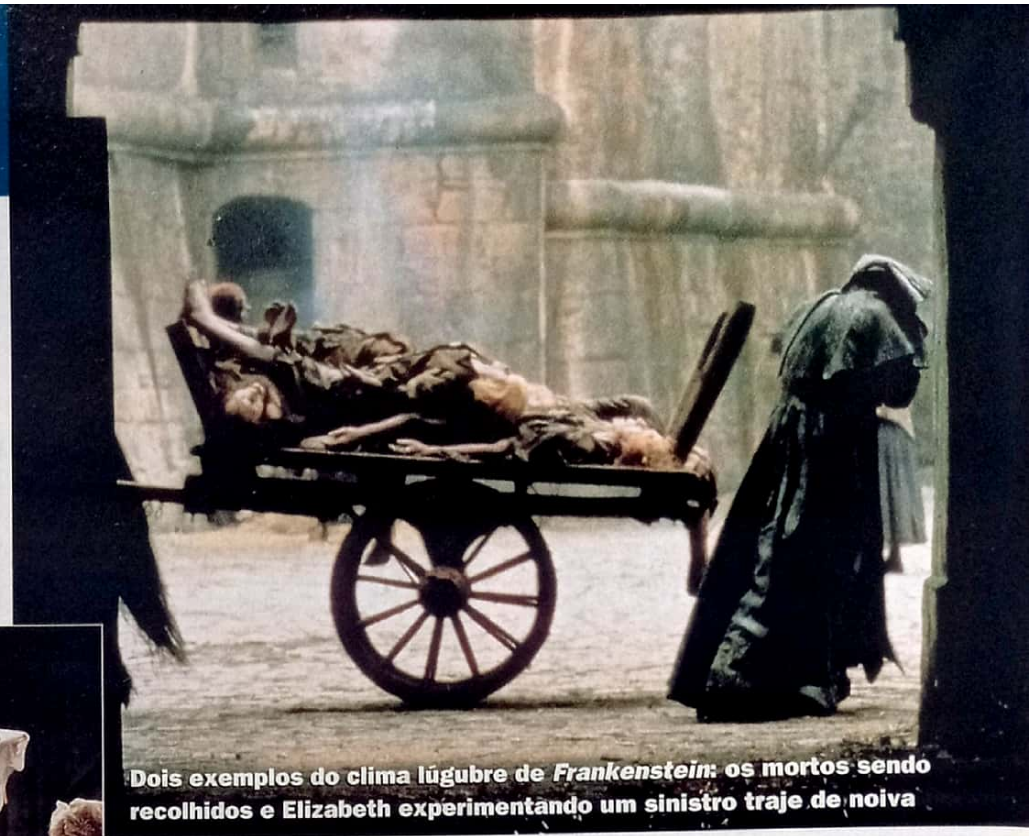
Existe no filme pelo menos uma grande diferença em relação ao livro: a personalidade de Elizabeth (Helena Bonham Carter), agora tornada mais firme e independente, e ao destino que é dado a ela. Por que essa decisão?

Porque no livro Elizabeth era vaga, muito indecisa. Pode ser presunção minha, mas se Mary Shelley vivesse hoje acho que ela escreveria uma personagem bem diferente. Nosso intuito foi basear Elizabeth na própria Shelley, uma mulher extraordinária, filha de outra mulher extraordinária, e que teve uma vida extraordinária ao lado do homem com quem fugiu aos 16 anos. Ela era uma igual de Percy Shelley, um louco poeta *superstar*. Eu queria tudo isso acontecendo no filme, essa paixão extraordinária. Elizabeth e Victor tem um relacionamento muito amoroso, que poderia ter resultado em muitas crianças. Mas ele arrisca tudo na busca pelo segredo da criação da vida, e só percebe o quão pirado está quando já é tarde demais. A cena em que eles dançam, no final,

é para mim um dos momentos mais horrorosos do filme. Naquela cena Victor parece completamente maluco e, ao mesmo tempo, completamente humano e emocionante.

Se lhe fosse dada a escolha, e se fosse possível fazê-lo, a quem você ressuscitaria?

Oohh! É uma coisa assustadora. É uma boa pergunta, mas parte de mim quer saber se, ressuscitada, essa pessoa seria a mesma de antes. Além disso, será que elas saberiam que tinham morrido e ressuscitado? O que nos contariam do além? Que histórias medonhas elas trariam das próprias mentes? O pai de Hamlet, por exemplo, volta da morte e diz: "Eles devoram você, é horrível". Uma das nossas dádivas mais importantes é não saber o que existe do lado de lá. Até agora ninguém voltou e nos disse como é. Pelo menos ninguém *me* disse.



Dois exemplos do clima lúgubre de *Frankenstein*: os mortos sendo recolhidos e Elizabeth experimentando um sinistro traje de noiva

"Eu esperava um melodrama camp, *com alguém na primeira página gritando 'Está vivo! Está vivo!'. (...) Mas, pelo contrário, encontrei algo muito obscuro, histérico e aterrador."*

Kenneth Branagh, sobre o livro *Frankenstein*, à *Time Out*

APPENDIX

• Mary Shelley escreveu *Frankenstein – O Prometeu Moderno* aos 19 anos, durante uma estada na Villa Diodati, próximo a Genebra (Suíça), em junho de 1816. O livro foi publicado pela primeira vez em 1818.

• Várias diferenças separam o livro da imagem popularizada pelo cinema, principalmente por *Frankenstein*, o filme protagonizado por Boris Karloff em 1931. No original, Mary Shelley nunca descreve o "nascimento" da Criatura e nem sua aparência; Victor Frankenstein é um estudante de medicina, e não um barão; ele não tem nenhum assistente, quanto mais um chamado Igor; ele é um adolescente, e não um homem maduro; e a Criatura é vegetariana e pode falar.

• Para filmar *Frankenstein de Mary Shelley*, Robert De Niro chegava a passar doze horas em maquiagem, e teve que raspar todos os pêlos de seu corpo para que a cola que grudava suas diferentes "partes" funcionasse. Além disso, o ator trabalhou com vítimas de problemas de fala para criar sons que tipicamente seriam produzidos por uma pessoa que estivesse aprendendo a falar já na idade adulta.

• A revista inglesa *Empire* saiu para procurar e achou. Achou o verdadeiro barão Conrad von und zu Franckenstein, descendente do dono do castelo em que Mary Shelley passou uma noite, 178 anos atrás, e que a inspirou a escrever seu livro. O atual barão, porém, está longe de morrer de amores pela escritora. "Às vezes a vida pode ser um pesadelo. Eu queria que aquela mulher nunca tivesse posto os pés aqui", lamenta este Franck com "c". "O pior", diz ele, "é quando me confundem com o Conde Drácula e ficam me perguntando se gosto de morder o pescoço de donzelas".

BJONDI & ASSOCIADOS

MONTAR UM HOME THEATER É FÁCIL.

A SANYO ENTRA COM O THEATER, VOCÊ ENTRA COM A HOME.

Nova linha de TVs Estéreo Sanyo com super telas de 29 e 33 polegadas e Projetor de Cristal Líquido Sanyo de até 300 polegadas.

Depois destes lançamentos ficou muito fácil montar seu Home Theater. É só passar na loja mais próxima e levar este Theater para sua Home.

SANYO

FRANKENSTEIN
DE MARY SHELLEY

ENTREVISTA

ROBERT DE NIRO

DE CRIADOR A CRIATURA

Robert De Niro, 51 anos, passou as últimas décadas construindo uma impecável reputação como criador de tipos: o Travis de *Taxi Driver*, o Jake La Motta de *Touro Indomável*, o Max Cady de *Cabo do Medo*, o diabo de *Coração Satânico*. Agora ele é simplesmente a Criatura, sem nome ou sobrenome – mas não faz vergonha a seu ancestral mais famoso, Boris Karloff.

Foi difícil representar um personagem que já tem toda uma tradição no cinema?

Em nossa primeira reunião, Kenneth Branagh e Francis Coppola me detalharam os planos que tinham para o filme. Eu não tinha lido o livro ainda, mas o script me pareceu interessante; vi que tínhamos a chance de fazer um filme de terror que não fosse óbvio, com mais bom gosto, mais sofisticado. E achei – e mais tarde confirmei – que este filme não seria realizado de maneira deselegante, mas com mais cuidado do que geralmente é dedicado ao gênero.

Você recorreu aos filmes antigos de Frankenstein como referência?

De fato, revi os filmes antigos. Mas nosso filme é tão diferente, em termos de estilo e de história, que não encontrei neles nada que me ajudasse.

Jack Nicholson disse certa vez que a maquiagem usada por ele em *Batman* fazia metade do trabalho. No seu caso, a maquiagem foi uma ferramenta igualmente importante?

Tornou as coisas mais fáceis, porque a Criatura nasce durona, incerta de seus movimentos. Então, o macacão de neoprene que usei para reproduzir o corpo costurado da Criatura me ajudou. Por vezes a dentadura ajudava – por causa dela eu falava de maneira estranha –, mas por outras era um problema, porque se eu não tomasse cuidado ela saía do lugar no meio de uma frase. Essas distorções ajudaram a sentir-me grotesco, desfigurado.

Você opinou sobre o visual da Criatura?

Quando concordei em fazer o filme não sabia exatamente que direção tomaríamos. Havia uns rascunhos, mas partimos basicamente do zero. Minha idéia era explorar o fato de que a Criatura era formada a partir de diferentes partes costuradas. Como já havia um personagem que era enforcado, por que não aproveitá-lo? Ele tinha uma perna de pau, então é preciso costurar uma outra perna. Ele tinha uma doença no rosto, então dá-se um novo rosto a ele. Fazia sentido.

Em sua carreira, você já representou personagens igualmente assustadores. Qual deles você considera o mais assustador? E quais são seus maiores medos?

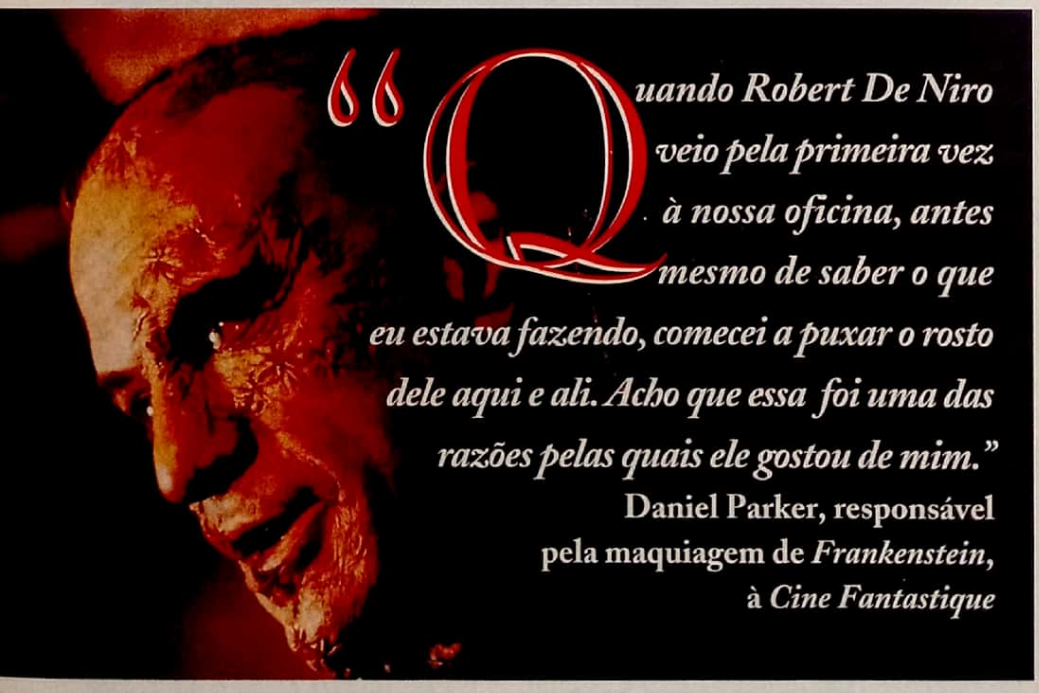
Me assustam as coisas que não se consegue combater. Como um pesadelo, por exemplo. Vi o primeiro *A Hora do Pesadelo* e achei um ótimo filme, tinha algo parecido com *Alien – O Oitavo Passageiro*: você nunca sabia o que estava para acontecer. São filmes com criaturas impossíveis de se deter. Foi esse aspecto também que me interessou em *Cabo do Medo*: não importa o que acontecesse, o cara sempre dava um jeito de chegar a você.

Você costuma ver filmes de terror? O que acha deles?

Gostei de *O Monstro do Ártico* – simples, em p&b –, de *Vampiros de Almas* e de *Museu de Cera*. Para mim são todos bons filmes de terror.

Que papéis mais contribuíram para seu aprendizado como ator?

Não conseguiria ser específico; você aprende com cada papel que faz. Você conhece suas próprias limitações, sabe o que consegue fazer e onde gostaria de chegar, e às vezes descobre que consegue ir além do que supunha.



"Quando Robert De Niro veio pela primeira vez à nossa oficina, antes mesmo de saber o que eu estava fazendo, comecei a puxar o rosto dele aqui e ali. Acho que essa foi uma das razões pelas quais ele gostou de mim."

Daniel Parker, responsável pela maquiagem de *Frankenstein*, à *Cine Fantastique*

Robert De Niro caracterizado como a Criatura – que, à dir., se vê perseguida por aldeões

Gótico Demais

De um lado, o talento visionário de Francis Ford Coppola. Do outro, o pendor teatralesco de Kenneth Branagh. O resultado: Frankenstein de Mary Shelley, *uma adaptação desigual mas dona de uma identidade própria e marcante.*

Este é um filme bem distinto do Frankenstein *de 1931. Branagh guiou-se pelo livro original para explorar o conflito vivido pelo cientista Victor Frankenstein (o próprio Branagh). Rapaz rico, amado pela família e talentosíssimo, Victor deixa-se seduzir pela possibilidade de criar vida artificialmente. Ele ofusca assim o que havia de mais importante em sua vida até então, a namorada e irmã de criação Elizabeth (Helena Bonham Carter). E sua Criatura, ao invés de continuar sendo um monstro mudo e quase sem expressão, ganha com Robert De Niro um sofrimento articulado, palpável. O personagem é desde já um marco na carreira do ator e no mito de Frankenstein.*

Entre os coadjuvantes, Tom Hulce (no papel de Henry, amigo de Victor) e John Cleese (o sinistro Professor Waldman, mentor de Frankenstein na universidade) têm, ambos, participações especialmente memoráveis.

Mas Branagh exagera a mão nos ingredientes góticos. Sem o mesmo comando da poesia do cinema que Coppola tem, Kenneth por vezes não consegue mais que um teleteatro caro. O filme chega a ter momentos risíveis – a abertura e a "cena da colheita" são alguns exemplos – antes de se encerrar com um clímax mais potente que o do livro. J.E.R.

Mary Shelley's Frankenstein, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Kenneth Branagh ■ ROTEIRO: Steph Lady e Frank Darabont, baseado na obra de Mary Shelley ■ MONTAGEM: Andrew Marcus ■ FOTOGRAFIA: Roger Pratt ■ MÚSICA: Patrick Doyle ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Tim Harvey ■ FIGURINOS: James Acheson ■ Com Robert De Niro, Kenneth Branagh, Helena Bonham Carter, Tom Hulce, Aidan Quinn, John Cleese, Ian Holm ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 123 min.

100 anos de cinema

A ARTE DO SÉCULO 20
A CAMINHO DO TERCEIRO MIL

por Isabela Boscov
Deborah Peleias
Christian Petermann
Sérgio Rizzo
Cadão Volpato

Cinemateca Brasileira

ÊNIO

Em 28 de dezembro de 1895, cem anos atrás, os irmãos Lumière apresentavam aos parisienses sua mais nova invenção: o cinema. É difícil imaginar que uma forma de arte e diversão que parece cada vez mais nova, mais ousada e high-tech esteja completando já um século de existência. E que século: mapas políticos que se alteram incessantemente, guerras, revoluções tecnológicas, científicas e de comunicações, ideologias que surgem e caem no esquecimento, nações que antes pareciam obscuras e hoje são gigantes no cenário mundial, impérios que se desfizeram.

Nesse panorama sempre cambiante que vai de 1895 a este 1995 que começa, poucas coisas permaneceram tão fiéis ao espírito que lhes deu origem quanto o cinema. O espírito de aventura, de prazer, de inovação e de experimentação. E que foi preservado enquanto tudo mais que se refere ao cinema mudava: as técnicas, as concepções narrativas, a época das grandes estrelas e depois a época das "novas ondas", o superespetáculo e a produção independente. E também o público, que foi crescendo e mudando junto com essa diversão que se tornou a preferida do século 20.

E esse público de incontáveis gerações certamente seria composto de pessoas muito diferentes, não tivessem elas conhecido o cinema. Nenhuma outra invenção foi capaz de abreviar distâncias com a mesma ferocidade que o artefato dos Lumière. Distâncias entre as décadas, entre os países, entre as culturas e seus representantes e, acima de tudo, entre a imaginação e a realidade. Nessa fronteira o cinema estabeleceu seu território; ali ele se excedeu e tornou-se uma arte distinta de todas as outras. Porque, quanto mais o cinema se aproxima da perfeição, mais ele pode nos levar a um estágio que esta humanidade que hoje habita o planeta nem sonharia conhecer: aquele estágio quase primitivo em que os sonhos são uma ferramenta para conhecer a verdade, em que a câmera vê aquilo que o olho não consegue enxergar. Por isso tudo é que decidimos comemorar este século de cinema em detalhe: nas páginas seguintes, destacamos os melhores filmes de todos os tempos, os maiores diretores, os astros mais brilhantes, os produtores que mais influenciaram a indústria. Pedimos também ao cineasta Carlos Reichenbach que imaginasse o que teria sido um século 20 despovoado de telas prateadas, e ao crítico José Geraldo Couto que apontasse os caminhos que se abrem para o futuro do cinema. E, na página central, você encontra ainda um pôster com todos os acontecimentos que marcaram estes 100 anos de história.

Leonardo Villar (à dir.) durante as filmagens de *O Pagador de Promessas*, de Anselmo Duarte (atrás da câmera)

100 anos de cinema

UMA DÚZIA DE TREZE DOS MAIORES FILM

Como escolher um punhado de melhores entre as dezenas de milhares de filmes produzidos até hoje? A briga foi feia, mas de uma coisa temos certeza: estes aqui mudaram o cinema para sempre – e para melhor

Continental

O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO

(*Birth of a Nation*)

D.W. Griffith dirigiu em 1915 um dos maiores épicos da história do cinema e o primeiro longa-metragem americano. As batalhas da Guerra Civil ainda impressionam pelo realismo, com a orquestração magistral de uma multidão de figurantes. A Ku Klux Klan é glorificada de tal forma que dificultou a exibição do filme na televisão e no cinema nos anos subseqüentes. Mas Griffith libertou a câmera de seus grilhões, inventando a nova linguagem de uma nova arte.

EM BUSCA DO OURO

(*The Gold Rush*)

Das comédias dramáticas dirigidas e interpretadas por Charles Chaplin, esta aqui, de 1925, traz seu *sketch* mais famoso: o "sapateado" com os pãezinhos espetados nos garfos. Também clássica é a cena em que ele é visto como um frango pelo parceiro esfomeado. Diferente da maioria dos filmes do diretor, neste o humor vence as lágrimas.

Globo Vídeo

ENCOURAÇADO POTEMKIN

(*Bronenosets Potymkin*)

Sergei Eisenstein revolucionou o cinema com este filme realizado para comemorar os 25 anos da revolução russa de 1905. A montagem assume uma relevância inesperada. A cena do massacre da escadaria de Odessa, por onde um carrinho de bebê despenca em meio a balas, botas e baionetas, é um ícone do cinema imitado à exaustão.

Continental

CIDADÃO KANE

(*Citizen Kane*)

O cinema se divide em antes e depois de 1941, o ano em que estreou o primeiro filme de Orson Welles. A história do magnata da imprensa Charles Foster Kane é contada pelo diretor com a câmera posicionada em ângulos inéditos, cenários desolados refletidos na profundidade dos espelhos e uma narrativa em flashbacks distribuída em diversos pontos de vista. Mostra que há tantas maneiras de buscar a verdade quanto esta tem de se ocultar.

ES DE TODOS OS TEMPOS

OS SETE SAMURAIS

(*Schichinin no Samurai*)
Um aguaceiro inesquecível desaba sobre a aldeia defendida pelos samurais durante a batalha final contra os bandoleiros. Nunca a chuva tivera um papel tão dramático. Kurosawa construiu, em 1954, uma aventura tão vigorosa que foi possível adaptá-la, mais tarde, a um western de sucesso (*Sete Homens e um Destino*). É a primeira grande ponte a aproximar Oriente e Ocidente.

Warner/Breno Rossi

RASTROS DE ÓDIO

(*The Searchers*)
A aridez da paisagem, as formações de pedras gigantes e os largos horizontes marcam a filmografia de John Ford. Neste western em grande escala, produzido em 1956, o diretor discute tudo o que diz respeito ao gênero. O Bem e o Mal, índios e caubóis, natureza e indivíduo ganham outros valores. John Wayne ainda é o herói durão, mas amargo e sacudido pelas contradições.

O SÉTIMO SELO

(*Det Sjunde Inseglet*)
Um cavaleiro medieval, de volta das Cruzadas, joga xadrez com a morte neste conto moral dirigido em 1957 por Ingmar Bergman. É o 17º filme do mestre sueco, carregado de belas e gélidas imagens em preto e branco, derivadas dos afrescos religiosos da Idade Média.

OS 13 MAIORES FILMES

Stills

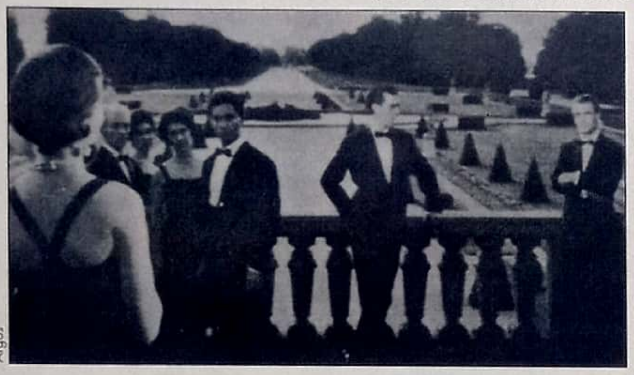
UM CORPO QUE CAI

(*Vertigo*)

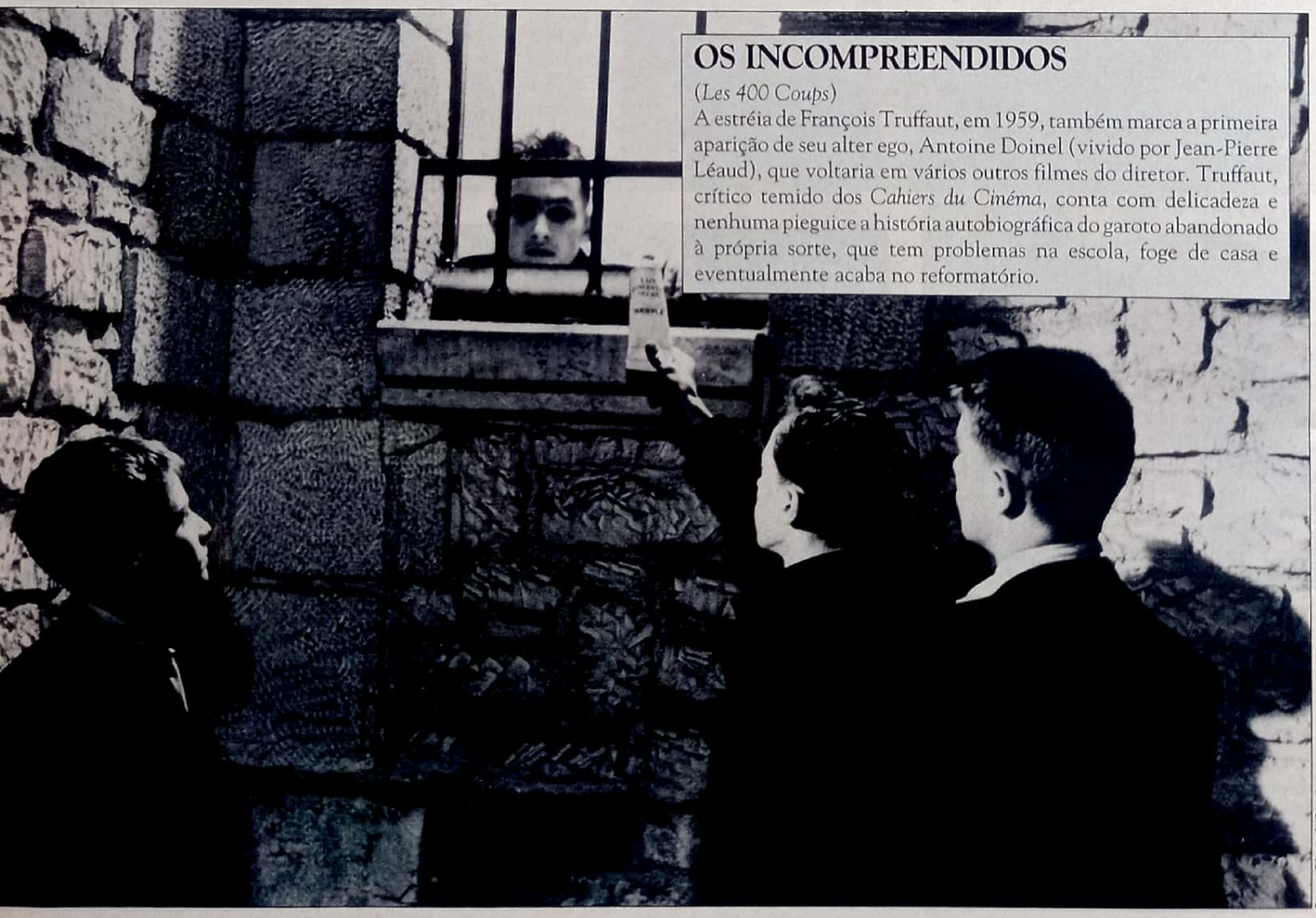
Em 1958, Alfred Hitchcock colocou suas principais obsessões neste quebra-cabeça vertiginoso e ambíguo. O mais intrigante suspense do mestre se constrói com os definitivos panoramas de San Francisco e a música de Bernard Herrmann, talvez a mais dramática de toda a sua longa parceria com o diretor.

O ANO PASSADO EM MARIENBAD

(*L'Anée Dernière a Marienbad*)


Argos

Memória e imaginação, passado, presente e futuro confundem-se no filme de 1961 de Alain Renais, baseado no roteiro de Allain Robbe-Grillet, que percorre os limites da narrativa cinematográfica. Como cenário, jardins de desenho labiríntico e um hotel em forma de palácio barroco, onde os espelhos parecem aprisionar a realidade.


Franco Filmes do Brasil

OS INCOMPREENDIDOS

(*Les 400 Coups*)

A estréia de François Truffaut, em 1959, também marca a primeira aparição de seu alter ego, Antoine Doinel (vivido por Jean-Pierre Léaud), que voltaria em vários outros filmes do diretor. Truffaut, crítico temido dos *Cahiers du Cinéma*, conta com delicadeza e nenhuma pieguice a história autobiográfica do garoto abandonado à própria sorte, que tem problemas na escola, foge de casa e eventualmente acaba no reformatório.

Vídeo Arte

2001 – UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO

(*2001 – A Space Odissey*)

Stanley Kubrick dirigiu em 1968 uma saga estelar e filosófica que iria influenciar toda a ficção científica produzida no futuro. E mais: que parece ter sido produzida no futuro, graças à atualidade de seu tema e de sua concepção visual. O computador falante HAL 9000 é elevado à categoria dos grandes personagens do cinema, um ser feito de chips mas triturado por dilemas existenciais.

CIC

APOCALYPSE NOW

(Idem)

Francis Ford Coppola rodou este épico moderno nas Filipinas, ao custo da própria saúde. Foram US$ 40 milhões gastos com helicópteros, bombardeios de napalm e um elenco em que Marlon Brando, sem cabelo, pesado, imerso nas sombras, recita T.S. Eliot. A loucura da guerra do Vietnã – e de todas as guerras –, no seu retrato mais cruel (inspirado no livro *Coração das Trevas*, de Joseph Conrad), estreou em 1979, após cinco anos de filmagens infernais.

CIC

ERA UMA VEZ NO OESTE

(*Once Upon a Time in West*)

Em 1968, o western-spaguetti virou obra-prima nas mãos do italiano Sergio Leone, que trabalha com os paradigmas do gênero: enquadramentos asfixiantes, que destacam olhos, lábios ou revólveres, e a música de Ennio Morricone. Leone realizou o sonho de trabalhar com o mito Henry Fonda, vilão pela primeira e última vez.

100 anos de cinema

O QUE SERIA DE NÓS SEM ELE?

Por Carlos Reichenbach

Um século sem cinema, e talvez eu nem tivesse nascido. Minha mãe, estoniana de Tallinn, veio ao Brasil nos anos 20, atrás da irmã. Minha tia e o marido haviam desembarcado no porto de Santos após a Primeira Guerra, seduzidos pelas toscas imagens em movimento de um país ensolarado ao sul das Américas.

O cinematógrafo foi inventado na virada do século, e Louis Lumière considerava sua invenção sem futuro. Talvez a época não estivesse preparada para um fenômeno inovador de tal dimensão. A verdade é que o cinema ajudou nosso século a avançar de maneira avassaladora. Derrubou fronteiras e aproximou culturas distintas, para além do bem e do mal.

"O cinema é uma arma maravilhosa e perigosa se usada por um espírito livre."

Luis Buñuel

Entre duas guerras mundiais, o cinema se descobriu linguagem, com Griffith, Eisenstein, Dziga Vertov e outros. Não mais a distração "inocente" ou o mero registro parcial da história. Expressões como informação, comunicação, meio de expressão e fonte de emoções acompanharam o desenvolvimento técnico e artístico da nova linguagem. Primeiro veio a luz, depois o som, a cor, a subversão do tempo e do espaço, a tela imensa, a lente anamórfica, a imagem magnética, o digital, o laser...

"O sonho de um mundo novo acompanha o crescimento do cinema. Primeiro a infância, literalmente privado da palavra (mas não do som), depois adolescente e ingênuo, jovem e temerário, adulto e reflexivo, velho e sábio, e finalmente louco, a ponto de trocar sua energia e desejo, sob a égide de seus cem anos, e em nome de seu próprio renascimento, após a morte anunciada. E aqui ficamos assistindo, prontos a sonhar o mundo novo, que os artistas do novo cinema estão prefigurando."

Fiz questão de transcrever as sábias palavras de Adriano Aprá, o mais respeitado crítico de cinema da Itália e amigo pessoal de Godard, Straus, e sobretudo Rossellini. Pensar em um passado sem cinema, além de absurdo, nos obriga a refletir sobre seu futuro. Como mero passatempo ou espetáculo, o cinema perde espaço, cada dia mais, para a televisão. E é a sua verdadeira vocação que não o deixará morrer. Mais viável que o esperanto e menos melífluo que a adoção de uma língua já existente como universal, o cinema irá aproximar culturas, preservando sua identidade e fornecendo elementos para seu entendimento. Há vários anos a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo vem demonstrando isso. Há quatro anos foi o iraniano Abbas Kiarostami, descoberto por trinta gatos pingados, e hoje lotando salas no mundo inteiro. No ano seguinte foi o indiano G. Aravindan. Depois, a revelação de Don Askarian, o cinema armênio e curdo. Em 1994, as imagens perplexas da cisão iugoslava.

Mesmo em seu aspecto mais mundano, a arte do século foi fundamental na formação de gerações; influenciando comportamentos, despertando sensibilidades e alimentando a imaginação e a esperança. Conheço uma horda de solitários que fazem das salas de cinema do centro de São Paulo o promontório de suas existências medíocres.

"O cinema é o melhor instrumento para exprimir o mundo do sonho, da emoção e do instinto."

Luis Buñuel

Se não estou enganado, foi Jacques Rivette quem narrou a seguinte história: à saída de um cinema que exibia *A Bela Intrigante*, foi abordado por um amigo, um intelecual desquitado, pai de dois filhos, e há dois anos longe da família. Emocionado com as magníficas quatro horas de grande cinema, o angustiado amigo agradeceu, e pediu que Rivette fizesse filmes mais longos. Ressabiado, o cineasta tentou detectar alguma ironia na conversa do outro. O amigo confessou que os bons filmes haviam sido suas únicas alegrias naqueles anos de sofrida separação. Que nem o sexo e nem a companhia de parceiras formidáveis superavam o prazer de um filme inteligente e emocionante. Rivette abraçou o amigo e naquela noite dormiu o sono dos deuses. Um mês depois, o intelectual se suicidou.

Iniciei o texto dizendo que se o cinema não tivesse sido inventado, eu não teria nascido. Agora, posso afirmar, categoricamente, que sem ele eu já estaria morto.

Fotos Cinemateca Brasileira

Carlos Reichenbach (de boné) dirige cena de seu filme *Alma Corsária* (1994)

CENAS BRASILEIRAS

Em sentido horário, as filmagens de *O Craque* (1953), de José Carlos Burle; Bruno Barreto dirige *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1976), recordista nacional de bilheteria; Hector Babenco e o menino Fernando Ramos da Silva no set de *Pixote* (1980); e Glauber Rocha filma *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964)

100 anos de cinema OS 40 MAIORES ASTROS

Tão íntimos de seus contemporâneos – e muitas vezes das gerações posteriores – quanto alguém da família, eles são a matéria-prima sobre a qual as ilusões se moldam e se tomam reais. Aqui os relembramos por sua ordem de entrada em cena

RETNA

CHARLES CHAPLIN (1889-1977)

Caso o século do cinema precisasse de uma única imagem para representá-lo, esta seria a de Carlitos, o vagabundo criado por um dos mais versáteis artistas que Hollywood consagrou – e depois renegou.

GRETA GARBO (1905-1990)

Foi da Suécia para os EUA em 1925 e em 1941, no auge, abandonou a carreira. Mas sua popularidade sobreviveu intacta a meio século de reclusão voluntária, que criou uma aura de mistério em torno do mito.

MARLENE DIETRICH (1901-1992)

Saiu da Alemanha para tornar-se, nos EUA, um dos maiores ícones do cinema. Aposentou-se em 1979 e recusou-se até mesmo a aparecer num documentário sobre sua carreira que ela própria produziu para Maximilian Schell.

JOAN CRAWFORD (1904-1977)

Lucille Fay Le Sueur ganhou seu nome artístico em concurso nacional, e tornou-se uma das atrizes mais longevas do cinema – além de uma das mais poderosas –, atuando durante cinco décadas. Quando já se dava sua carreira por encerrada, estrelou ao lado de sua ex-rival Bette Davis o sucesso *O Que Terá Acontecido a Baby Jane?*. Levou o Oscar por *Alma em Suplício*, e teve duas outras indicações.

GARY COOPER (1901-1961)

Na mitologia de Hollywood, ocupa lugar especial como um dos maiores heróis americanos. Ganhou dois Oscar de ator – *Sargento York* e *Matar ou Morrer* – e um honorário.

UNITED ARTISTS

ANNA MAGNANI (1908-1973)

Para Jean Renoir, ela era "um animal completo criado para o palco e para a tela". Despontou com *Roma, Cidade Aberta*, recebeu o Oscar por *A Rosa Tatuada* e, para muitos, foi a mais talentosa atriz italiana.

O CINEMA NAS PALAVRAS DE QUEM O FAZ

NEIL JORDAN
DIRETOR

"Cinema é como poesia. E nos filmes – quando eles são verdadeiramente bons – você encontra um tipo de poesia inexistente em qualquer outra forma de expressão, nem mesmo na poesia. No filme você obtém uma justaposição de idéias como não se consegue em qualquer outra forma de expressão."

ROGER CORMAN
PRODUTOR E DIRETOR

"Cinema é a possibilidade de oferecer diversão. É uma forma de expressão que concretiza as mais diversas fantasias do espectador, desde as mais irreais até as mais humanas e profundas."

JEAN RENOIR
DIRETOR

"Para mim cinema é fotografia, e o que é interessante é fotografar a realidade."

LOUIS JOUVET
ATOR

"Toda arte do cinema é a de encontrar um assento, uma cadeira para você. Só que você nunca se senta nela; toda vez que você senta em uma filmagem, está sempre na

Gary Cooper

M.G.M.

JOHN WAYNE (1907-1979)

Talvez nem ele próprio soubesse onde terminava o ator e começava o mito, ligado sobretudo à mística do western e à imagem do conquistador americano. *Bravura Indômita* lhe deu seu único Oscar.

HUMPHREY BOGART (1899-1957)

Ninguém foi mais durão do que ele nos anos 40 e 50, mística alimentada por filmes como *Relíquia Macabra* e *Casablanca*. Ganhou o Oscar por *Uma Aventura na África*.

LAURENCE OLIVIER (1907-1989)

F.J. LUCAS

Maior lenda do teatro e do cinema britânicos, agraciado pela rainha com o título de lorde, continuou trabalhando mesmo quando a saúde o impediu de andar. Hollywood reverenciou-o com onze indicações para o Oscar (ganhou o de ator por *Hamlet*) e mais dois prêmios honorários.

Katharine Hepburn e Spencer Tracy

SPENCER TRACY (1900-1967)

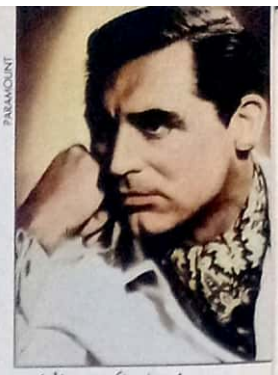
Seguros e acima de tudo honestos, seus personagens lhe valeram dois Oscar – *Marujo Intrépido* e *Com os Braços Abertos* –, outras sete indicações e uma parceria inesquecível com Katharine Hepburn.

BETTE DAVIS (1908-1989)

Dona de personalidade marcante, foi heroína e malvada com a mesma desenvoltura em cerca de cem filmes, dez dos quais lhe valeram indicações para o Oscar – que venceu por *Perigosa* e *Jezebel*.

CLARK GABLE (1901-1960)

Nos anos 30, era o "Rei de Hollywood": nº 1 do ranking de bilheteria, ganhou o Oscar por *Aconteceu Naquela Noite* e imortalizou-se como Rhett Butler em *...E o Vento Levou*.


PARAMOUNT

CARY GRANT (1904-1986)

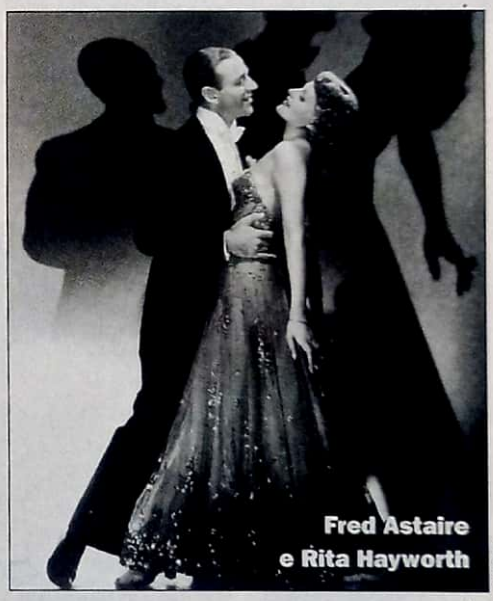
Qualquer que fosse o papel, ninguém tinha dúvidas: quem estava na tela era sempre o mesmo Cary Grant. Seu forte, porém, eram as comédias sofisticadas e os suspenses de Hitchcock, como *Ladrão de Casaca* e *Intriga Internacional*.

KATHARINE HEPBURN (1907)

Recordista absoluta com 12 indicações para o Oscar e quatro estatuetas, por *Manhã de Glória*, *Adivinhe Quem Vem para Jantar*, *Leão no Inverno* e *Num Lago Dourado*. Nem o mal de Parkinson impediu que continuasse atuando durante seis décadas.

FRED ASTAIRE (1899-1987)

"Não pode atuar. Dança um pouco", dizia o resultado de seu primeiro teste. Sem dar bola para a oposição, virou o maior dançarino que o cinema já viu, sobretudo na parceria de dez filmes com Ginger Rogers.


Fred Astaire e Rita Hayworth

COLUMBIA

cadeira de outro, e sempre surge alguém dizendo: 'Não pode sentar-se aí!'."

TOM CRUISE

ATOR

"Eu não planejo os momentos emocionais de uma cena. Eu compreendo o ponto de vista, mas deixo acontecer o que for na hora de filmar. São momentos que você não prevê. Por isso é tão importante estabelecer uma base emocional para a cena. Porque é com ela que eu, como platéia, vou me conectar depois. Caso contrário, tudo aquilo não passa de fantasia."

HUGO CARVANA

ATOR E DIRETOR

"Como eu sonho acordado, o cinema me ensinou a olhar a meu redor. E é assim que resumo minha experiência no cinema."

GABRIEL AXEL

DIRETOR

"Cinema é uma arte com futuro por possibilitar a aplicação das evoluções técnicas, como o uso do som estéreo ou o trabalho da imagem na própria película, em favor do discurso narrativo e da estética. É um espetáculo ritual, uma fiesta, que merece um grande espaço para ser desfrutado."

OS 40 MAIORES ASTROS

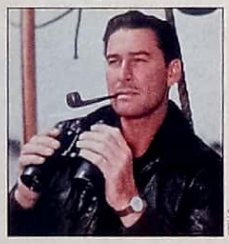
DULCE DAMASCENO DE BRITO

CARMEN MIRANDA (1909-1955)

Portuguesa de nascimento, brasileira por vocação, Carmen deu à Hollywood dos anos 40 um ritmo exuberante que permanece sem paralelos.

ERROL FLYNN (1909-1959)

Este australiano chegou a Hollywood em 1935 para tornar-se o rei do capa-e-espada, título obtido desde *Capitão Blood*. Belo e atlético, logo ganhou reputação como mulherengo e dissoluto. Terminou sua carreira interpretando alcoólatras.



STILLS

INGRID BERGMAN (1915-1982)

Da Suécia para os EUA, fez a mesma trajetória bem-sucedida de Greta Garbo. Ganhou três Oscar – *À Meia-Luz*, *Anastácia*, *a Princesa Esquecida* e *Assassinato no Expresso do Oriente* – e escandalizou Hollywood em 1949 ao trocar o marido por Roberto Rossellini.

Ingrid Bergman e Humphrey Bogart

WARNER

HENRY FONDA (1905-1982)

Patriarca do clã que inclui os filhos Peter e Jane e a neta Bridget, transmitia tamanha honestidade que só em *Era uma Vez no Oeste* pôde mudar de lado. Recebeu no hospital o Oscar por *Num Lago Dourado*, um ano depois de a Academia lhe entregar um prêmio honorário.

RITA HAYWORTH (1918-1987)

Uma das principais estrelas dos anos 40, tornou-se com *Gilda* um mito que sequer o então marido Orson Welles conseguiu destruir com *A Dama de Shanghai*.

James Stewart e Grace Kelly

JAMES STEWART (1908)

Deixou de ser apenas um ator para se transformar em monumento, o maior de que o cinema dos EUA dispõe hoje. Ganhou o Oscar por *Núpcias de Escândalos*, mas nada supera suas parcerias com Frank Capra (*Do Mundo Nada se Leva*, *A Felicidade Não se Compra*) e com Hitchcock (*Janela Indiscreta*, *Um Corpo que Cai*).

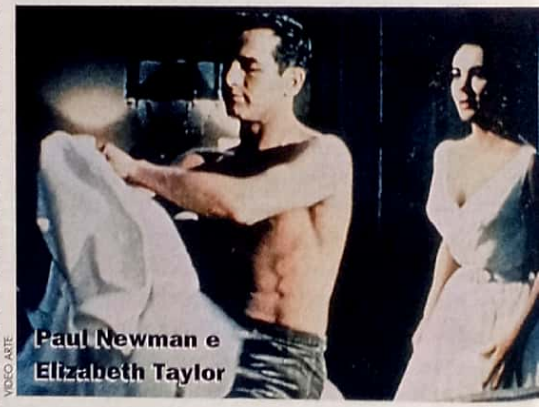
UNITED ARTISTS

JUDY GARLAND (1922-1969)

Após uma série de pequenos papéis, tornou-se uma estrela como a menina Dorothy de *O Mágico de Oz*. Ficou conhecida por seus musicais, sua linda voz, pela parceria com Mickey Rooney (em nove filmes) e pelos problemas pessoais.

ELIZABETH TAYLOR (1932)

Estrela nº 1 nos anos 50 e 60, deixou que os escândalos da vida pessoal arranhassem a carreira. Mas ganhou dois Oscar – *Disque Butterfield 8* e *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*. Mesmo afastada das telas, continua atraindo os holofotes da imprensa.



Paul Newman e Elizabeth Taylor

VIDEO ARTE

O CINEMA NAS PALAVRAS DE QUEM O FAZ

STEPHAN ELLIOTT

DIRETOR

"A cena de Apocalypse Now *em que o capitão Willard desce do barco para matar o coronel Kurtz, ao som de 'The End', do The Doors, é uma das grandes seqüências da história do cinema, uma das maiores experiências que já tive. Foi o instante que me motivou a fazer cinema. O prazer do cinema é justamente contar uma história, mas uma que me leve a um extremo emocional."*

ISABELLE HUPPERT

ATRIZ

"O cinema é muito eclético. Para mim, como atriz, cinema é captar a intimidade de uma pessoa, uma pesquisa solitária que você tenta combinar com a visão do diretor; é uma combinação de obsessões."

MERYL STREEP

ATRIZ

"Lembro quando estávamos filmando uma cena de A Casa dos Espíritos *que acabou não entrando na montagem final. Estávamos numa campina em Portugal, e eu tinha que localizar a cabeça de minha mãe*

KIRK DOUGLAS (1916)

Antes de virar o pai de Michael Douglas, foi um dos maiores galãs dos anos 40 e 50, notável também por tomar posições políticas ousadas em plena Hollywood sob domínio macarthista.

MARCELLO MASTROIANNI (1923)

À medida que envelheceu, soube escolher seus papéis. E, de playboy nos anos 50 a um respeitável avô hoje, virou unanimidade internacional.

CINERIZ

MARILYN MONROE (1926-1962)

O maior símbolo sexual de Hollywood foi também o mais traumático exemplo de como podem ser frágeis os deuses do cinema.

MARLON BRANDO (1924)

Para muitos, o maior ator que o cinema já revelou. Popularizou o "método" do Actors Studio, gerou inúmeros imitadores e levou para casa apenas seu primeiro Oscar (*Sindicato de Ladrões*), enviando uma índia fajuta para recusar o segundo (*O Poderoso Chefão*).

LFI

CHARLTON HESTON (1924)

Fez um pouco de quase tudo e ainda se mantém na ativa, mas será lembrado especialmente pelos papéis bíblicos em *Os Dez Mandamentos* (56) e *Ben-Hur* (59), que lhe deu o Oscar.

PARAMOUNT

John Wayne e Sophia Loren

Marilyn Monroe, Jack Lemmon e Tony Curtis (fantasiados)

SOPHIA LOREN (1934)

Ex-modelo descoberta pelo futuro marido Carlo Ponti, teve sua exuberância reconhecida também nos EUA, onde recebeu o Oscar por *Duas Mulheres*.

GRACE KELLY (1928-1982)

A mais sofisticada loira do cinema americano desistiu de uma carreira que incluiu três filmes com Hitchcock (*Disque M para Matar*, *Janela Indiscreta* e *Ladrão de Casaca*) para tornar-se a princesa de Mônaco. Mas o calor que parecia existir sob sua superfície gelada rende notícias até hoje.

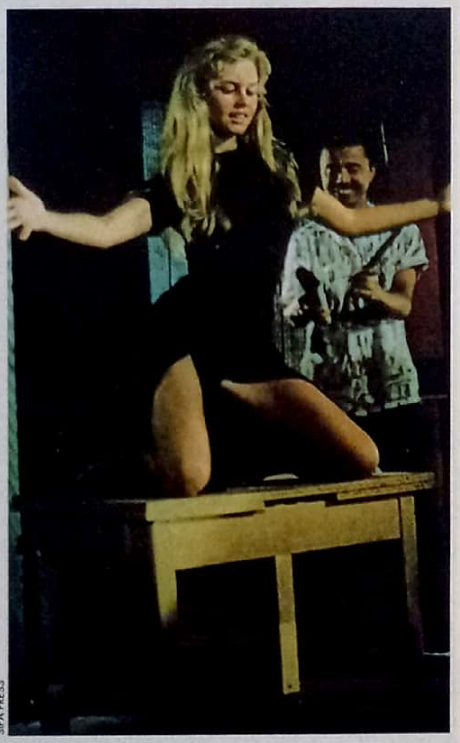
debaixo de um arbusto. Naquela época eu estava supergrávida. Chegamos ao arbusto, Glenn Close e eu, e começamos a procurar a cabeça, até que Glenn se abaixou e, sem querer, arrancou o arbusto do chão. E ela representou a cena olhando para aquele arbusto na mão dela (risos). Ficamos com aquele sentimento de que, mesmo trabalhando fora de um estúdio, numa locação, mesmo que tudo na cena seja perfeito, sempre existe um quê de ilusão – que de repente se dissipa e mostra a você que tudo não passa de um filme."

BILLY WILDER
DIRETOR
"Há somente uma regra; não conheço outra: é proibido aborrecer."

ANA CAROLINA
DIRETORA
"É um exercício que combina a inocência e a humildade do criador e a impotência ante a criação; do ponto de vista do espectador, it's entertainment."

SAMUEL FULLER
DIRETOR
"Um filme é um campo de batalhas."

100 anos de cinema OS 40 MAIORES ASTROS



SIPA PRESS

BRIGITTE BARDOT (1934)

Ex-modelo, tornou-se o maior símbolo sexual francês. Abandonou a carreira em 1974 e hoje se dedica à proteção dos animais.

SEAN CONNERY (1930)

O primeiro e insuperável James Bond superou o estigma do personagem para se tornar unanimidade de crítica e público nos anos 80, levando até um Oscar de coadjuvante por *Os Intocáveis*.

Sean Connery e Harrison Ford

UIP

JACK LEMMON (1925)

Comediante consagrado por Billy Wilder em *Quanto Mais Quente Melhor* e *Se Meu Apartamento Falasse*, recebeu o Oscar de melhor ator por um papel sério (*Sonhos do Passado*), além de uma estatueta como coadjuvante (*Mr. Roberts*).

JAMES DEAN (1931-1955)

Bastaram três filmes – *Vidas Amargas*, *Juventude Transviada* e *Assim Caminha a Humanidade*, todos de 1955 – para transformar Dean em coqueluche. Sua morte prematura, nesse mesmo ano, garantiu a permanência do mito.

PAUL NEWMAN (1925)

Hoje dividido entre o cinema, as pistas de corrida e atividades beneficentes, é um dos mais luminosos e admirados mitos americanos, embora só por *A Cor do Dinheiro* tenha recebido o Oscar, um ano após ser agraciado com um prêmio honorário.

JACK NICHOLSON (1937)

Revelado no caldo da contra-cultura dos anos 60, aprendeu a lucrar com o sistema, ainda que às vezes pareça um agente infiltrado. Dois Oscar – *Um Estranho no Ninho* e *Laços de Ternura* – ajudaram a elevar seu cachê às nuvens.

FOX

ROBERT REDFORD (1937)

Surpreendeu muita gente quando estreou na direção recebendo o Oscar por *Gente como a Gente*. Ao lado de Paul Newman, um mito que superou as fronteiras de Hollywood.

HARRISON FORD (1942)

Eleito recentemente o "astro do século", estrelou as trilogias *Guerra nas Estrelas* e *Indiana Jones*. Com amigos como George Lucas e Steven Spielberg, não tem por que reclamar da vida.

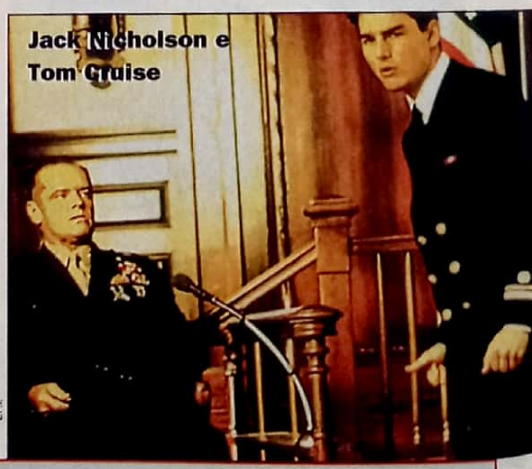
LFL

ROBERT DE NIRO (1943)

Considerado um dos principais herdeiros de Marlon Brando, tem o chamado "rosto de borracha". Scorsese foi quem melhor soube explorar sua versatilidade em filmes como *Touro Indomável*, que lhe deu o segundo Oscar – o primeiro, de coadjuvante, veio com *O Poderoso Chefão 2*.

TOM CRUISE (1962)

A mais nova aquisição da galeria estelar de Hollywood superou sua dislexia e a condição de astro adolescente para mais e mais firmar-se como um ator dedicado. Atualmente, tenta escapar do estigma de bom-moço americano.



Jack Nicholson e Tom Cruise

LFL

O CINEMA NAS PALAVRAS DE QUEM O FAZ

PIER PAOLO PASOLINI
DIRETOR
"O cinema expressa a realidade mediante a realidade. É uma espécie de ideologia especial, de vitalismo, do amor de viver dentro das coisas, dentro da vida, dentro da realidade. Expressando-me com o cinema não saio nunca da realidade, estou sempre entre as coisas, entre os homens, entre o que mais me interessa na vida: a própria vida."

ERICH VON STROHEIM
DIRETOR
"O grande público dos cinemas não é o pobre de espírito que muitos produtores imaginam."

ROMAN POLANSKI
DIRETOR
"Nenhum filme consegue nos envolver do começo ao fim como um romance de Raymond Chandler."

MICHELANGELO ANTONIONI
DIRETOR
"A posição da câmera está presa a um fato moral."

100 anos de cinema

UMA ARTE EM CRISE PERMANENTE

Por José Geraldo Couto

O cinema é um meio de expressão que vive em crise praticamente desde que foi inventado, há cem anos. A evolução do cinema pode mesmo ser vista como a história de suas sucessivas crises, e das saídas que se encontraram para elas. O advento do filme sonoro, no fim dos anos 20; a introdução da cor, uma década depois; a concorrência da TV, a partir dos anos 40, todos esses foram momentos de impasse e confusão que exigiram um rearranjo da indústria. O cinema sobreviveu a todas essas intempéries, principalmente nos Estados Unidos. A indústria cinematográfica americana fatura hoje quase US$ 20 bilhões por ano e é o segundo produto de exportação do país, superado apenas pela indústria aeronáutica.

A despeito disso, o cinema está em crise. Uma crise de natureza diferente das anteriores, que projeta muitas incertezas quanto ao seu futuro. Embora as avaliações dos especialistas sejam as mais diversas, há um consenso: dificilmente o cinema sobreviverá tal como o conhecemos hoje – projeção de filmes em salas para centenas de pessoas. O mais provável é que essa modalidade "antiga" de cinema divida cada vez mais espaço com outras formas de consumo da imagem em movimento (TV, vídeo, laser disc, CD-ROM, rodovias de informação etc.), até ser completamente substituído por elas. Nesse cenário, o cinema projetado na tela grande sobreviveria apenas em pequenos nichos, em rituais cultivados por uma minoria de iniciados, sem nenhuma expressão econômica.

Há duas ressalvas a fazer a esse prognóstico. Primeiro: ele ainda demora um pouco a se concretizar, pelo menos nos EUA, onde tem até aumentado o número de ingressos de cinema vendidos anualmente (cerca de um bilhão, consumidos por 150 milhões de americanos). Na Ásia (sobretudo Índia, China e Hong Kong) a freqüência ao cinema também continua intensa. Só na Europa e na América Latina é que caiu sensivelmente o número de espectadores. No Brasil, essa queda é dramática: em 1975 foram vendidos 275 milhões de ingressos no país; em 1993, esse número caiu para 83 milhões.

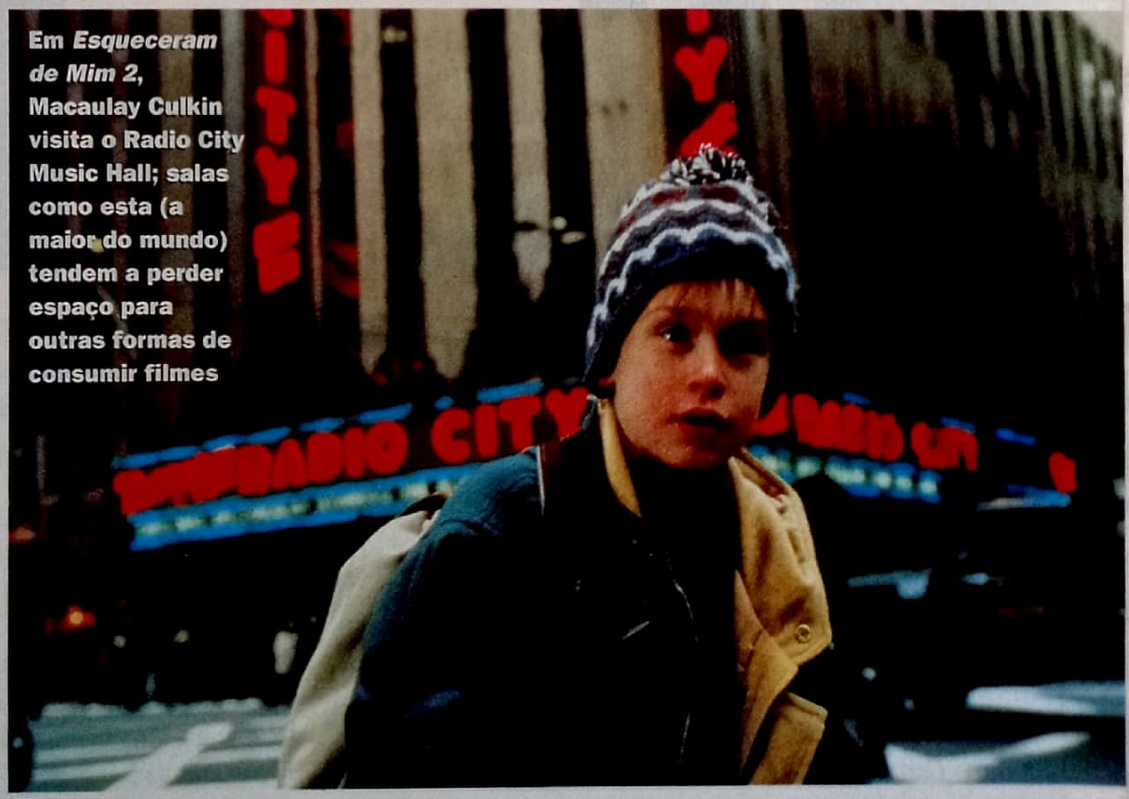
Segunda ressalva: essa crise diz respeito ao modo de consumo dos produtos audiovisuais. A produção continuará a crescer, e até num ritmo nunca visto antes, para atender a uma demanda vertiginosamente crescente. De acordo com especialistas, hoje são produzidos 4.000 títulos por ano de obras audiovisuais (filmes, telefilmes, videofilmes, minisséries de TV). Esse número deve subir para 67 mil títulos/ano no ano 2000.

Tudo indica que os produtos audiovisuais destinados a satisfazer essa procura serão realizados cada vez menos no suporte propriamente cinematográfico (a película de celulóide) e cada vez mais em outros suportes (vídeo, disquete eletrônico etc.). A explicação econômica é implacável: o custo do cinema cresce 16% ao ano, enquanto a imagem eletrônica é cada vez mais barata, graças aos rápidos avanços tecnológicos.

Diante desse quadro infra-estrutural, o cinema é obrigado a se redefinir enquanto arte e meio de expressão. Os caminhos são os mais diversos. Há quem aposte, em Hollywood, que a saída para impedir a evasão do público é investir pesado no grande espetáculo, com profusão de efeitos especiais e a qualidade da imagem que só o cinema (por enquanto, pelo menos) pode proporcionar. É o caso, por exemplo, de um filme como *Parque dos Dinossauros*, a maior bilheteria de todos os tempos (mais de US$ 700 milhões).

Inversamente, há quem acredite que a saída para o cinema está em oferecer um produto mais inteligente e pessoal (mais "autoral") do que o ofertado pelo restante da indústria audiovisual. Paradoxalmente, quem pensa assim também tem razão. O interesse, na Europa e nos EUA, por cinematografias periféricas, é um indicador de que muitos espectadores, cansados da padronização Hollywood/TV, buscam o "diferente". Os próprios cineastas independentes americanos crescem em seu mercado e no exterior, a despeito da tendência geral da concentração da atividade cinematográfica em grandes blocos econômicos multimídia, como Sony, Time/Warner e Matsushita.

Concentração econômica e segmentação do mercado, em suma, são as duas tendências opostas que devem permitir que, pelo menos nos próximos anos, o cinema continue a ser uma indústria multifacetada, com brechas para o surgimento, aqui e ali, de lampejos de grande arte.

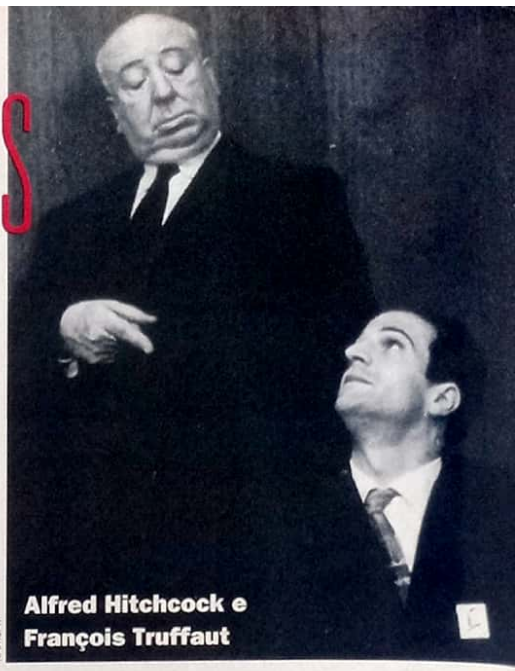


Em *Esqueceram de Mim 2*, Macaulay Culkin visita o Radio City Music Hall; salas como esta (a maior do mundo) tendem a perder espaço para outras formas de consumir filmes

FOX

100 anos de cinema OS 40 MAIORES DIRETORES

Cada um à sua maneira, eles cuidaram para que o cinema jamais fosse o mesmo. Sua história é, portanto, a própria história da grande arte deste século


Alfred Hitchcock e François Truffaut
RAMSAY

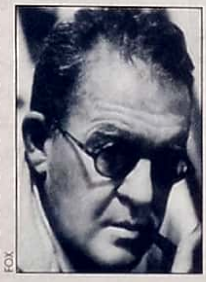
UNITED ARTISTS

D.W. GRIFFITH (1875-1948)
Ordenou as principais descobertas narrativas do início do século e consagrou-se como o "fundador" da gramática do cinema.

ERNST LUBITSCH (1892-1947)
Nascido na Alemanha, foi para os EUA em 1923 e estabeleceu-se como um mestre da comédia sofisticada.

SIPA PRESS

ABEL GANCE (1889-1981)
Reconhecido como um dos grandes gênios do cinema, recorreu à tela tríplice para exibir a grandeza de seu *Napoleão*.


FOX

JOHN FORD (1895-1973)
Recordista com quatro Oscar de melhor diretor, celebrizou-se principalmente por seus westerns. Tornou-se uma autêntica instituição americana.

CECIL B. DE MILLE (1881-1959)
De Mille experimentou todos os gêneros cinematográficos, mas consagrou-se como o fundador do épico histórico e religioso de proporções antes inimagináveis, do qual o maior exemplo é *Os Dez Mandamentos*.

FRITZ LANG (1890-1976)
Estrela do expressionismo alemão, foi para os EUA fugindo do nazismo. Aposentou-se em 1960, de volta à Alemanha.

F.W. MURNAU (1888-1931)
Um acidente de carro pôs fim a uma carreira que começava a repetir, nos EUA, a genialidade de suas obras-primas alemãs.

ALFRED HITCHCOCK (1899-1980)
Um dos preferidos do grande público, criou um universo todo particular. De 1951 a 1963, fez uma inigualável sucessão de obras-primas.

GLOBO VÍDEO

SERGEI EISENSTEIN (1898-1948)
Importante tanto pelos filmes quanto pelos textos que deixou, elevou a montagem a seu devido lugar no processo de criação cinematográfica.

O CINEMA NAS PALAVRAS DE QUEM O FAZ

JOSÉ LEWGOY
ATOR
"Há uma frase de grande significado para o cinema brasileiro – é uma fala de Carnaval de Fogo, *a primeira comédia com Oscarito: 'O chefe tem uma cigarreira preta com um anjo de prata na tampa'. Esta é uma frase de um dos bandidos. Há inúmeras falas que se aplicam à história do cinema, como 'Play it again, Sam', de* Casablanca. *Não posso comprimir a história do cinema numa frase ou numa cena, mas espero sinceramente que ela não termine neste século."*

JIM MCBRIDE
DIRETOR
"Cinema é imagem psicossensual. Não é um conceito para ser decifrado, mas a soma do mistério da sexualidade com o mistério das imagens. Esse é o início do impulso criativo."

FRANCIS FORD COPPOLA
DIRETOR E PRODUTOR
"Para mim, a grande esperança é que agora, com essas coisas que estão aparecendo, como

Jean Renoir

JEAN RENOIR (1894-1979)

Filho do pintor Auguste Renoir, dirigiu obras-primas que dividem o cinema francês em "antes" e "depois", como *A Grande Ilusão* e *A Regra do Jogo*.

COLUMBIA

FRANK CAPRA (1897-1991)

Suas comédias engrandecedoras ajudaram o público americano a superar as agruras da Depressão e do New Deal de Roosevelt, nos anos 30 e 40.

HOWARD HAWKS (1896-1977)

Versátil, exercitou-se com a mesma competência por quase todos os gêneros e rivalizou com Ford nos anos de ouro de Hollywood.

PARAMOUNT

CINEMATECA BRASILEIRA

YASUJIRO OZU (1903-1963)

Elegeu como matéria-prima de seus filmes o cotidiano, dedicando a ele um olhar original que até hoje influencia os mais variados cineastas.

LUIS BUÑUEL (1900-1983)

Responsável no início de carreira por levar o surrealismo ao cinema, tornou-se com o tempo um mestre incomparável da farsa e da sátira social.

VITTORIO DE SICA (1902-1974)

Ator em mais de cem filmes, ajudou como diretor a popularizar o neo-realismo italiano em todo o mundo com *Ladrões de Bicicletas*.

PARAMOUNT

WARNER BROS.

JOHN HUSTON (1906-1987)

Ex-boxeador, herdou o gosto pelo cinema do pai, o ator Walter Huston, e transferiu-o para os filhos – a atriz Anjelica, o diretor Danny e o roteirista Tony.

ROBERTO ROSSELLINI (1906-1977)

Roma, Cidade Aberta e *Paisà* são marcos do neo-realismo italiano. Foi casado com Anna Magnani e Ingrid Bergman .

VITI

SAGRES

Luis Buñuel

CONTINENTAL

ORSON WELLES (1915-1985)

Para alguns, um charlatão. Para outros, o maior cineasta surgido nos EUA. Estreou no cinema com *Cidadão Kane*. Precisava mais?

DAVID LEAN (1908-1991)

Na primeira fase de sua carreira, dedicou-se a filmes intimistas. Na segunda, virou um dos mais respeitados especialistas em épicos e superproduções.

M-G-M

os gravadores de vídeo de 8 mm, algumas pessoas que normalmente não fariam filmes passem a fazê-los. Algum dia, uma garota gordinha de Ohio será o novo Mozart e fará um lindo filme com a camerazinha do seu pai. Daí o assim chamado profissionalismo terá sido destruído, e o cinema passará a ser uma forma de arte. Essa é minha opinião."

KEANU REEVES

ATOR

"Era uma cena de Ligações Perigosas *em que Glenn Close e eu saíamos do castelo cavalgando, cercados de pessoas. Antes de o diretor gritar 'ação' eu olho para Glenn e ela está dando o maior sorriso do mundo, feliz da vida. 'Não é o máximo?', ela diz, olhando a seu redor. 'Nós aqui, vestindo essas fantasias maravilhosas, fazendo este maior faz-de-conta. É o maior barato.' E ela estava certa."*

IVAN CARDOSO

DIRETOR

"Cinema ainda é a maior diversão, a única possibilidade que você tem de sonhar estando acordado. É por isso que os filmes mais marcantes são os primeiros de sua vida – como, no meu caso, foram os seriados cinematográficos."

OS 40 MAIORES DIRETORES

LUCHINO VISCONTI (1906-1976)

Apelidado de "o mais aristocrático dos marxistas", também emprestou seu refinamento ao teatro e à ópera.

BILLY WILDER (1906)

Vencedor de seis Oscar como produtor, diretor e roteirista, recebeu outras 13 indicações e o prêmio Irving G. Thalberg. No drama ou na comédia, um dos maiores talentos revelados por Hollywood.

WARNER

AKIRA KUROSAWA (1910)

A popularidade no Ocidente – onde é celebrado como um gênio – custou-lhe desavenças no Japão, onde já enfrentou dificuldades para filmar.

RETNA

INGMAR BERGMAN (1918)

Homem de teatro que levou para o cinema a paixão por conflitos psicológicos intensos, afastou-se da tela grande com *Fanny e Alexander*.

ELIA KAZAN (1909)

Outra fera do teatro que, no cinema, destacou-se pela ousadia dos temas e pela sempre impecável direção de atores, entre eles Marlon Brando.

U.F.I.

LOURIVAL RIBEIRO

MICHELANGELO ANTONIONI (1912)

Um dos maiores estilistas do cinema italiano, ganhou a Palma de Ouro em Cannes com *Blow-Up*. Um derrame, em 1985, limitou suas atividades.

FEDERICO FELLINI (1920-1993)

Um dos poucos cineastas a ter seu nome transformado em adjetivo, fez de Rimini um santuário do cinema e ganhou quatro Oscar de filme estrangeiro.

STANLEY KUBRICK (1928)

Ex-fotógrafo, tornou-se um mestre (para muitos, o maior) do cinema contemporâneo. Hoje, sai do seu castelo na Inglaterra apenas quando um projeto realmente o comove.

SIPA PRESS

ROBERT ALTMAN (1925)

Autor de retratos mordazes da sociedade americana, voltou à melhor forma com *O Jogador* e *Short Cuts*.

STILLS

ALAIN RESNAIS (1922)

Conhecido como "o cineasta do tempo e da memória", ergueu um nicho à parte dentro da Nouvelle Vague francesa.

RETNA

Federico Fellini

O CINEMA NAS PALAVRAS DE QUEM O FAZ

BILLY WILDER

DIRETOR

"A verdade é que você faz um filme para as vinte pessoas que você respeita; se elas gostam, isso consola pelos milhões que não o apreciaram ou que não o foram ver."

AKIRA KUROSAWA

DIRETOR

"Suponho que todos os meus filmes têm um tema em comum. Mas, se pensar no assunto, o único tema que me vem à mente é realmente uma pergunta: por que as pessoas não podem ser mais felizes juntas?"

KEVIN BACON

ATOR

"Um dos filmes que mais me influenciou foi Perdidos na Noite. *Eu era bem jovem quando o filme saiu. E havia algo... todas as emoções que o filme passava, tristeza, humor, horror e* pathos, *eu sentia tudo aquilo. Eu era um garoto mas, instintivamente, sabia que aqueles dois atores estavam fazendo personagens tão interessantes e, ao mesmo tempo, tão diferentes deles mesmos. E com tanta paixão – aquilo me inspirou."*

FRANÇOIS TRUFFAUT (1932-1984)
Adotado pelo crítico André Bazin, abandonou as ruas para tornar-se o mais popular diretor surgido com a Nouvelle Vague.

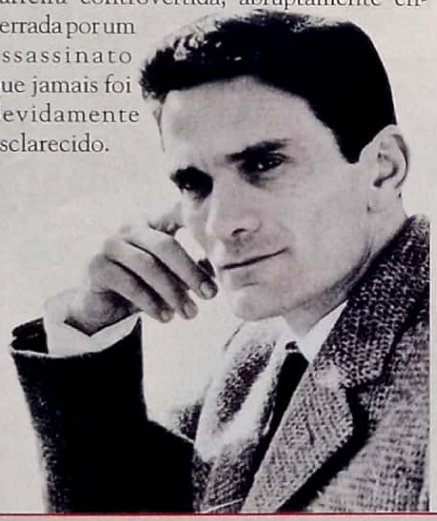
JEAN-LUC GODARD (1930)
Ao lado de Truffaut, o principal artífice da Nouvelle Vague, ainda hoje um inesgotável e polêmico experimentador.

BELAS-ARTES

PARAMOUNT

FRANCIS FORD COPPOLA (1939)
O mais ambicioso e polêmico cineasta americano da sua geração quase naufragou no sonho de montar um estúdio próprio, mas sobreviveu à tempestade.

PIER PAOLO PASOLINI (1922-1975)
Poeta e militante marxista, construiu uma carreira controvertida, abruptamente encerrada por um assassinato que jamais foi devidamente esclarecido.



BERNARDO BERTOLUCCI (1940)
Aos 24 anos, despontou com *Prima Della Rivoluzione*. Aos 47, com *O Último Imperador*, virou o primeiro marxista confesso a fechar a banca do Oscar.

TOP TAPE

GAMMA

ANDREI TARKOVSKI (1932-1986)
Filho de poeta, dirigiu apenas sete filmes, mas deixou uma experiência espiritual única no cinema contemporâneo.

COLUMBIA PICTURES

MARTIN SCORSESE (1942)
Discípulo de Roger Corman, demorou a ser reconhecido como um dos principais diretores americanos de sua geração, mestre no retrato da violência urbana.

WOODY ALLEN (1935)
O verdadeiro rei de Nova York (a cidade é personagem freqüente de seus filmes) revela sua personalidade analítica em duas vertentes: a bergmaniana e a cômica – geralmente mais bem-sucedida e marcada pelo cinismo paródico de alto QI.

UNITED ARTISTS
Woody Allen

RAINER WERNER FASSBINDER (1945-1982)
Em 13 anos como cineasta, fez mais de 40 filmes. Fora das telas, também não parava um segundo. Foi a maior estrela do Cinema Novo alemão.

WIM WENDERS (1945)
Hoje em decadência, foi o mais festejado diretor alemão (e talvez europeu) dos anos 80, admirador de Antonioni, Ozu e do cinema americano.

COLUMBIA TRISTAR

AMBLIN

STEVEN SPIELBERG (1947)
O rei Midas da atual Hollywood contribuiu mais do que ninguém para revitalizar a indústria americana a partir dos anos 70. E, afinal, ganhou seu Oscar de direção, por *A Lista de Schindler*.

FRANÇOIS TRUFFAUT
DIRETOR

"Atualmente tenho muito mais tendência a negar essa idéia de 'autor total' que ajudei a criar como crítico. Se bem que, mesmo que não escreva uma linha do roteiro, é o diretor que conta, é com ele que o filme se parece, como impressões digitais. O filme pode ser uma imagem melhorada ou piorada dele, mas é apenas com ele que o trabalho realizado se parece."

DILYS POWELL
CRÍTICA

"Olhando-se para trás, para o início modesto no cinema, vê-se que Laurence Olivier foi sempre o ator. Algumas estrelas de cinema (algumas das maiores) não são realmente atores ou atrizes. Existem por si, apenas estão ali. Olivier jamais foi assim – ele sempre foi o ator, mas o ator que adquiriu as qualidades necessárias ao cinema. Olhe para a tela: ele é o mestre."

JOHN TRAVOLTA
ATOR

"O cinema tem o dom incrível de inspirar e motivar. E porque o filme é algo permanente, consegue inspirar para todo o sempre. E acho que é disso que mais gosto no cinema."

100 anos de cinema

OS 12 PRODUTORES MAIS INFLUENTES

A palavra final sempre pertence a eles – e alguns acertaram em cheio

SAMUEL GOLDWYN (1882-1974)
Responsável por levar escritores como Ben Hecht e Lillian Hellman para Hollywood, teve sete de suas produções indicadas para o Oscar, que faturou com *Os Melhores Anos de Nossas Vidas*.

IRVING G. THALBERG (1899-1936)
Como chefe de produção da MGM, tornou-se lendário – e nome de prêmio da Academia – ao colocar os estúdios no centro do sistema hollywoodiano.

JACK L. WARNER (1892-1978)
Caçula dos quatro irmãos que fundaram a Warner Bros., foi chefe de produção do estúdio por décadas e, pessoalmente, ganhou o Oscar de filme com *Minha Querida Dama*.

LOUIS B. MAYER (1885-1957)
Vice-presidente da MGM de 1924 a 1951, foi durante esse período o mais poderoso magnata de Hollywood e o maior salário dos EUA.

DARRYL F. ZANUCK (1902-1979)
Na 20th Century-Fox, foi chefe de produção e presidente. Teve nada menos que 12 produções indicadas para o Oscar de filme, que levou para casa três vezes – *Como Era Verde o Meu Vale*, *A Luz É para Todos* e *A Malvada*.

DAVID O. SELZNICK (1902-1965)
Para ele, o controle criativo dos filmes também deveria caber ao produtor. Sua defesa de tese é *...E o Vento Levou*.

WALT DISNEY (1901-1966)
Mickey Mouse, nascido em 1928, foi o primeiro sucesso de um império que tornou seu criador sinônimo de animação em todo o mundo, e que ainda hoje dá as cartas na área com filmes impecáveis como *Aladdin* e *O Rei Leão*.

O CINEMA NAS PALAVRAS DE QUEM O FAZ

LUIS BUÑUEL
DIRETOR

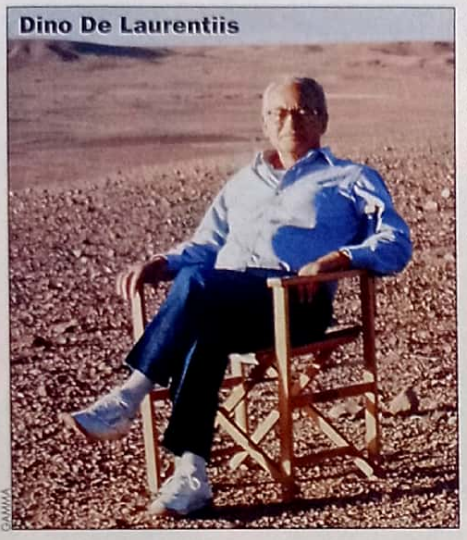
"Um Cão Andaluz *nasceu do encontro de dois sonhos. Chegando à casa de Dalí, em Figueras, onde fora convidado para passar alguns dias, contei-lhe que sonhara recentemente com uma nuvem fina cortando a Lua e uma navalha fendendo um olho. Por sua vez, ele me contou que acabara de ver, em sonhos, na noite anterior, uma mão cheia de formigas. Acrescentou: 'E se fizéssemos um filme a partir disso?'."*

QUENTIN TARANTINO
DIRETOR

"*Outro dia vi* Ed Wood, *o novo filme de Tim Burton. E acho que é o melhor filme já feito sobre a arte de fazer filmes. É uma mensagem de amor que Burton escreveu pela expressão artística e pelo cinema. É um filme sobre um cineasta que nem é um bom cineasta. Mas está tudo lá. Quando assisto a* Ed Wood *vejo que é por causa daquilo que eu queria fazer o que faço hoje. Eu me identifico totalmente com aquele*

ARTHUR FREED (1894-1973)

Fez vaudeville com os irmãos Marx e consagrou-se como o gênio dos musicais. *Um Americano em Paris* e *Gigi* ganharam o Oscar de melhor filme, mas seu principal cartão de visita é *Cantando na Chuva*.



DINO DE LAURENTIIS (1918)

Trabalhou com Fellini (*A Estrada da Vida*) e Godard (*O Demônio das Onze Horas*) antes de se especializar em superproduções como *Romeu e Julieta*, *King Kong* e *Ragtime*.

ALBERT R. BROCCOLI (1909)

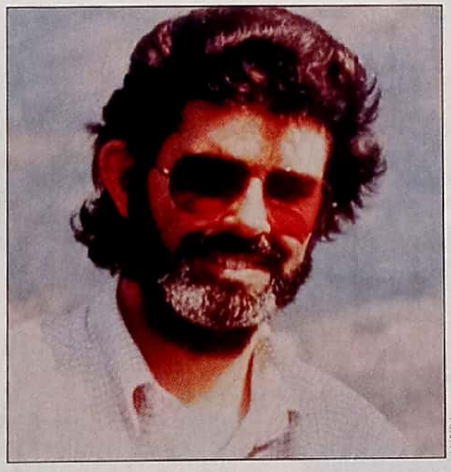
Ex-agrônomo, juntou-se a Harry Saltzman para criar a série *James Bond*, a mais bem-sucedida da história do cinema, com 16 filmes e faturamento superior a US$ 1 bilhão.

ROGER CORMAN (1926)

Começou em Hollywood como mensageiro e virou o rei dos filmes B. Coppola, Scorsese, Jonathan Demme, James Cameron, Jack Nicholson e Robert De Niro receberam dele a primeira chance.

GEORGE LUCAS (1944)

Saiu da universidade para renovar Hollywood com a trilogia *Guerra nas Estrelas*. Parceiro de Coppola e Spielberg, socorreu Kurosawa em momento de dificuldade e contribuiu decisivamente para a evolução tecnológica da indústria.



NOS BASTIDORES

Música, figurino, fotografia não contribuem para o sucesso de um filme por passe de mágica. Aqui estão alguns de seus expoentes

EDITH HEAD (1907-1981)

Trinta e cinco indicações para o Oscar (e oito estatuetas conquistadas) traduzem a importância dos figurinos de Edith para o cinema. Jean Harlow, Mae West, Veronica Lake, Elizabeth Taylor, Grace Kelly e Bette Davis estão entre as atrizes em dívida para com esta figura surpreendentemente austera.

BERNARD HERRMAN (1911-1975)

Levado a Hollywood por Orson Welles, compôs a música de *Cidadão Kane* e de oito clássicos de Hitchcock, entre eles *Um Corpo que Cai* e *Psicose*. Ganhou o Oscar, no ano de *Kane*, por *The Devil and Daniel Webster*.

NINO ROTA (1911-1979)

De 1951 a 1979, musicou 15 filmes de Fellini – a mais célebre parceria do gênero no cinema. O Oscar, contudo, veio por *O Poderoso Chefão 2*.

GREGG TOLAND (1904-1948)

Aos 25, tornou-se o mais jovem fotógrafo de Hollywood. Welles aproveitou suas experiências com profundidade de campo e movimentos de câmera em *Cidadão Kane*. Oscar por *O Morro dos Ventos Uivantes*.

cara. Chorei nuns oito trechos diferentes (risos). *E, quando alguém ria ao meu lado, eu gritava:'Cala a boca, bicho, você está diante da alma desse cara. O que é que você fez na sua vida?'."*

AKIRA KUROSAWA
DIRETOR
"Ser um artista significa nunca fechar os olhos."

MARLON BRANDO
ATOR
"Eu dou risada das pessoas que dizem que fazer filmes é arte e que os atores são artistas. Artistas foram Rembrandt, Beethoven, Shakespeare e Rodin; os atores são formigas operárias que participam de um negócio e labutam por dinheiro. É por isso que sempre se fala em 'indústria do cinema'."

Depoimentos concedidos a José Emilio Rondeau, Deborah Peleias e Christian Petermann; trechos extraídos dos livros *Hollywood – Entrevistas*, de Michel Ciment; *Homenagem a Olivier*, editado por Garry O'Connor; *Relato Autobiográfico*, de Akira Kurosawa; *Brando – Canções que Minha Mãe me Ensinou*, de Marlon Brando e Robert Lindsay; *Escritos sobre Cinema (1926-1971)*, de Jean Renoir; *O Cinema Segundo François Truffaut* (textos reunidos por Anne Gillain); *Os Filmes de Kurosawa*, de Donald Richie; *Meu Último Suspiro*, de Luis Buñuel; e do documentário *Apocalipse de um Cineasta*, de Fax Bahr e George Hickenlooper.

O MÁSKARA

O diretor Charles Russell conta como o "homem de borracha" Jim Carrey vira personagem de HQ nesta comédia repleta de efeitos

Tarde de maio, e uma frente fria chegou ao sul da França, enchendo a Riviera de vento e nuvens cinzentas. O mau tempo, porém, não tira o entusiasmo do americano Charles Russell, em Cannes para fazer a pré-divulgação de *O Máskara*, sua engenhosa comédia *noir state-of-the-art*. Russell fala com a segurança e a convicção de um bom vendedor lambendo sua nova cria. Mas nervoso ele está.

"Sinto-me como alguém que ainda não terminou de fazer seu dever de casa – e espera que ninguém perceba (*risos*)", diz o diretor. "Dá nos nervos ver os traillers de *O Máskara* já passando nos cinemas, enquanto ainda estou terminando o filme! Mas isso faz parte da própria natureza desse tipo de filme, que usa tanta animação computadorizada: até o finalzinho você ainda está trabalhando na pós-produção. Intelectualmente, compreendo o processo e sei que estou dentro do prazo. Mas emocionalmente não existe coisa pior!"

Russell se refere aos sofisticados efeitos especiais do filme, que transformam o pacífico e tímido bancário Stanley Ipkiss (Jim Carrey) num personagem de HQ de carne e osso, malicioso, extrovertido e hiperativo. Para que essa metamorfose ocorra, basta ele vestir uma misteriosa máscara antiga. Nenhuma comédia utilizou até hoje efeitos tão avançados.

Se tivesse uma bola de cristal, no entanto, Russell anteveria não apenas a conclusão sem problemas da pós-produção, mas um futuro próspero para o filme e para Jim Carrey. Somente nos EUA, *O Máskara* rendeu US$ 114 milhões desde sua estréia em julho. E o cachê de Jim, antes mesmo de o filme chegar às telas, passou a valer US$ 7 milhões.

Mas o filme não é só uma boa oportunidade de ver como Carrey movimenta seu rosto de massinha de modelar sob uma máscara verde-abacate: a estreante e estonteante Cameron Diaz, uma modelo da agência Elite, vive a namoradinha do bancário/herói, a única mulher a entender o homem por trás do disfarce.

José Emilio Rondeau

The Mask, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Charles Russell ■ ROTEIRO: Mike Werb ■ MONTAGEM: Arthur Coburn ■ FOTOGRAFIA: John Leonetti ■ MÚSICA: Randy Edelman ■ Com Jim Carrey, Cameron Diaz, Peter Riegert, Amy Yasbeck ■ DISTRIBUIÇÃO: Play Arte ■ DURAÇÃO: 101 min.

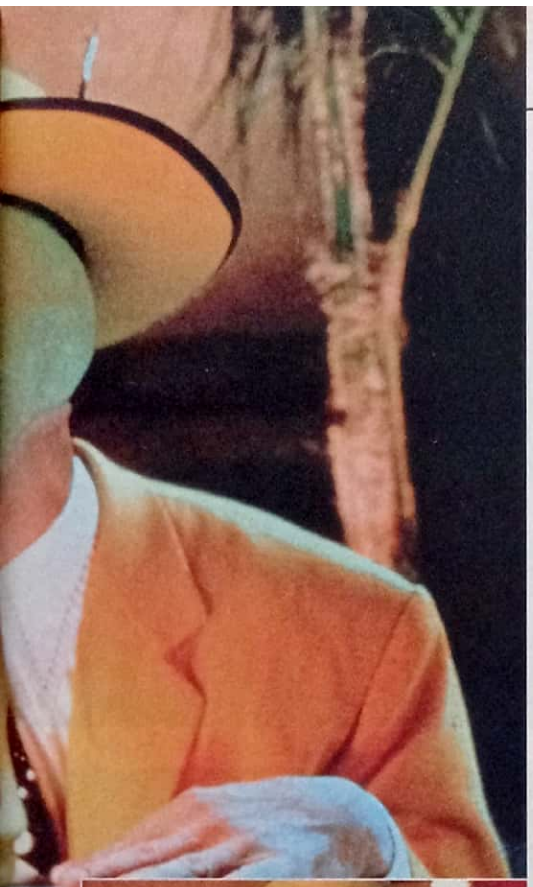
O Máskara fica de língua de fora ao assistir a uma apresentação da bela Cameron Diaz

Fotos Play Arte

Jim Carrey, Diaz e o diretor Charles Russell

O NASCIMENTO DE *O MÁSKARA*

"Não fizemos o filme porque a história em quadrinhos em que O Máskara é baseado fosse famosa, nem porque houvesse uma platéia sequiosa por um filme assim, mas por causa do conceito em si. É que existe algo de profundo e contagiante sobre a idéia de uma máscara antiqüíssima que muda as pessoas. Pode até ser uma idéia simples, mas para um cineasta ela dá margem a inúmeras possibilidades visuais e criativas. A transformação do personagem Stanley Ipkiss no Máskara é bastante gráfica e visível, me lembra Dr. Jekyll e Mr. Hyde."



A MAQUIAGEM

"O processo de maquiagem de Jim consumia cerca de cinco horas diárias. Me preocupava, por outro lado, que a máscara propriamente dita e o uso pesado de efeitos especiais tirassem a espontaneidade de Jim e a maleabilidade do seu rosto e corpo. Tanto que dei a ele espaço para improvisar momentos humorísticos, mesmo no mundo rígido do design de efeitos especiais. E também cuidei para que a maquiagem não ocultasse suas expressões faciais. Para isso bolamos uma máscara que mudava todo o rosto dele, mas mantinha móveis e destacadas todas as partes móveis do rosto de Jim. Foi um grande desafio. Geralmente o que se faz é cobrir o rosto dos atores com látex ou recorrer a complicadas técnicas de animatronics – máquinas, em vez de pessoas. Mas Jim já é um homem de borracha."

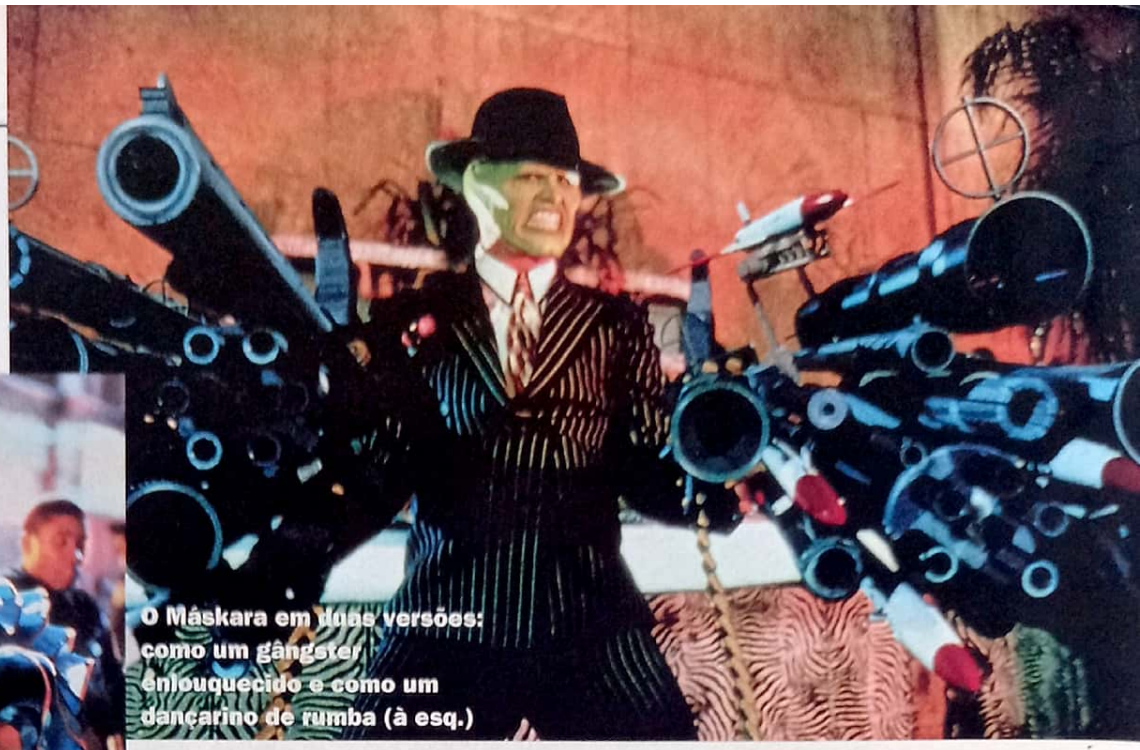
A TECNOLOGIA

"Cada tomada é tão complexa que realizar este filme sem a colaboração da Industrial Light & Magic teria sido muito difícil, senão impossível. Às vezes acho que estou trabalhando na Nasa: o grau de tecnologia utilizado é fascinante. Se tivéssemos começado a filmar seis meses antes, teriam-nos dito que seria um projeto impossível. Durante as filmagens foram inventados novos programas de computador, como o de photo real imaging, com o qual manipulamos uma imagem de tal maneira a transformá-la em outra, mas sem que o processo deixe marcas. É uma técnica usada na pós-produção; muito do que aparece no filme pronto não existia na hora em que aquela cena foi filmada. Os atores tinham que contracenar com algo que só existiria na pós-produção. No caso de Jim Carrey fica bem mais fácil – ele tem uma tremenda imaginação. Houve casos até em que descartei o uso de efeitos especiais, porque Carrey realizou os 'efeitos' apenas manipulando o próprio corpo."

De cima para baixo, as etapas de elaboração de um dos efeitos de *O Máskara*

O ESTILO

"Misturamos vários estilos: comédia, film noir, musicais da Metro, filmes de gângster e desenhos animados."



O Máskara em duas versões: como um gângster enlouquecido e como um dançarino de rumba (à esq.)

JIM CARREY

"Jim é um tremendo atleta, como Harold Lloyd. Parece que ele não está fazendo esforço algum – ou parece que o corpo dele está sempre totalmente fora de controle. Jamais pensaria em fazer este filme sem ele. Desenvolvi O Máskara especialmente para Carrey. Não me surpreende que ele tenha virado um tremendo astro nos EUA, porque conheço o trabalho dele desde o início."

Carrey e o cão Milo "travestido" com a máscara, um dos grandes lances do filme

O bancário Stanley Ipkiss e sua máscara mágica

SÓ VOCÊ

Mais uma comédia romântica nos moldes dos clássicos dos anos 40

Hollywood tem uma paixão especial pelos filmes românticos de antigamente, talvez menos por nostalgia que por preguiça ou absoluta falta de imaginação.

Em vez de buscar scripts novos que contenham histórias originais, a indústria prefere recorrer a refilmagens dos clássicos românticos. Ou então, no caso de filmes como *Só Você*, cria filmes novos, mas com os maneirismos dos filmes antigos, salpicando suas produções com cacoetes estilísticos tidos como "típicos" dos filmes românticos. Ou seja: uma trilha sonora no estilo dos anos 40, um cenário nova-iorquino ou europeu. E uma mocinha choramingona.

O que nos leva a Marisa Tomei. Ela faz o que pode, mas não consegue esconder a afetação xaroposa de sua personagem. Faith é uma professorinha que desiste do casamento na última hora (você já viu esse filme antes) para ir atrás de um tal Damon Bradley, homem cujo nome lhe foi dito ainda na infância numa brincadeira pseudo-paranormal mas que ela jamais encontrou – até que ele se revela num telefonema. Faith parte para Veneza – gôndolas, canais, música romântica – em busca de seu Damon, e acaba encontrando dois deles: um é Robert Downey Jr. O outro é Billy Zane. Ambos garantem ser Damon Bradley, mas qual será o verdadeiro?

Em *Só Você* há um pouco de *Sintonia de Amor* (que, por sua vez, já era uma tentativa de comédia romântica à moda antiga) e de boa parte dos filmes românticos de anos recentes. Falta, porém – como a todos esses faltou – , a originalidade dos filmes antigos.

J.E.R.

Only You, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Norman Jewison ■ ROTEIRO: Diane Drake ■ FOTOGRAFIA: Sven Nykvist ■ MONTAGEM: Stephen Rivkin ■ MÚSICA: Rachel Portman ■ Com Marisa Tomei, Robert Downey Jr., Bonnie Hunt, Billy Zane, Joaquim De Almeida, Fisher Stevens ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 108 min.

Columbia TriStar

Romance à vista para Billy Zane, Bonnie Hunt, Robert Downey Jr. e Marisa Tomei, abaixo; ao lado, Joaquim De Almeida com Hunt

Nestlé
MENTEX®
Mentex faz do seu beijo uma cena de cinema.

ASSÉDIO SEXUAL

Demi Moore é acusada de molestar Michael Douglas e acaba no banco dos réus no suspense baseado em livro de Michael Crichton

Imagine só Demi Moore tentando seduzir seu subordinado Michael Douglas e ouvindo um "não" como resposta. E imagine os dois, na manhã seguinte, acusando-se mutuamente de assédio sexual. Com essa premissa, o filme dirigido por Barry Levinson é espertíssimo – pela forma como manipula as emoções da platéia em relação aos tópicos levantados; pelo uso e representação elegante de novíssimas tecnologias de telecomunicações; pela inversão perversa de papéis que propõe; por ser combustível inesgotável de debates entre casais, amigos e colegas (o que proporcionará uma bilheteria fenomenal, pois, uma vez lançado o filme, ninguém vai querer ficar de fora da discussão).

Dito isso, porém, *Assédio Sexual* é também um filme torto. Ao transformar o homem em vítima, o escritor Michael Crichton (autor do best seller em que o filme se baseia) permite ao "atacante" observar o ponto de vista de quem sofre o problema. Por outro lado, muito do que se vê no filme (mais até que no livro) não passa de uma fantasia sexual masculina sobre o que deve ir pela cabeça e pela libido de uma mulher jovem, gostosa, poderosa – e sexualmente agressiva.

Michael Douglas é o executivo de uma firma de informática que vê sua promoção ser dada a uma ex-namorada, Demi Moore. No mesmo dia Demi, agora na posição de chefe, aproveita-se do cargo para atacar Douglas, despi-lo e devorá-lo no escritório. O atacado faz discurso após discurso sobre como "o assédio sexual é uma questão de poder". Mas, quando Demi defende sua posição invocando as pretensas conquistas sexuais do feminismo, ela fala como se fosse um homem – um homem fantasiando sobre como uma mulher deva conduzir sua sexualidade. Seria interessante ver o livro e o filme – com premissas e estruturas idênticas – conduzidos por uma mulher.

J.E.R.

Disclosure, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Barry Levinson ■ ROTEIRO: Paul Attanasio, a partir do livro homônimo de Michael Crichton ■ FOTOGRAFIA: Anthony Pierce-Roberts ■ MONTAGEM: Stu Linder ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ Com Michael Douglas, Demi Moore, Donald Sutherland, Caroline Goodall, Dylan Baker ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 127 min.

Fotos Warner

Demi Moore e Michael Douglas a princípio gostam do que estão fazendo, mas depois se arrependem amargamente

BARRY LEVINSON

Dirigindo a Guerra dos Sexos

O *press-release* chama *Assédio Sexual* de "um filme sobre homens e mulheres tentando compreender uns aos outros". Mas por que, afinal, eles não se entendem? Para o diretor Barry Levinson, um dos motivos é que homens e mulheres só recentemente vieram a conviver com mais proximidade. "Antes o homem ia trabalhar, a mulher ficava em casa. Agora é tudo misturado. O que isso representa, como eles se relacionam no local de trabalho?", ele devolve a pergunta.

Levinson se esquiva de responder a questões sobre se os homens se sentem ameaçados por mulheres atraentes em posições de poder ou se eles gostariam de ser molestados sexualmente – afinal, a cena em que Meredith (Demi Moore) seduz Tom (Michael Douglas) tem muito de fantasia masculina. Mas admite que o charme sexual é, para Meredith, a forma mais fácil de progredir na carreira. "Não que ela não seja inteligente; foi ela a responsável pelo negócio que tanto beneficiará a empresa. Mas obviamente ela sabe manipular as pessoas com seus charme. Homens também são assim", especula ele. "É parte do nosso comportamento. Abusar disso ou não é que é uma questão individual."

J.E.R.

PROMOÇÃO

BLADE RUNNER

VERSÃO ORIGINAL E DEFINITIVA

Por mais de 12 anos, a versão e trilha originais de Blade Runner não foram exibidas. Cortes realizados em sua edição deixaram Vangelis — autor da trilha sonora — extremamente contrariado, recusando-se a gravar a trilha sonora em disco. Após a versão integral, Vangelis voltou atrás e gravou a versão original.

Neste "cult movie" de ficção científica, a engenharia genética é capaz, por volta do ano 2020, de criar seres praticamente indistinguíveis dos humanos. Dotados de extraordinária força e inteligência, a linha NEXUS só se diferenciava pela falta de sentimento!

Agora, caro leitor de SET, o que você acha que irá acontecer com os seres humanos normais por volta do ano 2020? Será que com tanto progresso tecnológico, tanta pressão psicológica, tanto distanciamento dos sentimentos e das atividades que dão prazer, o ser humano precisará ser "fabricado" para virar uma máquina, ou isso já é um processo natural?

Como será o homem do ano 2020?

As 5 melhores redações ganharão:

- 01 fita em vídeo do filme Blade Runner (versão definitiva) ;
- 01 CD importado da trilha sonora Blade Runner, de Vangelis.
- Os outros 95 leitores levarão o CD com a trilha sonora!

REGULAMENTO

1. Esta promoção é de natureza artístico-cultural, promovida pela Warner Music e divulgada pela revista SET, aberta a qualquer pessoa que resida em território nacional.

2. Para participar, basta escrever sobre o tema sugerido e enviar para a promoção "Blade Runner" - Revista SET - Av. das Nações Unidas, 5777 - 4º andar. CEP 05479-900. São Paulo/SP.

3. O concorrente pode participar com quantas cartas quiser, mas apenas uma delas poderá ser premiada.

4. A escolha das melhores redações será feita por uma comissão julgadora composta por profissionais da Warner e da revista SET, sendo a sua decisão soberana e irrecorrível.

5. Pela cessão dos direitos autorais, as melhores frases receberão:
do 1º ao 5º lugar - 01 fita de vídeo do filme Blade Runner e 01 CD com a trilha sonora.
do 6º ao 100º lugar - 01 CD com a trilha sonora Blade Runner.

6. O prazo máximo para o envio dos trabalhos é 13/02/95, valendo a data de postagem do Correio.

7. Os ganhadores serão avisados por telegrama e terão seus nomes publicados na edição de março da revista SET.

8. Os prêmios serão entregues na Editora Azul ou no domicílio dos ganhadores.

9. Os trabalhos deverão vir acompanhados dos dados completos dos participantes (nome, endereço, CEP, cidade, estado e telefone para contato).

REVISTA SET CINEMA & VÍDEO

WARNER MUSIC BRASIL

VIP EXAME. NAS MELHORES

CASA DO LEITOR VIP SIG BERGAMIN.

VIP EXAME É UMA REVISTA QUE NASCEU EM BERÇO DE OURO. SEU SOBRENOME NÃO DEIXA DÚVIDAS DE ONDE ELA VEM.

DEPOIS DE 13 ANOS FAZENDO PARTE DA REVISTA EXAME, ELA PARTE PARA SUA VIDA PRÓPRIA. E QUE VIDA: COMEÇA AMPLIADA, COM MAIS DE 120 PÁGINAS. SUA LINHA EDITORIAL É RIQUÍSSIMA. ROTEIROS TURÍSTICOS DIFERENTES E EXÓTICOS. CARROS COM QUILÔMETROS À FRENTE. ESPORTES IMPOPULARES. DICAS PARA UMA VIDA SAUDÁVEL NUM MUNDO ESTRESSANTE. A ARTE E A CRÍTICA. COMPORTAMENTO VISTO COMO NENHUMA OUTRA REVISTA VIU. COLABORADORES VIP, COMO MÁRIO PRATA, THOMAZ SOUTO CORRÊA,

CASAS DO RAMO.

W/Brasil

ANTONIO MACHADO DE BARROS, MARCO ANTÔNIO DE REZENDE, NELSON MOTTA, FELIPE CRESCENTI, BOB WOLFENSON, THALES GUARACY, FERNANDO DE BARROS, ENTRE OUTROS.

LEIA VIP EXAME. UMA LEITURA VERY IMPORTANT PARA VERY IMPORTANT PERSONS.

VIP EXAME

Editora Abril

UMA REVISTA VERY IMPORTANT.

100 anos de cinema

100 EVENTOS QUE FIZERAM UM SÉCULO

1890

1895

A PRIMEIRA EXIBIÇÃO

Em 28 de dezembro, Auguste e Louis Lumière promovem a primeira sessão pública do cinematógrafo, no Grand Café do Boulevard des Capucines, em Paris, com a exibição de dez filmes, entre eles *A Saída dos Operários da Fábrica Lumière*.

1896

PATHÉ

Charles, Émile, Jacques e Théophile Pathé fundam a Pathé Frères, estúdio que em 1908 já é um império internacional.

O PRIMEIRO BEIJO

The Kiss, de Edison, mostra em close-up um beijo entre John Rice e May Irwin.

A CHEGADA AO BRASIL

Em 8 de julho, é realizada no Rio a primeira sessão no país.

1897

Inaugurada a primeira sala regular de cinema do Brasil, na rua do Ouvidor, Rio de Janeiro.

1898

Em 19 de julho, Afonso Segreto roda o primeiro filme brasileiro: a Baía de Guanabara fotografada de navio.

AS PRIMEIRAS CORES

Surgem os primeiros filmes com trechos coloridos de maneira primitiva, sobre a película já filmada.

1899

SHAKESPEARE EM CENA

Sai *King John*, a primeira das mais de 200 adaptações cinematográficas de Shakespeare.

O MUNDO EM 35 MM

A Eastman Kodak estabelece o formato-padrão de filme cinematográfico para uso profissional, com 35mm de largura e quatro perfurações ao lado de cada fotograma. Em 1917, a Sociedade dos Engenheiros Cinematográficos dos EUA adota essas dimensões como oficiais.

1900

1902

VIAGEM À LUA

O filme de Georges Méliès introduz a ficção científica no cinema.

1903

O PAI DO WESTERN

Edwin S. Porter faz *O Grande Roubo do Trem*, precursor dos faroestes que apresenta uma seqüência colorida na própria película.

1905

A "BÍBLIA"

É fundado o *Variety*, jornal que se tornou a bíblia da indústria de espetáculos. A partir de 1930, enfrenta a concorrência do *Hollywood Reporter*.

1906

MAIS COR

George Albert Smith patenteia o Kinemacolor, primeiro processo comercial para filmes coloridos.

1910

LÍDER NEGRO

Vida de João Cândido, de autor desconhecido, é o primeiro filme nacional a trazer um personagem negro, um marinheiro que liderou a Revolta da Chibata, no Rio.

1910

1911

É lançado *Little Nemo*, de Winsor McCay, primeira autêntica tentativa de produzir um filme animado com perspectiva e movimento.

1912

UNIVERSAL PICTURES

Carl Laemmle funda a Universal Pictures, vendida em 1962 para a agência de talentos MCA, por sua vez comprada em 1990 pelo grupo japonês Matsushita.

1913

NASCE HOLLYWOOD

Hollywood, subdivisão política da cidade de Los Angeles, começa a tornar-se o centro da produção cinematográfica dos EUA. Dos grandes estúdios, apenas a Paramount permanece ali hoje; os demais transferiram-se para outras regiões de LA.

1914

BLACK POWER

Sai *Darktown Jubilee*, o primeiro filme americano inteiramente realizado por negros.

1915

O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO

Realizado por D.W.Griffith, é uma apologia do racismo que reúne inovações como uso de panorâmica e montagem alternada. Foi o primeiro filme a romper a barreira dos US$ 10 milhões de bilheteria e a ser exibido na Casa Branca.

1916

Intolerância, de Griffith, épico sobre o preconceito, explora ainda mais os recursos reunidos em *O Nascimento de uma Nação*.

PARAMOUNT

A fusão da Famous Players, criada por Adolph Zukor em 1912, com a Jesse L. Lasky Feature Players dá origem à Paramount.

1917

UFA

Criada em 8 de dezembro a Universum Film (UFA), durante muitos anos o principal estúdio alemão.

1918

The Sinking of the Lusitania, de Winsor McCay, provavelmente o primeiro longa de animação.

1919

O POVO NO PODER

Em 27 de agosto, Lênin assina decreto nacionalizando o cinema tzarista; em 1922, os estúdios reabrem.

ARTISTAS, UNI-VOS!

Mary Pickford, Douglas Fairbanks, Charlie Chaplin, William S. Hart e D.W. Griffith fundam a United Artists, em 1981 incorporada à MGM e desde então pertencente ao grupo australiano Qintex.

O GABINETE DO DR. CALIGARI

Robert Wiene realiza o filme-marco do expressionismo alemão.

1920

1921

RECORDE ABSOLUTO

854 filmes norte-americanos são lançados nos cinemas dos EUA, recorde ainda não igualado.

1922

É criada a Motion Picture Producers and Distributors of America, que daria origem à Motion Picture Association of America, principal instrumento de lobby do cinema dos EUA.

1923

WARNER

Harry, Albert, Jack e Sam Warner fundam a Warner Brothers. Em 1989, o grupo Warner Communications uniu-se à Time, Inc. para criar a maior companhia de mídia do mundo.

DISNEY

Walt e Roy Disney fundam a Disney Brothers Studio, que deu origem a The Walt Disney Company.

1924

MGM

A Metro Pictures, de Marcus Loew e Nicholas Schenk, incorpora a Goldwyn Pictures e associa-se a Louis B. Mayer, dando origem à Metro-Goldwyn-Mayer, o mais famoso estúdio de Hollywood nos anos 30.

COLUMBIA

Os irmãos Harry e Jack Cohn unem-se a Joseph Brandt para fundar a Columbia, adquirida em 1981 pela Coca-Cola Company.

1925

O ENCOURAÇADO POTEMKIN

Sergei M. Eisenstein realiza o clássico do cinema político e coloca em prática suas idéias sobre "montagem das atrações". Esteve proibido no Brasil de 1964 a 1980.

1927

MÚSICA, MAESTRO!

A Fox produz curtas e seu primeiro filme de atualidades utilizando o sistema Movietone, que grava o som diretamente na película. *Aurora*, de Murnau, é lançado apenas com música na trilha, sem diálogos. *O Cantor de Jazz*, que usa o Vitaphone (sistema de sonorização em discos), tem cenas musicais sincronizadas e dois trechos com diálogos.

Napoleão, de Abel Gance, introduz o sistema de projeção Polyvision, de tela tripla. Em 1956, Gance registra outro sistema de projeção tripla, o Magirama. *Napoleão* é restaurado em 1981 com trilha de Carmine Coppola.

A ACADEMIA

Em 11 de janeiro, 36 profissionais – entre eles Harold Lloyd e Mary Pickford – fundam a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood. Hoje ela tem 4.755 membros.

1928

MICKEY MOUSE

Steamboat Willie apresenta o personagem-símbolo de Walt Disney e introduz o som sincronizado em cartoons.

RKO

Joseph Kennedy e David Sarnoff fundam a RKO, adquirida por Howard Hughes em 1948 e pelo grupo General Teleradio em 1955. Foi extinta em 1957.

1929

O OSCAR

Em 6 de maio, a Academia realiza a primeira cerimônia de entrega do Oscar a filmes exibidos em Los Angeles de agosto de 1927 a julho de 1928. *Asas*, de William Wellman, ganha o prêmio de melhor filme.

COMEÇA A CENSURA

Após vários escândalos, os estúdios americanos adotam um "código de produção" moralista, batizado Código Hays. Em 1934, cria-se um organismo para implantar a autocensura: a Administração do Código de Produção.

UM CÃO ANDALUZ

Dirigido por Luis Buñuel e co-escrito por Salvador Dalí, torna-se o marco do surrealismo no cinema.

1930

1930

CINÉDIA

Adhemar Gonzaga funda, no Rio de Janeiro, a Cinédia.

1932

VENEZA

Quatro filmes dividem o Leão de São Marcos na primeira edição do festival, entre eles *A Nous la Liberté*, de René Clair.

A MAIOR SALA

Inaugurado, em 27 de dezembro, o Radio City Music Hall, ainda hoje o maior cinema do mundo, com 5.874 lugares.

ZOOM

Rouben Mamoulian torna-se precursor no uso do zoom com *Ama-me Esta Noite*.

1933

EM CÂMERA LENTA

O Desertor, de Vsevolod Pudovkin, é um dos precursores no uso desse recurso, numa cena de suicídio.

1935

ASSALARIADA DE LUXO

Mae West torna-se a mais bem paga mulher dos EUA, ao faturar durante o ano US$ 480 mil.

20TH CENTURY FOX

Surge a 20th Century Fox, fruto da associação entre a Fox Film Corporation de William Fox e a 20th Century Pictures de Joseph Schenck e Darryl F. Zanuck.

EM TECHNICOLOR

Vaidade e Beleza, de Rouben Mamoulian, é o primeiro longa inteiramente colorido; usa o processo Technicolor, que obtém todo o espectro de cores através das três primárias. Nos anos 50, surge o Eastmancolor, que exige menos luz durante as filmagens e cujo processamento é mais simples e barato.

REPUBLIC

Herbert J. Yates funda a Republic, fechada em 1958.

1936

O ADVENTO DA TV

Início das transmissões públicas e regulares de TV em Londres.

1937

PADRÃO DISNEY

Branca de Neve e os Sete Anões, primeiro longa de Walt Disney, rompe a barreira de US$ 50 milhões de bilheteria.

CINECITTÀ

O maior complexo do cinema europeu é fundado nas proximidades de Roma.

1939

O ANO IMBATÍVEL

O ano de ouro de Hollywood: *...E o Vento Levou*, *O Mágico de Oz*, *No Tempo das Diligências*, *Adeus Mr. Chips*, *Ninotchka*, *O Morro dos Ventos Uivantes*, *Gunga Din*, *A Mulher Faz o Homem*, *Beau Geste*, *Duas Vidas*...

1940

1941

O MELHOR DE TODOS
Orson Welles realiza *Cidadão Kane*, inovador pelo uso de profundidade de campo e movimentos de câmera, entre outros aspectos, e a partir dos anos 60 eleito por cineastas e críticos do mundo inteiro, em pesquisa da revista *Sight and Sound*, o melhor filme de todos os tempos.

O NOIR
John Huston lança *Relíquia Macabra*, mais tarde considerado o primeiro clássico do *film noir*.

A CHANCHADA
É fundada a Atlântida, no Rio, que se especializa em chanchadas (musicais carnavalescos) e durante muitos anos concentra a maior parte da produção nacional.

1942

FILME EM DISCO
Mowgli, o Menino Lobo, de Zoltan Korda, torna-se o primeiro filme a ter sua trilha sonora (composta por Miklos Rozsa) lançada comercialmente.

1945

ROMA, CIDADE ABERTA
Roberto Rossellini dirige e Federico Fellini co-escreve o marco inicial do neo-realismo italiano.

1946

CANNES
A primeira edição do festival dá o Grande Prêmio a *A Batalha dos Trilhos*, de René Clément. A Palma de Ouro só é criada em 1955.

A PIONEIRA
Gilda de Abreu lança *O Ébrio* e torna-se a primeira mulher a fazer carreira como cineasta no Brasil.

1949

VERA CRUZ
O estúdio é fundado em São Bernardo do Campo (SP), sob direção de Alberto Cavalcanti.

1950

1950

UMA MULHER NO PODER
A atriz Ida Lupino estréia na direção com *Quem Ama Não Teme* e torna-se a primeira mulher a fazer carreira em Hollywood como produtora e diretora.

O BOM ÍNDIO
Flechas de Fogo, de Delmer Daves, é a primeira produção classe A de Hollywood a tratar índio como gente.

SOL NASCENTE
Rashomon, de Akira Kurosawa, revela para o Ocidente o cinema japonês.

1952

Bwana Devil é o primeiro filme em 3D lançado nos cinemas.

O AUGE DO MUSICAL
Cantando na Chuva, de Gene Kelly e Stanley Donen, representa a quintessência dos musicais.

1953

A TELA CRESCE
Estréia em Nova York *O Manto Sagrado*, primeiro filme rodado em CinemaScope, processo registrado pela Fox com base em sistema de lentes desenvolvido por Henri Chrétien.

O CANGACEIRO
Lima Barreto ganha o prêmio de melhor filme de aventura no Festival de Cannes.

1954

ANUNCIANDO A "NOVA ONDA"
- François Truffaut publica nos *Cahiers du Cinéma* o artigo "Uma Certa Tendência do Cinema Francês", que estabelece as bases da "política dos autores".
- Nelson Pereira dos Santos lança *Rio, 40 Graus*, considerado precursor do Cinema Novo.

1955

DESAFIO À CENSURA
O Homem do Braço de Ouro, de Otto Preminger, com Frank Sinatra no papel de um viciado em drogas, desafia o Código Hays.

1956

BERLIM
A primeira edição do festival dá o Urso de Ouro a *Convite à Dança*, de Gene Kelly.

1959

BEN-HUR
O filme de William Wyler permanece o recordista em Oscar – onze. Foi também o primeiro rodado em SuperPanavision, que utiliza filme de 65 mm sem distorção.

NOUVELLE VAGUE
O movimento francês entra em campo com *Os Incompreendidos*, de Truffaut; *Hiroshima, Meu Amor*, de Alain Resnais; *Acossado*, de Godard.

1960

1961

HOMOSSEXUALISMO
O Passado me Condena, com Dirk Bogarde, é a primeira produção classe A em língua inglesa a falar abertamente de homossexualismo.

Jerry Lewis usa o videotape para controlar movimentos de atores e câmera em *O Terror das Mulheres*.

1962

PALMA DE OURO PARA O BRASIL
O Pagador de Promessas, de Anselmo Duarte, ganha o prêmio máximo no Festival de Cannes.

MEU NOME É BOND
O Satânico Dr. No, primeiro dos 18 filmes com James Bond, inicia a mais bem-sucedida série da história do cinema.

1963

ORÇAMENTO FARAÔNICO
Cleópatra, de Joseph L. Mankiewicz, custou US$ 44 milhões e foi durante muitos anos o mais caro filme da história.

1964

CINEMA NOVO
Fla-Flu nas telas brasileiras: *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos, e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, os dois grandes filmes do Cinema Novo.

1965

Glauber Rocha publica o manifesto "Estética da Fome", divisor de águas do cinema brasileiro.

1967

MEGALOMANIA SOVIÉTICA
A superprodução soviética *Guerra e Paz* teria custado US$ 100 milhões, o que a tornaria a mais cara da história até a realização de *True Lies* (94), de James Cameron.

1968

COMEÇA O FUTURO
- *2001, uma Odisséia no Espaço* torna-se um marco da ficção científica e do próprio cinema moderno.
- O sistema classificatório de filmes substitui o Código Hays.

1970

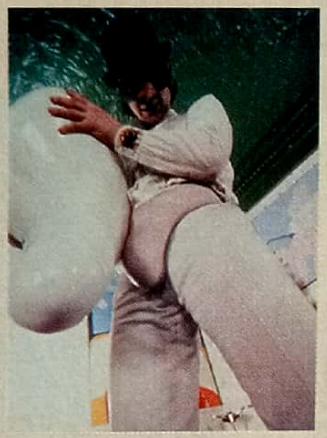
1970

A Paramount e a Universal fundam empresa de distribuição para atuar no exterior, a Cinema International Corporation (CIC), à qual se associam em 1981 a MGM e a United. Em 1982, ela vira United International Pictures (UIP).

1971

LARANJA MECÂNICA

Stanley Kubrick gera polêmica em todo o mundo ao adaptar romance de Anthony Burgess sobre a violência de uma sociedade futurista. O filme é censurado em vários países, inclusive no Brasil.



1972

O PODEROSO CHEFÃO

O filme de Francis Coppola inaugura a fase arrasa-quarteirão no cinema americano: ou a fita é um grande sucesso, ou não é nada.

1975

TUBARÃO

O filme de Steven Spielberg é o primeiro a romper a barreira de US$ 100 milhões de bilheteria, e a produção estrangeira de maior público no Brasil (13 milhões de espectadores).

INDUSTRIAL LIGHT & MAGIC

O gigante dos efeitos especiais surge como um pequeno grupo dedicado a criar truques visuais para *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas.

1976

O RECORDISTA NACIONAL

Dona Flor e seus Dois Maridos, de Bruno Barreto, é visto por 10,7 milhões de espectadores, o maior sucesso de público na história do cinema nacional.

STEADICAM

Bound for Glory é o primeiro filme a usar Steadicam, sistema criado por Garrett Brown e que permite filmar levando a câmera na mão, com imagem estabilizada. O recurso foi notabilizado por Stanley Kubrick em *O Iluminado*.

DOLBY

O som em Dolby Stereo chega ao cinema.

SEXO NAS TELAS

O Império dos Sentidos, de Nagisa Oshima, é o primeiro filme "sério" com cenas de sexo explícito.

1977

A INVASÃO DO VÍDEO

A Matsushita introduz o formato VHS (Video Home-System), que passa a dominar o mercado nos anos 80.

GUERRA NAS ESTRELAS

O filme de George Lucas é um marco absoluto no desenvolvimento dos efeitos especiais; torna-se recordista de bilheteria.

1980

1982

E.T.

O filme de Steven Spielberg assume a liderança no ranking de bilheteria; em 1993, é destronado por *Jurassic Park*, também de Spielberg.

COMPUTAÇÃO GRÁFICA

Tron, uma Odisséia Eletrônica, dos estúdios Disney, é o primeiro filme a produzir seqüências inteiras em computação gráfica.

1985

COLORIZAÇÃO

A Color System Technologies lança um sistema de colorização de filmes, comercializado por uma divisão da Turner, que introduziu um processo digital em 1987, através do qual a cor é acrescentada eletronicamente em videotape.

1988

ROGER RABBIT

Robert Zemeckis integra atores de verdade e desenho animado à perfeição em *Uma Cilada para Roger Rabbit*, que se torna um marco técnico.

1990

1991

CACHÊ RECORDE

O Exterminador do Futuro 2, de James Cameron, orçado extraoficialmente em US$ 95 milhões, torna-se o mais caro filme da história (sem levar em conta os supostos US$ 100 milhões de *Guerra e Paz*); Arnold Schwarzenegger teria recebido o cachê recorde de US$ 15 milhões.

SOM DIGITAL

Final Approach, de Eric Steven Stahl, primeiro filme inteiramente gravado com tecnologia de som digital.

1993

DINOSSAUROS

Steven Spielberg lança *Jurassic Park*, o máximo – até então – em efeitos digitais e a maior bilheteria de todos os tempos, com US$ 868 milhões.

1994

TRIO TERNURA

Em 12 de outubro, Steven Spielberg, David Geffen e Jeffrey Katzenberg (ex-Disney) anunciam sua parceria para a criação de um novo estúdio.

1

Jovem Pan em 1º lugar

A rádio que não deixa seu produto falando sozinho.

1º lugar na audiência geral

1º lugar na classe AB

1º lugar em Nível Universitário

1º lugar em Nível Ginasial - Classe AB

1º lugar em carros

- Aproximadamente 80% do seu público é classe ABC
- Cobertura em 15 dias: 3.000.000 de ouvintes
- Cobertura em 48 horas: 1.300.000 de ouvintes

JOVEM PAN 2 FM

MAIS OUVINTES EM MENOS TEMPO

FONTE: DATAFOLHA DE SETEMBRO / 94

ENTREVISTA • MICHAEL DOUGLAS

"Não É Divertido Ser Vítima"

Há quem considere o assédio sexual uma questão tipicamente americana e que, por isso, o filme não teria o mesmo impacto fora dos EUA.

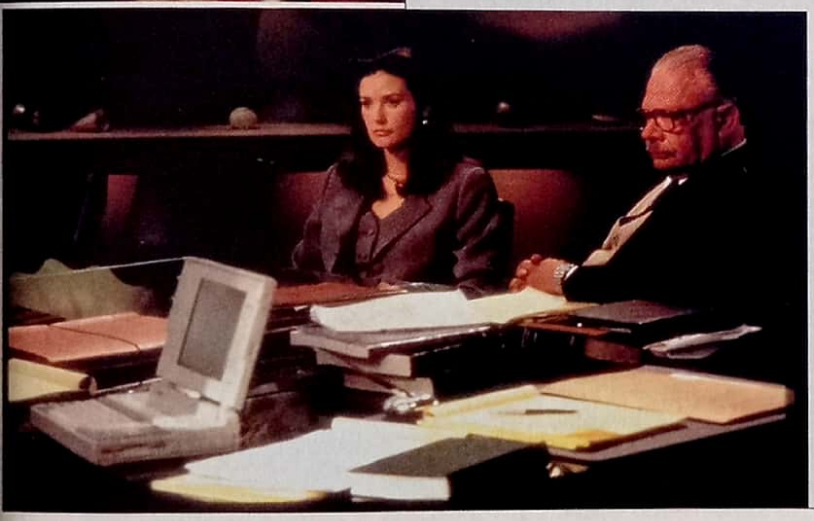
Vamos ver, nunca sei. Todos os meus filmes geralmente fizeram mais sucesso fora dos EUA. Lembro quando estávamos divulgando *Atração Fatal* e um francês veio dizer: "Na França todos nós temos amantes, isso não é nada de especial" (*risos*). Mas o filme foi o maior sucesso lá. Acho que o assunto de *Assédio Sexual* é internacional. Tem sido mais discutido nos EUA, mas continuará sendo um item em evidência.

Em *Assédio Sexual* você é a vítima, e não o agressor. O que é melhor?

Não é muito divertido ser a vítima; é um papel em que você só reage. Honestamente, quando me ofereceram *Assédio Sexual* eu relutei – embora tivesse gostado do filme –, porque achava que já tinha feito um papel parecido em *Atração Fatal*. Ao mesmo tempo, era o melhor projeto que me estava sendo oferecido no momento em que eu desejava trabalhar. De fato, não é tão divertido quanto fazer um personagem mais ativo. Um papel como o de Gordon Gekko (de *Um Dia de Fúria*) é muito mais interessante.

Trabalhar em *Assédio Sexual* mudou em alguma coisa suas convicções sobre essa questão?

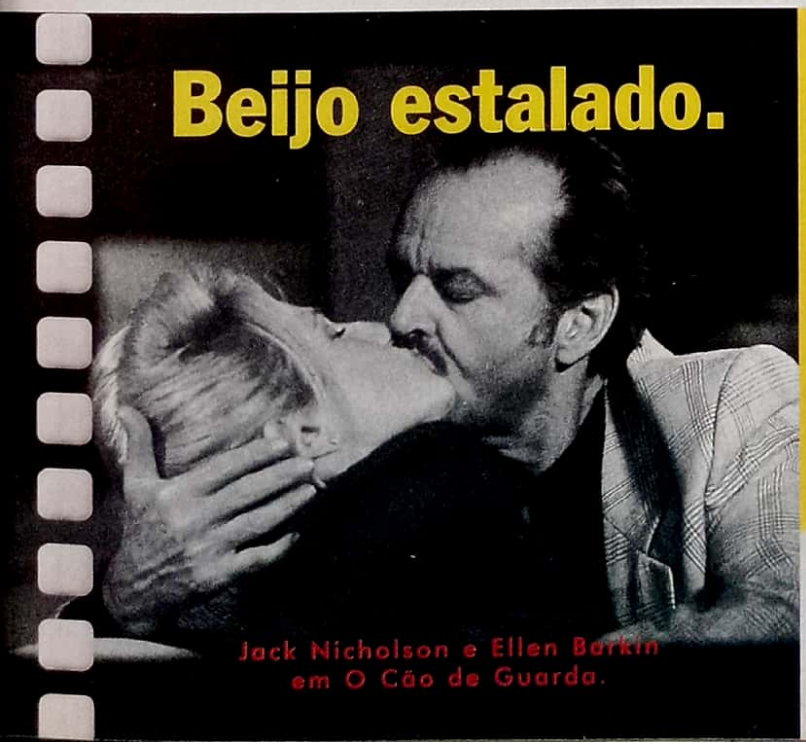
Quando voltei ao meu escritório pela primeira vez depois das filmagens, dei um beijo e um abraço em minha secretária – como sempre faço – e passei a ter uma percepção nova sobre aquilo, encarei aquele momento de outra maneira (*risos*). É isso que me assusta: o assédio sexual é um crime, e é um desastre que um homem ou uma mulher prestem favores sexuais só por medo de perder o emprego. Mas existe um outro aspecto: há uma guerra dos sexos, homens e mulheres não estão sabendo se relacionar.



***Atração Fatal*, *Instinto Selvagem*, *Um Dia de Fúria* e, agora, *Assédio Sexual*, são filmes que provocam controvérsia. O que o atrai a filmes dessa natureza? É um ato consciente contra o "politicamente correto"?**

Finalmente estamos contrabalançando isso, porque me assusta a dualidade entre a imagem do que devemos ser e o que realmente somos. Não me agrada ouvir sermões sobre como devemos nos comportar. Não acho que seja um ato consciente, apenas sigo minhas emoções. Leio scripts que acho tristes ou alegres, sexy ou engraçados, e me certifico de que o roteiro tem uma boa estrutura. E gosto de correr riscos. Parte do entusiasmo de começar um novo projeto é o elemento de risco, é saltar sem uma rede de segurança.

J.E.R.



O PROFISSIONAL

Em sua estréia nos Estados Unidos, o francês Luc Besson mantém o estilo mas tropeça nos diálogos

O Profissional tem a fotografia estilosa e a movimentação de câmera elegante que são marca registrada de Luc Besson. Pena que a direção de atores e a atenção aos diálogos não tenham a mesma qualidade, fazendo desta estréia do diretor francês em Hollywood um filme insatisfatório – quando não embaraçoso.

A narrativa é clara e fluida, mostrando o relacionamento entre a menina Matilda (Natalie Portman) e Leon (Jean Reno), simplório mas eficientíssimo matador que trabalha para um discreto chefe do crime ítalo-americano em Nova York. Quando Matilda escapa de ser chacinada, junto com sua família, por um grupo de policiais corruptos (liderados por Gary Oldman), Leon assume a guarda da menina e passa a protegê-la.

Homem e garota constroem, a partir daí, uma família desajustada (o "pai" mata para sustentar a "filha", enquanto esta mente para todo mundo que o "pai" é seu "amante"), alicerçada num acordo silencioso de amor incondicional.

Mas Besson criou para seus personagens diálogos verdadeiramente infantis, talvez por causa de seu inglês fraco (o que seria um motivo imperdoável, dada a quantidade de consultores de script ora trabalhando em Hollywood). E das duas uma: ou exagerou na direção de Gary Oldman, ou deixou que ele trabalhasse solto o suficiente para dar uma das interpretações de vilão mais ridículas e afetadas que já se viu. Só as cenas em que o policial de Goldman se droga antes de matar já valem horas de gargalhadas.

J.E.R.

The Professional/Leon, EUA/França, 1994 ■ DIREÇÃO: Luc Besson ■ ROTEIRO: Luc Besson ■ MONTAGEM: Sylvie Landra ■ FOTOGRAFIA: Thierry Arbogast ■ MÚSICA: Eric Serra ■ Com Jean Reno, Gary Oldman, Natalie Portman, Danny Aiello, Peter Appel ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 106 min.

JEAN RENO

"O Inglês É uma Máscara"

Há quem veja um parentesco entre este matador e aquele de *Nikita* que você mesmo fez. Você enxerga essa relação?

Não, não enxergo. O primeiro é mais do Leste (*risos*), é um homem desesperado. Leon não. Leon é mais italiano. O primeiro é frio e sombrio. Leon não, ele é um marionete. Eu prefiro Leon.

Antes de ser ator eu trabalhava numa loja de fotografia com um amigo. Em frente havia uma sapataria, cujo dono era da Córsega. Ficamos amigos e um belo dia ele me disse: "Se você tiver algum problema, me chame". Eles mandam alguém da Córsega, que não conhece a vítima, e essa pessoa vai onde for, em qualquer parte do mundo.

Mas veja bem: o objetivo de *O Profissional* não é a morte, mas o amor.

Luc Besson diz que Leon tem a idade mental de um adolescente.

Ele é como um adolescente, e é bom que seja assim. Caso contrário, o relacionamento dele com Matilda seria uma coisa obscena. E ele é lento – se você for rápido, tem mais chances de ser pervertido. Então essas foram duas escolhas artísticas importantes.

É mais difícil representar numa língua que não é a sua?

É mais fácil, porque a língua estrangeira torna-se uma máscara. Aquele cara não é você, porque você fala francês o tempo inteiro (*risos*). Mas também há o outro lado: se alguém percebe um sotaque estrangeiro no seu inglês, você acaba sendo dublado. E isso eu não quero. Então precisei treinar bastante o meu inglês.

Você planeja trabalhar mais em Hollywood?

Em termos de carreira, quanto mais escolhas, melhor. Quanto mais portas você abre, mais scripts chegam à sua mesa. Vamos ver, ninguém sabe.

J.E.R.

O matador Leon (Jean Reno) e sua "filha adotiva" Matilda (Natalie Portman) curtem seu relacionamento peculiar; no destaque, Gary Oldman como um policial violento e corrupto

Columbia TriStar

Entrevista • LUC BESSON

Adeus às Nacionalidades

Luc Besson tem um currículo polpudo, e seus filmes – *Subway*, *Imensidão Azul* – são conhecidos em todo o mundo. Mas os americanos só o notaram quando Anne Parrillaud transformou-se numa atraente máquina mortífera em *Nikita* – mais tarde refeito por John Badham, com Bridget Fonda no papel principal.

Agora Besson faz seu primeiro filme em Hollywood, *O Profissional*, com seu "ator-assinatura", Jean Reno. E o diretor já tem outro projeto engatilhado: a ficção científica *Zaltman Bleros*, uma co-produção França/EUA orçada em US$ 100 milhões.

Por que *O Profissional* para seu primeiro filme americano? E como foi seu relacionamento com a Columbia Pictures, que produziu o filme?

Não me agrada dizer "filme americano" ou "filme de Hollywood", ou mesmo "filme francês". Quando você faz um filme a questão é fazê-lo bem; você não presta atenção à nacionalidade. Quando o atleta vai aos Jogos Olímpicos, na hora em que tocam o hino ele pode pensar em nacionalidade, mas quando está competindo só pensa em ganhar. E meu relacionamento com a Columbia foi perfeito. Eles leram meu script em uma noite, e no dia seguinte fechamos negócio. Eu estava assustado, tinha ouvido tanta coisa horrível sobre como funcionavam os grandes estúdios americanos – mas foi tão fácil! Eles não pediram um só corte, nada. Quando você sabe o que está fazendo, eles entram na sua com a maior alegria.

Muitos criticaram *A Assassina*, o remake de *Nikita*. O que você achou?

Não tenho nenhuma opinião em especial. Se você levar uma modelo para posar para Picasso, Modigliani e Dali, cada um fará um belo quadro – mas cada quadro será diferente, apesar de a modelo ser a mesma. Da mesma forma, uma história é uma história, depende do ponto de vista da pessoa.

Mas não foi você quem inventou Nikita – a modelo, por assim dizer?

Sim. Mas por outro lado não inventei nada, porque a história de alguém que comete um crime só para depois ser convocado pelo governo... isso eu já vi umas vinte vezes. É só um ponto de partida. O desenvolvimento é que importa.

Você gostou do remake?

O script continua bom (*risos*), mas faltou um ponto de vista. É como se o pintor quisesse se inspirar olhando para o quadro do outro pintor e não para a modelo. Acaba ficando um Picasso ruim – embora eu não me considere um Picasso.

Como você acha que a comunidade cinematográfica francesa reagirá ao fato de você estar trabalhando em Hollywood?

Não me importo, porque isso não me ajuda a melhorar. Meu trabalho é fazer filmes. Para melhorar preciso continuar honesto e capaz. E os críticos franceses são estúpidos. Não se importam com o filme, só querem saber quanto ele custou, só querem saber da sua vida pessoal. Os críticos franceses não influenciam mais ninguém. Por quê? Porque não são honestos.

J.E.R.

Beijo no escuro.

Nestlé MENTEX®

Mentex faz do seu beijo uma cena de cinema.

O RIO SELVAGEM

Meryl Streep troca sua habitual sofisticação pelos músculos e prova que pode ser uma boa heroína de ação

Meryl Streep num filme de ação-aventura pode parecer tão contraditório quanto Arnold Schwarzenegger fazendo *Hamlet*. Apesar de já ter exercitado também sua veia cômica – como em *Ela É o Diabo* e *A Morte lhe Cai Bem* –, Meryl sempre esteve associada a filmes que requerem do ator mais emoção e significado do que movimentação e espetáculo. No entanto, cá está ela de short, moleton e boné, musculosa da panturrilha aos ombros, resolvendo a parada no muque – ou melhor, no remo.

Gail (Meryl) é uma ex-guia de passeios em corredeiras. Quando vê sua família aprisionada num barco, tomada como refém de um bandido foragido (Kevin Bacon) logo no passeio de aniversário do filho único (Joseph Mazzello, o menino de *Jurassic Park*), Gail sobe a serra. Ela precisa invocar todo seu preparo e conhecimento das sutilezas e perigos do rio para salvar a família e dar conta do vilão. O marido (David Strathairn) bem que tenta ajudar – e, de certa forma, o faz –, mas as principais cartadas são obrigatoriamente de Gail.

Mesmo sem o ritmo vertiginoso de um *Velocidade Máxima*, o filme flui com a rapidez de uma corredeira. O diretor Curtis Hanson (de *A Mão que Balança o Berço*) injeta em *O Rio Selvagem* o mesmo grau de realismo obtido por Renny Harlin em *Risco Total*: as cenas de perigo são verdadeiramente eletrizantes. Meryl Streep executa a maior parte delas – a atriz passou por um intenso treinamento de remo e musculação –, mas ainda assim a produção teve que contratar o apoio de 50 "caiaqueiros".

J.E.R.

The River Wild, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Curtis Hanson ■ ROTEIRO: Denis O'Neill ■ MONTAGEM: Joe Hutshing, David Brenner ■ FOTOGRAFIA: Robert Elswit ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ Com Meryl Streep, Kevin Bacon, David Strathairn, Joseph Mazzello, Stephanie Sawyer, John C. Reilly ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP DURAÇÃO: 109 min.

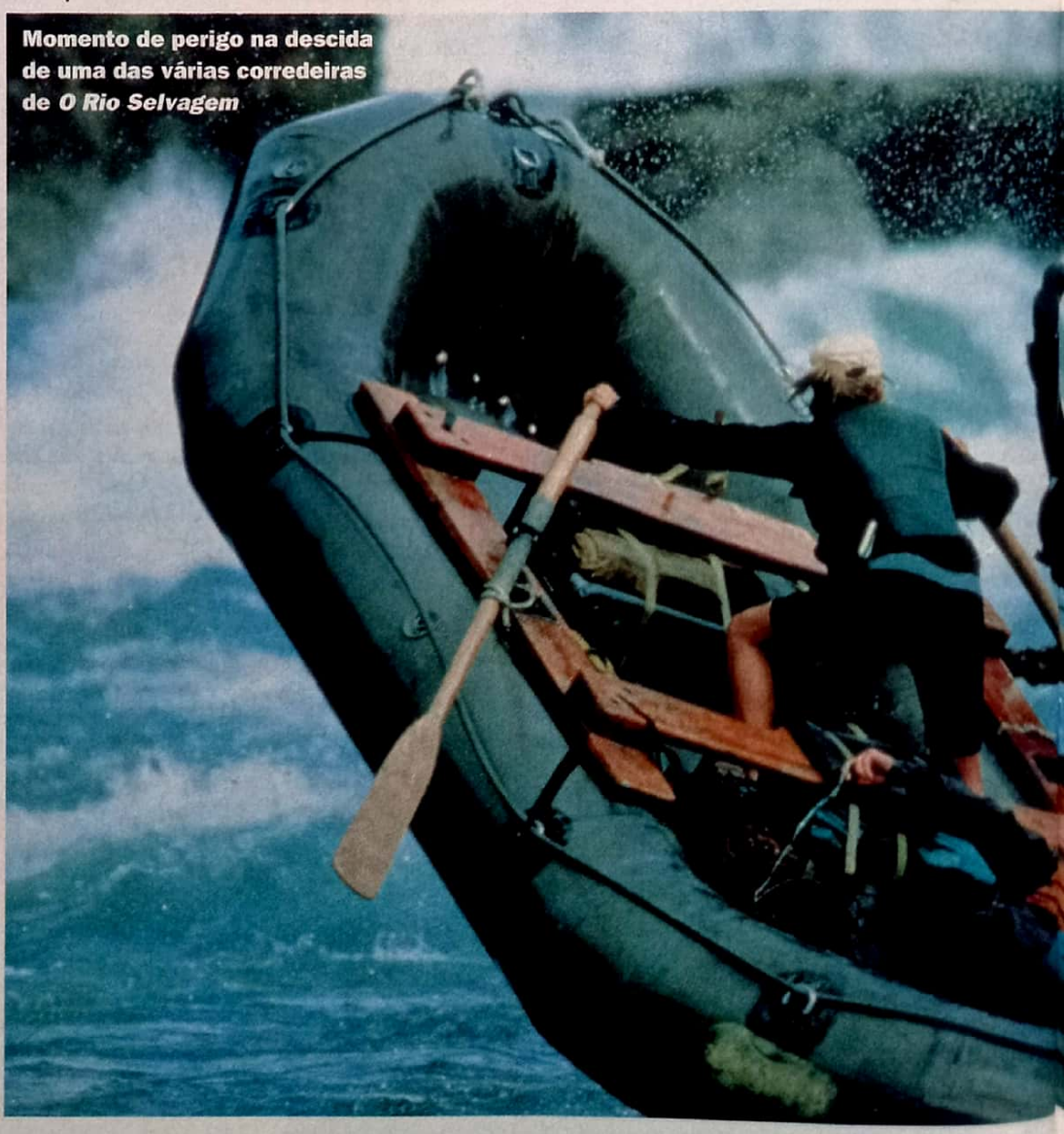
KEVIN BACON
FAMA DE MAU

Wade, o psicótico que ameaça a família de Meryl Streep em O Rio Selvagem, *pode ser um dos poucos bandidos na galeria de personagens vividos por Kevin Bacon. Mas não será o último. Em* Murder in the First *(baseado numa história verdadeira, passada nos anos 30), Kevin interpreta Henry Young, prisioneiro na ilha de Alcatraz que escapa mas é recapturado.*

De volta à prisão, ele é trancafiado num calabouço e submetido a uma série de maus tratos – na verdade, tortura – durante anos. A única folga que dão a ele é para tomar banho de sol e se exercitar durante meia hora no Natal. Quando Henry sai da prisão, ele mata o cara que o havia delatado. E é aí que o filme começa, com Christian Slater fazendo o advogado de defesa de Henry. Todo mundo prefere que ele admita a culpa e vá para a cadeira elétrica, mas o advogado adota o argumento de que a cadeia foi "cúmplice" do crime cometido por Henry. Por isso, a pena deve ser reduzida. "É um filme muito interessante e arrebatador", diz Kevin.

Agora ele está terminando de filmar Apollo 13, *ao lado de Tom Hanks. O filme – dirigido por Ron Howard – é sobre a missão lunar dos anos 70 que, por uma falha técnica, quase culminou na morte dos astronautas. "Estamos reproduzindo o caso com o máximo de fidelidade", diz o ator.*

J.E.R.



Momento de perigo na descida de uma das várias corredeiras de *O Rio Selvagem*

Fotos UIP

Mocinhos e vilões confraternizam: da esquerda para a direita, David Strathairn, John C. Reilly, Meryl Streep, o menino Joseph Mazzello e Kevin Bacon

Entrevista • MERYL STREEP

Interpretando do Pescoço para Baixo

***O Rio Selvagem* é seu primeiro filme de ação-aventura. Foi bom?**

Alternadamente, para mim este filme foi o mais divertido que já fiz e um exercício sério de representação, invenção e investimento emocional (*risos*).

É muito diferente para você, como atriz, se preparar para um trabalho como este?

Grande parte do tempo eu tinha tanto medo que minha preocupação principal era sobreviver ao rio. Nunca tinha feito um papel tão físico, então não me concentrei muito no personagem. Abordei o papel do pescoço para baixo, digamos assim, ao contrário do que faço geralmente. Mas cada papel é diferente, não é? Por outro lado, o importante é o momento no primeiro dia de ensaios em que você se encontra com os outros atores, aquele momento de olhos nos olhos, quando seu personagem vive pela primeira vez. Até ali tudo não passa de imaginação e esperança (*risos*).

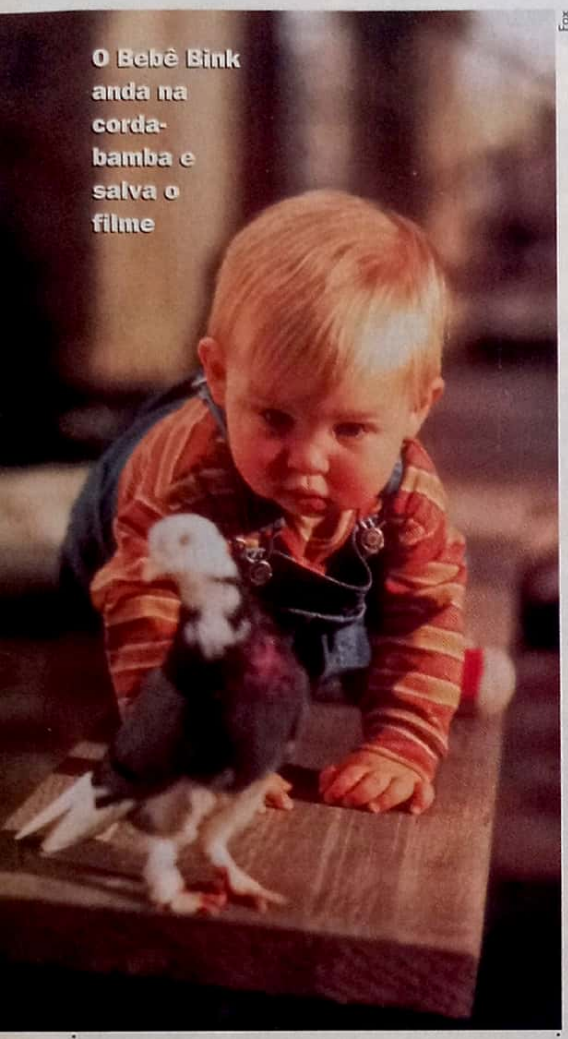
Você chegou a correr perigo no rio?

Neste filme, cheguei mais perto do perigo do que espero algum dia precisar chegar (*risos*). Nunca mais faria algo tão irresponsável. Mais irresponsável ainda foi a decisão tomada antes do começo das filmagens. Curtis Hanson e eu estávamos conversando em minha casa e perguntei a ele se usaríamos capacetes no filme. Ele disse que sim, e encerrei o assunto. Mais tarde, no entanto, ele achou que os capacetes seriam um problema – todo mundo ficaria parecido e o público não conseguiria distinguir uns dos outros. Então decidiu-se por não usar capacetes. É a coisa mais perigosa, porque em rios como aquele em que filmamos o problema não é tanto o afogamento, mas cair do barco e bater com a cabeça nas pedras. É um problema até comum.

Toda hora você é descrita na imprensa – e mesmo por seus colegas – como "a atriz das atrizes". É uma responsabilidade grande demais?

Eu não sinto esse peso, porque toda noite tenho à minha espera algo que me traz muita humildade: minha família, que não me dá tanta bola assim (*risos*). Mal consigo que meus filhos me dêem atenção. Por isso adoro vir para uma entrevista como esta, porque todo mundo presta atenção no que tenho a dizer (*risos*). Falando sério, não sinto peso algum, sou como todo ator e toda atriz: tenho pavor no início de cada projeto. Minha "reputação", digamos assim, é algo criado por outras pessoas e chega aos lugares antes de mim mesma. Mas eu consigo superar isso.

J.E.R.



O Bebê Bink anda na corda-bamba e salva o filme

Fox

NINGUÉM SEGURA ESTE BEBÊ

Bebê gracinha e uma ou outra piada seguram produção

John Hughes ficou rico como diretor e/ou produtor e/ou roteirista de filmes sobre e para adolescentes (*Curtindo a Vida Adoidado*, *A Garota de Rosa Shocking*), tornou-se milionário com filmes sobre crianças – aliás, uma criança, o Macaulay Culkin dos dois *Esqueceram de Mim* – e agora perde dinheiro com uma fita sobre um bebê. É até bom que sua última incursão cinematográfica tenha arrecadado desanimadores US$ 16,5 milhões nos EUA, ou daqui a pouco teríamos que agüentar as aventuras intra-uterinas de algum embrião fotogênico.

O problema de *Ninguém Segura Este Bebê* é ser uma cópia com menos ritmo e mais falhas de um filão que Hughes soube explorar à perfeição – o de *Esqueceram de Mim*. Como neste, os bandidos que seqüestram o milionário Bebê Bink têm QI e métodos comparáveis aos dos Três Patetas. Também apanham feio, naqueles mesmos moldes da violência de desenho animado. E também vêem todos os seus estratagemas superados pela candura de Bink – que, ao fugir e descobrir o mundo, mete-se em perigos inimagináveis.

A diferença é que aqui há largos espaços para o melô. As lágrimas correm sempre que papai, mamãe e babá entram em cena para lembrar que um bebê de nove meses perdido por aí não é uma coisa engraçada – um contraponto insatisfatório para a ação típica de HQ que ocupa a maior parte do filme. Sem falar que a imensa falta de sorte que vitimizava os bandidos de *Esqueceram de Mim* rendia momentos muito mais engraçados que a extrema burrice dos vilões personificados por Joe Mantegna, Joe Pantoliano e Brian Haley.

Ainda assim, há ressalvas a fazer: a produção é bonitinha, o bebê é encantador e uma ou duas piadas se sobressaem. É o suficiente para garantir que o público não queira devolver o ingresso – mas Hughes já fez bem melhor que isso.

Isabela Boscov

Baby's Day Out, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Patrick Read Johnson ■ ROTEIRO: John Hughes ■ MONTAGEM: David Rawlins ■ FOTOGRAFIA: Thomas Ackerman ■ MÚSICA: Bruce Broughton ■ Com Joe Mantegna, Lara Flynn Boyle, Joe Pantoliano, Brian Haley, Cynthia Nixon, John Neville, Adam Robert e Jacob Joseph Worton ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox ■ DURAÇÃO: 98 min.

XEQUE-MATE

Crime cometido na Idade Média é resolvido nos dias atuais

O americano Jim McBride (*A Fera do Rock*) realiza seu primeiro filme off-Estados Unidos. *Xeque-Mate* é um thriller filmado na Barcelona dos dias atuais – prima por focalizar a estonteante arquitetura local, em especial a de Gaudí – e que adapta o romance *O Quadro Flamengo*, do espanhol Arturo Pérez-Reverte.

O elenco britânico conduz uma intriga sensual e complexa sobre uma restauradora de quadros (Kate Beckinsale, de *Muito Barulho por Nada*) que, ao trabalhar em uma pintura flamenga do século 15, descobre uma estranha inscrição ("Quem matou o cavaleiro?") que pode resolver um crime ocorrido na Idade Média. A imagem mostra dois homens jogando xadrez com uma misteriosa mulher como testemunha.

O filme se resume ao jogo de adivinhações em torno do enigma, com personagens periféricos sendo gradualmente eliminados. As peças do tabuleiro real vão rareando e o espectador mergulha cada vez mais em um simples e bem armado *entertainment*. O único porém: quem conhecer todos os significados da palavra inglesa "queen" desvendará o *plot*.

Ch.P.

Uncovered, Inglaterra, 1994 ■ DIREÇÃO: Jim McBride ■ ROTEIRO: McBride, Michael Hirst, Jack Baran ■ FOTOGRAFIA: Affonso Beato ■ MÚSICA: Philippe Sarde ■ Com Kate Beckinsale, John Wood, Sinead Cusack, Michael Gough ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films ■ DURAÇÃO: 107 min.

Art Films

John Wood e Kate Beckinsale divididos entre resolver um crime e o amor

O GÊNIO E EXCÊNTRICO GLENN GOULD EM 32 CURTAS

Documentário canadense investiga gênio do piano de forma criativa

Look Filmes

Colm Feore se auto-entrevista

Em 1977, a Nasa enviou duas naves Voyager para além dos limites de nosso sistema solar. Parte da bagagem consistia de textos, imagens e sons que indicavam a existência de vida inteligente no planeta Terra. Constavam, entre outros, alguns prelúdios de Johann Sebastian Bach interpretados pelo pianista canadense Glenn Gould (1932/1982). O documentário realizado por François Girard sobre o pianista poderia muito bem estar no mesmo pacote, já que também é um sinal de inteligência no mundo moderno das artes.

Escrito pelo diretor em conjunto com o ator Don McKellar, *O Gênio e Excêntrico Glenn Gould em 32 Curtas* (título no mínimo inadequado) é um documentário consciente de que nunca dissecará inteiramente a personalidade retratada. Gould era uma figura complexa, e a intenção do diretor foi revelar alguns aspectos de sua personalidade.

Alguns dos curtas beiram o sublime. No intitulado *Hamburg*, Gould convence uma camareira alemã a ouvir uma gravação sua de uma sonata de Beethoven; ao final, ela agradece com um sorriso; é um momento de pura magia. Em *Gould Encontra Gould*, o ator Colm Feore (que interpreta o pianista) se auto-entrevista – o texto usado é um original de Gould, destilando uma autocrítica sobre a opção de nunca mais se apresentar ao vivo, expressando-se apenas através de gravações que utilizassem a mais moderna das tecnologias. A vida, para ele, era uma sincronia de ritmos, a ponto de levá-lo a orquestrar a conversa de amigos com as mãos; era um regente da palavra, das idéias.

O diretor colhe vários depoimentos, inclusive de celebridades (o violinista Yehudi Menuhin, por exemplo, questiona as opções de Gould); mostra algumas de suas atividades paralelas (como a redação de documentários radiofônicos e a colaboração com o papa da animação Norman McLaren); e "brinca" com seu vício por remédios contra a ansiedade e a depressão (em *Pílulas*). A estrutura narrativa do filme remete à antológica gravação, de 1955, das 32 *Variações Goldberg* de Bach, que criou a fama de Gould. Girard, com esse filme, também redefiniu a cartilha documental: ela nunca mais será a mesma depois dessa experiência sem precedentes.

Ch. P.

Thirty-Two Short Films About Glenn Gould, Canadá, 1993 ■ DIREÇÃO: François Girard ■ ROTEIRO: François Girard, Don McKellar ■ FOTOGRAFIA: Alain Dostie ■ MONTAGEM: Gaétan Huot ■ MÚSICA INTERPRETADA POR: Glenn Gould ■ Com Colm Feore ■ DISTRIBUIÇÃO: Look Filmes ■ DURAÇÃO: 93 min.

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.

ALPHA FM

101,7 MHz

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

ENTREVISTA COM O VAMPIRO

A legião de fãs da trilogia vampírica de Anne Rice pode enfim respirar aliviada e afiar os caninos para saborear um filme suculento, visualmente exuberante e bem mais fiel ao espírito original do livro do que se esperava. O diretor irlandês Neil Jordan e o produtor David Geffen incorreram na ira de Rice e seus fãs ao selecionar Tom Cruise para o papel de Lestat, o vampiro narcisista e manipulador que transforma também em criatura da noite o narrador da história, Louis (Brad Pitt). Mas, para a grata surpresa desses mesmos detratores, Cruise não apenas se desincumbe com honras de seu primeiro papel de vilão como, aliás, é bem menos presente no filme do que sugere a campanha publicitária. O personagem de Brad Pitt é o pivô da história, a partir da entrevista que dá ao repórter Christian Slater. Louis relata as dores pessoais que o fizeram aceitar o convite de vida eterna oferecido por Lestat. *J.E.R.*

(Interview with the Vampire, EUA, 1994) Direção: Neil Jordan. Com Tom Cruise, Brad Pitt, Christian Slater, Antonio Banderas, Kirsten Dunst, Stephen Rea. Warner.

TIMECOP – O GUARDIÃO DO TEMPO

Peter Hyams já dirigiu outras ficções científicas: *Outland*, com Sean Connery, e *2010*, a seqüência de *2001 – Uma Odisséia no Espaço*. Agora, Hyams volta com *Timecop*, roteiro criado a partir de uma série de HQs sobre uma equipe especial da polícia americana, destinada a caçar espertalhões que viajam no tempo modificando os acontecimentos a seu favor. O filme coloca frente a frente o policial Max Walker (Jean-Claude Van Damme) e o político Aaron McComb (Ron Silver); o homem da lei quer impedir que Aaron mude a história na base da corrupção e consiga, assim, tornar-se presidente dos EUA. *J.E.R.*

(Timecop, EUA, 1994) Direção: Peter Hyams. Com Jean-Claude Van Damme, Ron Silver, Mia Sara, Gloria Reuben, Bruce McGill. UIP.

JUNIOR

Nesta comédia, Ivan Reitman conseguiu o tido como impossível: mostrar Schwarzenegger não apenas sensível, mas absolutamente vulnerável – ou seja, representando fora de seu padrão de herói brucutu com nervos de aço e emoções mudas. Schwarzie interpreta um cientista que é persuadido por um colega (Danny DeVito) a usar seu próprio corpo como cobaia de uma experiência *sui generis*: ele deve testar as possibilidades de um homem engravidar e dar à luz um bebê. *J.E.R.*

(EUA, 1994) Direção: Ivan Reitman. Com Arnold Schwarzenegger, Danny DeVito, Emma Thompson. UIP.

Warner

Entrevista com o Vampiro

THE ENDLESS SUMMER II

Em 1964, o diretor Bruce Brown convidou dois garotões da Califórnia para um projeto inusitado: um ano viajando pelo mundo, perseguindo o verão sem fim. Bruce e os garotões Robert August e Mike Hynson eram surfistas e com US$ 50 mil no bolso, uma câmera na mão e uma prancha sob os pés descobriram ondas nos sete mares, e voltaram à América com um misto de documentário e filme de ação, *The Endless Summer*, que no Brasil chamou-se *Alegrias de Verão*. Os tempos mudaram e o surf agora movimenta muito dinheiro. Por isso, a New Line Cinema investiu US$ 3,3 milhões em *The Endless Summer II*, dirigido pelo mesmo Bruce Brown, agora com os surfistas Pat O'Connell e Robert "Wingnut" Weaver. Brown e o diretor de fotografia Mike Hoover desenvolveram um equipamento especial que permitiu filmagens das ondas em 35 mm pela primeira vez na história. *F.Z.*

(EUA, 1994) Direção: Bruce Brown. Com Robert Weaver, Pat O'Connell. Lumiere.

O ANJO DA GUARDA

North (Elijah Wood) é um garoto educado, inteligente, estudioso e de bom coração, mas que tem uma queixa séria: seus pais são egoístas, centrados em si mesmos e não sabem dar o devido valor ao doce de criança que ele é. North, então, decide cortar o mal pela raiz e sai em busca de um novo par de progenitores, no Havaí, no Texas ou no pólo Norte, aconselhado pelo anjo da guarda Bruce Willis. *I.B.*

(North, EUA, 1994) Direção: Rob Reiner. Com Elijah Wood, Bruce Willis, Jon Lovitz. PlayArte.

BOLSA DE CINEMA

Filmes off-Hollywood continuam conquistando a preferência da crítica

	Inácio Araujo – Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa – Veja São Paulo	Luiz Carlos Merten – O Estado de S. Paulo	Luciano Trigo – O Globo	Rubens Ewald Filho – HBO	Cristiane Couto – MTV	Cleber Eduardo – Diário Popular	Alessandro Giannini – Jornal da Tarde	José Emilio Rondeau – SET	Média
Tempos de Viver (Top Tape)	–	9	7	8	7	–	10	9	8	8.2
Tio Vanya em Nova York (Pandora)	–	8	9	–	6	10	7	5	–	7.5
Veja Esta Canção (Riofilme)	5	–	7	8	7	8	8	8	–	7.2
O Homem Sem Face (Paris)	6	6	8	–	7	7	6	8	7	6.8
Sereias (Top Tape)	–	6	5	6	6	7	7	7	–	6.2
Timecop – O Guardião do Tempo (UIP)	–	7	7	7	5	–	6	6	5	6.1
Assassinos por Natureza (Warner)	4	2	6	5	7	8	7	4	6	5.4
Erotique (Riofilme)	5	–	4	6	4	7	5	5	–	5.1
Parceiros do Crime (Look)	1	–	5	–	4	–	7	8	–	5.0
StarGate (Look)	–	5	0	5	6	6	–	5	6	4.7

Dulce Damasceno de Brito

O PARAÍSO PERDIDO

Parece um paradoxo, mas Hollywood é mais velha que o cinema. Oito anos antes de os irmãos Lumière o inventarem e dezoito antes de Thomas Edison lançar seu kinetoscope, a sra. Deida (ou Daeida) Wilcox batizou o rancho de seu marido como Holly-wood, o bosque dos azevinhos. Através dos anos, o nome foi erroneamente traduzido como "madeira sagrada" (de *wood*, madeira, e *holy*, sagrado, em vez de *holly*, um arbusto que produz frutinhas semelhantes a amoras).

As atividades cinematográficas no bairro de Los Angeles começaram realmente em 1911. Daí por diante, nunca mais pararam. Com a instituição da Academia de Artes e Ciências e seus maravilhosos Oscar, Hollywood atingiu o privilegiado status de meca do cinema mundial. O bosque dos azevinhos ficou pequeno para tantos produtores, e os estúdios espalharam-se por bairros como Culver City, Burbank, Westwood etc. Mas o nome continuou dominando. Tudo era "*made in* Hollywood".

Arquivo: Dulce Damasceno de Brito

O início de uma grande amizade: Dulce e John Cassavetes no set de filmagens de *Irmão Contra Irmão*, em 1958

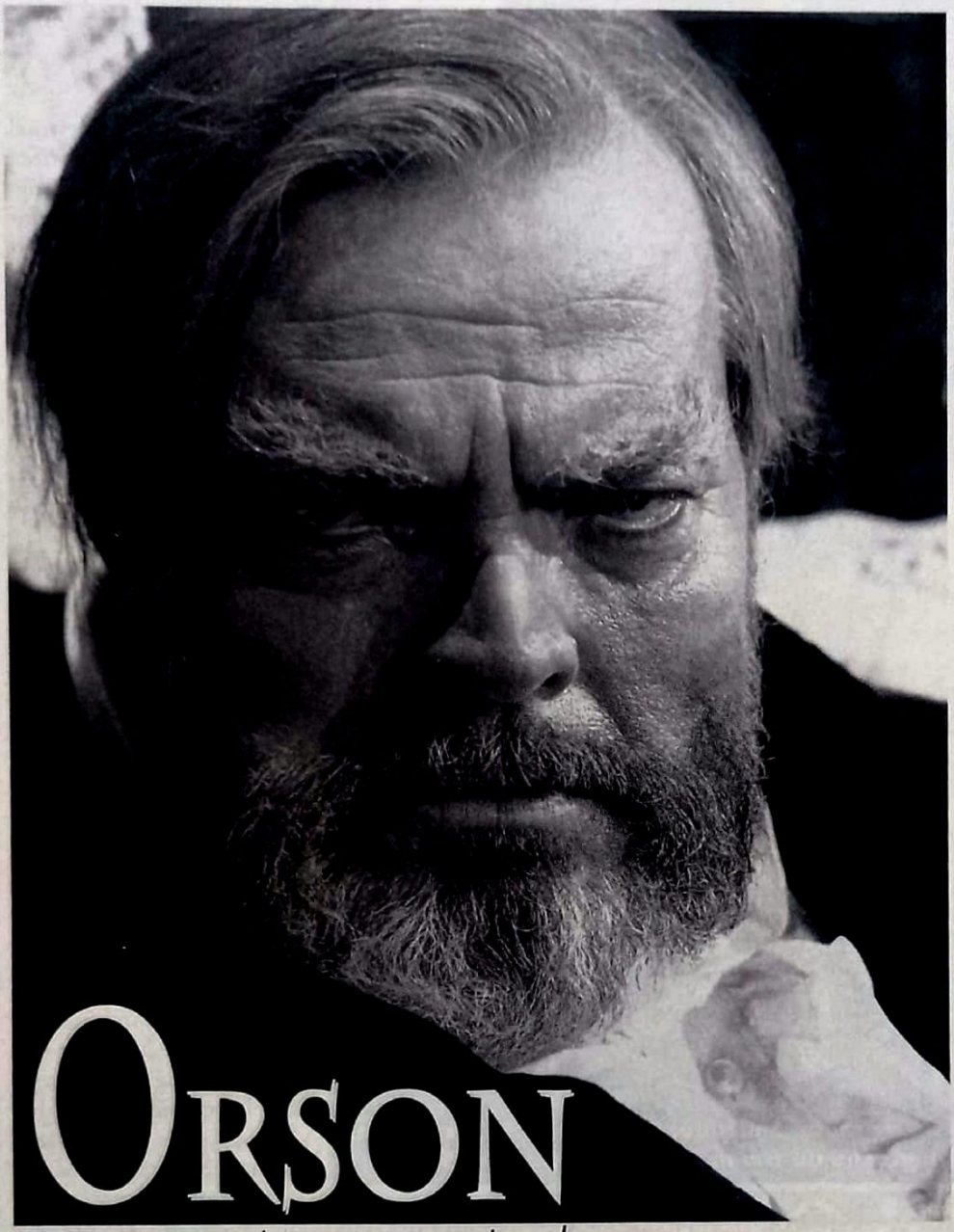
Fui uma das poucas jornalistas da época a fazer parte daquele sonho de tantos fãs, para mim tornado realidade. Atualmente, nas noites de autógrafos do meu livro de memórias *Hollywood Nua e Crua* (Editora Best Seller – Círculo do Livro), a maioria dos leitores ainda me pergunta: "Se teve uma vida tão fascinante por lá durante 16 anos, por que voltou para o Brasil?". A resposta é simples: justamente por adorar tanto Hollywood e ter realizado todos os meus sonhos, preferi vir embora no momento em que começava o declínio da *golden era* que presenciei com tanto encantamento.

Era emocionante ficar cara a cara com ídolos como Marlon Brando, tomar chá com Grace Kelly, morrer de rir com Sophia Loren, Liz Taylor e Doris Day, ouvir os pitos de Hitchcock na minha amiga Kim Novak no proibido set de *Um Corpo que Cai* e, principalmente, privar da intimidade de nossa estrelíssima Carmen Miranda em suas mansões de Beverly Hills e Palm Springs. Hoje, quando se fala das mulheres mais carismáticas do cinema, citam Marilyn Monroe, Audrey Hepburn, Grace Kelly, Marlene Dietrich, Bette Davis, Elizabeth Taylor e Greta Garbo. À exceção de Garbo, conheci pessoalmente todas elas.

Cheguei a Hollywood numa época ainda gloriosa (1952), mas já de transição diante do vertiginoso avanço da televisão, que acenava com uma tela dentro de casa e, posteriormente, com o videocassete. Testemunhei a luta dos grandes estúdios para sobreviver – a desesperada tentativa de inovações técnicas como Cinerama, CinemaScope, Vistavision. Mas já havíamos entrado na era da informática e da corrida espacial, e o homem ansiava por controlar seus próprios divertimentos ao simples toque de um botão. Em parte, venceu esse mecanismo. Porque, quando voltei a Hollywood em 1976 – após alguns anos de ausência –, o panorama era mesmo desolador.

Nas décadas de 50 e 60, havia uma média de cinco filmagens diárias de cada estúdio como Metro, Fox, Warner, Columbia, Paramount, RKO, Univer-sal, Disney, Republic, Goldwyn e Selznick. Em meados dos anos 70, 40% deles haviam fechado suas portas; os demais cediam espaço para produções de TV. Reencontrei velhos amigos como Mickey Rooney no set de *Meu Amigo, o Dragão* nos estúdios Disney e visitei o querido John Cassavetes em seu escritório no alto de um cinema de Wilshire Boulevard. Lá, entre uma vodka e outra, o saudoso ator-diretor-produtor me confidenciou: "O tão falado declínio de Hollywood não me afeta, porque nunca aderi ao sistema. Mas tenha uma certeza: o verdadeiro cinema jamais morrerá. Como não morreu o teatro. E embora se diga que Hollywood é um estado de espírito, esse mesmo *state of mind* continuará sendo um incentivo aos cineastas".

De fato não existe mais, palpavelmente, aquela Hollywood que conheci tão bem. Mas Cassavetes tinha razão. E, para mim, Hollywood continua sendo uma palavra mágica, que simboliza o estrelato, o glamour, o carisma, a consagração artística definitiva. Não importa a redução da produção *in loco*. Não importa que os atores de hoje precisem trabalhar dobrado como *free-lancers* para sobreviver, porque não mais existem os grandes estúdios para sustentar suas carreiras com polpudos contratos. O que realmente importa é a lembrança – o maravilhoso patrimônio que Hollywood nos legou. Porque Hollywood ainda é sinônimo de cinema. E cinema é sinônimo de Hollywood. Um mito indestrutível. Eterno.



Globo Vídeo

ORSON WELLES UM HOMEM IMPOSSÍVEL

Enfant terrible, mentiroso, artista incompreendido; tantos mitos gravitam em torno do criador de _Cidadão Kane_. Mas uma verdade permanece: é ele o cineasta que ensinou ao cinema como extrair um sentido da ilusão

Orson Welles são vários mitos em um só. O primeiro, fundador, é o do *golden boy* que aos 25 anos pisou na RKO com plenos poderes (inclusive sobre a montagem final de seus filmes) e mudou a história do cinema com *Cidadão Kane*. Em torno dele gravitam os demais.

Um deles é o próprio *Cidadão Kane*: das estátuas que derretiam entre um plano e outro, de tanta luz que Gregg Toland acendia para obter a profundidade de campo contínua, até o sacrossanto mistério de Rosebud – tudo ali tende à mitologia.

A narrativa descontínua, em *flashback*, contrariava o princípio da linearidade clássica. A locução introduzia em cena a herança radiofônica de Welles, mas também servia para dar ao som outro sentido e outro uso que não os habituais. As contra-*plongées* atrevidas contrariavam o princípio da neutralidade narrativa, em que o diretor apaga as diferenças entre o que existe e o que representa, entre o verdadeiro e o ilusório.

Inútil dizer que antes a profundidade de campo já existia. Nunca antes a identidade entre o campo focal e o conjunto da cena fora tão ligada ao sentido da história. Inútil dizer que o *flashback* já existia. Em *Cidadão Kane* ele não estava lá só para remeter a narrativa do presente ao passado, e vice-versa, mas para criar um labirinto. Assim como os planos longos e a clareza das cenas, tudo serve para nos mostrar que uma vida é tão permeada de verdades e mentiras que, quanto mais conhecemos a história de um homem, mais ela nos escapa.

A inteligência brutal pode ter sido a causa de o filme ter sido um relativo fracasso. O certo é que logo Welles perdia seus poderes. *Soberba* foi montado à revelia. *É Tudo Verdade* foi simplesmente interrompido. Nascia aí o mito do artista incompreendido.

Nessa altura, o casamento com Rita Hayworth, em 1943, acabou caindo como uma luva em sua vida: era a união da beleza com a sabedoria, do encanto com o cérebro. Mas rendeu, em todo caso, um filme e uma história: a da conversa telefônica entre Welles e Harry Cohn. O diretor falava de uma cabine telefônica, quando o chefão da Columbia lhe perguntou qual o nome do filme que ia fazer. Welles olhou numa banca de livros e deu com um título: *A Dama de Shanghai*. A companhia comprou os direitos. Orson leu o livro e descobriu que era

péssimo. Ficou com o nome e escreveu outra história.

O fato é que, se não valesse por mais nada, *A Dama de Shanghai* valeria só pelo labirinto de espelhos que o autor cria a horas tantas e quase resume sua obra: são imagens que remetem a imagens, fantasmas que remetem a outros fantasmas. A idéia geral de *Cidadão Kane* retorna neste filme, e de algum modo está em todos os outros. Em vez de mostrar a história de um homem, mostra a impossibilidade de conhecer um homem, uma vida, uma história.

Dessa impossibilidade derivam outros mitos. O do mentiroso, por exemplo. Porque Orson Welles, entediado com os estudos, um belo dia embarcou com um grupo de teatro para a Irlanda, onde estreou fazendo-se passar por grande ator de Nova York.

Mentira, claro. Mas, de certa forma, uma verdade que só faltava ser comprovada. O fascínio de Welles passa, em boa parte, por esse namoro com a mistificação. Quem mais poderia fazer a montagem radiofônica de *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, com tal convicção que boa parte dos ouvintes entrou realmente em pânico?

Com o fim dos anos de glória, chega o tempo das necessidades: os trabalhos como ator para ganhar a vida, os projetos nunca concluídos. O artista em desgraça, que só conseguiu fazer *A Marca da Maldade* graças à influência de Charlton Heston. Mesmo assim, só ganhou como ator. Dirigiu de graça.

Não há o que falar desse filme: Welles está todo ali, no filme e na figura que interpreta, o decaído inspetor Quinlan, que procura forjar uma mentira para ocultar todas as mentiras que o envolvem, mas que haviam criado o mito do policial infalível, que

DE CONHECER

resolve qualquer caso. Mas o que a sociedade pede da polícia senão uma aparência de ordem que a tranqüilize?

Decaído ou não, Welles era o único capaz de encarar os grandes gênios – Shakespeare, Kafka, Cervantes – sem usá-los como muleta. Era um leitor no sentido moderno da palavra: aquele que lhes restitui sua verdade, não permite que se deixem embalsamar.

Ao mesmo tempo, de todos os grandes cineastas, é o mais tocado pela idéia do autor maldito, o que não consegue fazer seus projetos, o que deixa trabalhos incompletos (*Quixote*, *É Tudo Verdade*), o que tem

Paramount

Gamma

Orson no Brasil, enquanto rodava *É Tudo Verdade*, e, ao lado, em *O Marinheiro de Gibraltar* (1967); na pág. anterior, em *Malpertuis* (1972)

de recorrer à Europa para obter financiamentos: enfim, um personagem do século 19, um "artista" à moda romântica.

Se toda a obra de Orson Welles situa-se na intersecção entre falso e verdadeiro, entre genialidade e megalomania, talvez venha ao caso perguntar qual dos inúmeros papéis que fez para outros diretores melhor o expressa. Sem dúvida o ilusionista de *O Homem de Duas Vidas*, de um Brian De Palma ainda desconhecido: isso é o que Orson Welles era e gostava de ser. Alguém que praticava o cinema e ao mesmo tempo o pensava e criticava, que via nele uma máquina de ilusões.

Ora, é justamente este o paradoxo do cinema: tirar a verdade do falso ao mesmo tempo que, a partir da mentira, procura a verdade. Nesse sentido, talvez nenhum momento a expresse melhor do que a definição lancinante do alquebrado Quixote, ao entrar em contato com uma câmera: essas máquinas malditas que transformam a verdade em mentira.

Orson Welles soube, com mais clareza, intensidade e angústia do que ninguém apontar o rumo do cinema: a passagem da ilusão ao real. Não o real como coisa dada, mas como sentido que se conquista.

Inácio Araujo

SET

Filmografias

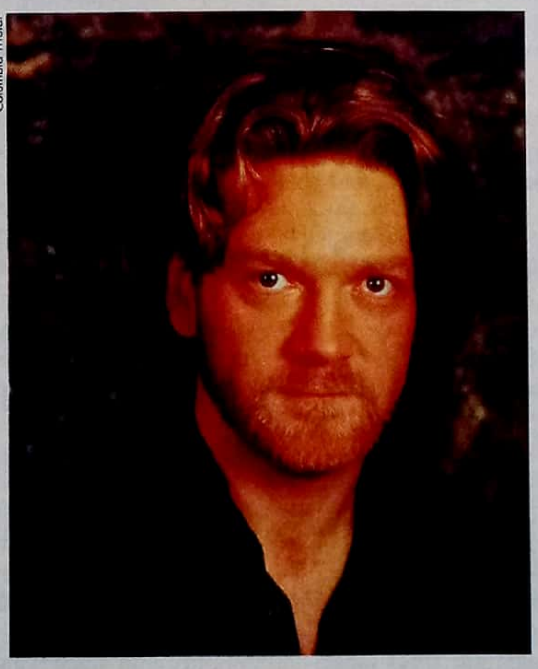
Gamma

ORSON WELLES

Diretor, produtor, roteirista e ator nascido George Orson Welles a 6 de maio de 1915 em Kenosha, Wisconsin, EUA. Falecido em 1985.

Como diretor: 1941: CIDADÃO KANE* (*Citizen Kane*, também como ator, roteirista e produtor) ■ 1942: É TUDO VERDADE (*It's All True*, concluído em 1993); SOBERBA (*The Magnificent Ambersons*, também como narrador, roteirista e produtor) ■ 1943: JORNADA DE PAVOR (*Journey into Fear*, co-dirigido por Norman Foster, também como ator, co-roteirista e produtor) ■ 1946: O ESTRANHO (*The Stranger*, também como ator e co-roteirista) ■ 1948: A DAMA DE SHANGHAI (*The Lady from Shanghai*, também como ator e roteirista); MACBETH, REINADO DE SANGUE* (*Macbeth*, também como ator, roteirista e produtor) ■ 1952: OTHELLO (também como ator, roteirista e produtor) ■ 1955: GRILHÕES DO PASSADO (*Mr. Arkadin/Confidential Report*, também como roteirista e ator); DON QUIXOTE (também como ator, roteirista e co-produtor, inacabado) ■ 1958: A MARCA DA MALDADE* (*Touch of Evil*, também como ator e roteirista) ■ 1962: O PROCESSO* (*The Trial*, também como ator e roteirista) ■ 1966: CAMPANADAS A MEDIANOCHE (também como ator e roteirista) ■ 1968: HISTÓRIA IMORTAL (*Une Histoire Immortelle*, também como ator e roteirista, para a TV) ■ 1969: DEAD RECKONING/THE DEEP (também como ator e roteirista, inacabado) ■ 1970: THE OTHER SIDE OF THE WIND (também como roteirista, inacabado) ■ 1975: VERDADES E MENTIRAS DE ORSON WELLES (*F for Fake*, também como ator e roteirista)

Como ator: 1940: THE SWISS FAMILY ROBINSON (de Edward Ludwig, como narrador) ■ 1944: JANE EYRE (de Robert Stevenson); FOLLOW THE BOYS (de A. Edward Sutherland) ■ 1946: O AMANHÃ É ETERNO (*Tomorrow Is Forever*, de Irving Pichel) ■ 1947: DUELO AO SOL (*Duel in the Sun*, de King Vidor, como narrador) ■ 1949: MEMÓRIAS DE UM MÁGICO (*Black Magic*, de Gregory Ratoff); O FAVORITO DOS BÓRGIAS (*Prince of Foxes*, de Henry King); O TERCEIRO HOMEM* (*The Third Man*, de Carol Reed) ■ 1950: A ROSA NEGRA (*The Black Rose*, de Henry Hathaway) ■ 1953: TRENT'S LAST CASE (de Herbert Wilcox); L'UOMO, LA BESTIA E LA VIRTÙ ■ 1954: SE VERSALHES FALASSE (*Si Versailles m'Était Conté*, de Sacha Guitry); O VALE DA ESPERANÇA* (*Trouble in the Glen*, de Herbert Wilcox) ■ 1955: THREE CASES OF MURDER (de David Eady, Wendy Toye e George More O'Ferrall); NAPOLEÃO (*Napoleon*, de Sacha Guitry) ■ 1956: MOBY DICK* (de John Huston) ■ 1957: MAN WITH A SHADOW/PAY THE DEVIL ■ 1958: O MERCADOR DE ALMAS (*The Long Hot Summer*, de Martin Ritt); RAÍZES DO CÉU (*The Roots of Heaven*, de John Huston); OS VIKINGS (*The Vikings*, de Richard Fleischer, como narrador) ■ 1959: ESTRANHA COMPULSÃO (*Compulsion*, de Richard Fleischer); O PROSCRITO DE HONG-KONG* (*Ferry to Hong Kong*, de Lewis Gilbert) ■ 1960: DAVID E GOLIA (de Richard Pottier e Ferdinando Baldi); TRAGÉDIA NUM ESPELHO (*Crack in the Mirror*, de Richard Fleischer); COM SANGUE SE ESCREVE A HISTÓRIA (*Austerlitz*, de Abel Gance) ■ 1961: OS BRAVOS TÁRTAROS (*I Tartari*, de Richard Thorpe); REI DOS REIS (*King of Kings*, de Nicholas Ray, como narrador) ■ 1962: EPOPÉIA DE BRAVOS (*Lafayette*, de Jean Dreville); RELAÇÕES HUMANAS (*RoGoPaG/Laviamoci il Cervello*, de Roberto Rossellini, Jean-Luc Godard, Pier Paolo Pasolini e Ugo Gregoretti, episódio "La Ricotta" de Pasolini) ■ 1963: GENTE MUITO IMPORTANTE (*The V.I.P.s*, de Anthony Asquith) ■ 1965: MARCO POLO, O MAGNÍFICO (*La Fabuleuse Aventure de Marco Polo*, de Denys De La Patellière e Noel Howard); A KING'S STORY (documentário de Harry Booth, como narrador) ■ 1966: PARIS ESTÁ EM CHAMAS? (*Paris Brûle-t-il?*, de René Clement); O HOMEM QUE NÃO VENDEU SUA ALMA* (*A Man for All Seasons*, de Fred Zinnemann) ■ 1967: CASSINO ROYALE* (*Casino Royale*, de John Huston, Ken Hughes, Robert Parrish, Joe McGrath e Val Guest); O MARINHEIRO DE GIBRALTAR (*The Sailor from Gibraltar*, de Tony Richardson); DEPOIS QUE TUDO TERMINOU (*I'll Never Forget What's 'Is Name*, de Michael Winner) ■ 1968: OEDIPUS THE KING (de Philip Saville); KAMPFUM ROM ■ 1969: A ESTRELA DO SUL (*L'Etoile du Sud/The Southern Star*, de Sidney Hayers); TEPEPA; DOZE CADEIRAS MAIS UMA* (*Una su Tredici*, de Nicolas Gessner); MICHAEL THE BRAVE; NÃO IMPORTA QUE MORRAM (*House of Cards*, de John Guillermin) ■ 1970: THE BATTLE OF NERETVA (de Veljco Bulajic); MERCENÁRIOS NUM REINO EM CHAMAS (*Start the Revolution Without Me*, de Bud Yorkin, como narrador); CARTA AO KREMLIN (*The Kremlin Letter*, de John Huston); ARDIL 22* (*Catch-22*, de Mike Nichols); WATERLOO* (de Sergei Bondartchuk) ■ 1971: DIRECTED BY JOHN FORD (documentário de Peter Bogdanovich, como narrador); REFÚGIO SEGURO (*A Safe Place*, de Henry Jaglom) ■ 1972: DEZ DIAS FANTÁSTICOS (*La Decade Prodigieuse*, de Claude Chabrol); MALPERTUIS – ESTRANHAS FANTASIAS* (*Malpertuis*, de Harry Kumel); OS CONTOS DE CANTERBURY (*I Racconti di Canterbury*, de Pier Paolo Pasolini); PIRATAS DA ILHA DO TESOURO (*Treasure Island*, de John Hough, também como co-roteirista); O HOMEM DE DUAS VIDAS (*Get to Know Your Rabbit*, de Brian De Palma); O FEITICEIRO* (*Necromancy*, de Bert I. Gordon) ■ 1975: BUGS BUNNY SUPERSTAR (de Larry Jackson, como narrador) ■ 1976: A VIAGEM DOS CONDENADOS (*Voyage of the Damned*, de Stuart Rosenberg) ■ 1979: O EXTINTO PLANETA TERRA* (*The Late Great Planet Earth*, de Robert Omram, como co-narrador); O MUNDO MÁGICO DOS MU-PPETS* (*The Muppet Movie*, de James Frawley); TESLA ■ 1981: O HOMEM QUE VIU O AMANHÃ – NOSTRADAMUS* (*The Man Who Saw Tomorrow*, de Robert Guenette, como narrador); GENOCIDE (de Arnold Schwartzman) ■ 1982: A HISTÓRIA DO MUNDO PARTE 1* (*History of the World Part I*, de Mel Brooks, como narrador); BUTTERFLY (de Matt Cimber); ORSON WELLES A LA CINEMATHEQUE (documentário de Pierre-Andre Boutang) ■ 1983: ALMONDS AND RAISINS (de Russ Karel); IN OUR HANDS ■ 1984: TRAPALHÕES DO FUTURO* (*Slapstick of Another Kind*, de Steven Paul); WHERE IS PARSIFAL? (de Henri Helman) ■ 1986: TRANSFORMERS: O FILME* (*Transformers: The Movie*, de Nelson Shin, voz original) ■ 1987: SOMEONE TO LOVE (de Henry Jaglom, póstumo) ■ 1990: HOLLYWOOD MAVERICKS (documentário coordenado por Florence Dauman)



Columbia TriStar

KENNETH BRANAGH

Ator e diretor, nascido a 10 de dezembro de 1960 em Belfast, Irlanda.

Como ator: 1987: GUERRA AOS TURISTAS* (*High Season*, de Clare Peploe), A MONTH IN THE COUNTRY (de Pat O'Connor) ■ 1992: OS ÚLTIMOS REBELDES* (*Swing Kids*, de Thomas Carter)

Como diretor: 1989: HENRIQUE V* (*Henry V*, também como ator e co-roteirista) ■ 1991: VOLTAR A MORRER* (*Dead Again*, também como ator) ■ 1992: PARA O RESTO DE NOSSAS VIDAS* (*Peter's Friends*, também como ator) ■ 1993: MUITO BARULHO POR NADA* (*Much Ado About Nothing*, também como ator e co-roteirista) ■ 1994: FRANKENSTEIN DE MARY SHELLEY (*Mary Shelley's Frankenstein*, também como ator e co-produtor)

*disponível em vídeo

VÍDEO SET

EDITORA AZUL
JANEIRO

KIM BASINGER e ALEC BALDWIN

MERGULHAM NO CRIME E NA PAIXÃO EM **A FUGA**

UM MISTERIOSO ASSASSINATO EM MANHATTAN

Woody Allen de volta ao bom humor

MORANGO E CHOCOLATE

O cult cubano chega ao vídeo

KIKA

O mundo bizarro de Almodóvar

O JORNAL

Michael Keaton e Glenn Close disputam a notícia a tapas

JÁ NAS SALAS!

DOIS SUPERLANÇAMENTOS DA

ALEC BALDWIN

KIM BASINGER

AMÉRICA A MAGIA DO VÍDEO

ADRENALINA PURA!

ARDENTE... SENSUAL...EXPLOSIVA...

Basinger e Baldwin juntos nas cenas mais atrevidas e sexy da história do cinema.

MICHAEL MADSEN

JAMES WOODS

A FUGA

"THE GETAWAY" - direção ROGER DONALDSON

O C A D O R A S

AMÉRICA E PARIS VÍDEO FILMES!

RAUL JULIA

WILLIAM HURT

SANDRINE BONNAIRE

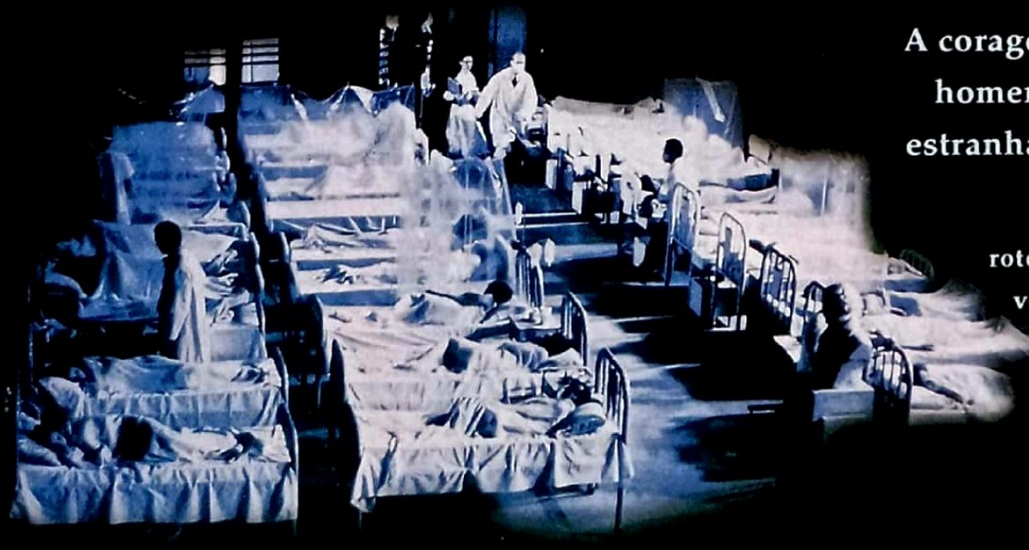
JEAN-MARC BARR

ROBERT DUVALL

ATORDOANTE e SENTIMENTAL...UM IMPACTO!!!

A PESTE de CAMUS

Baseado no romance de ALBERT CAMUS



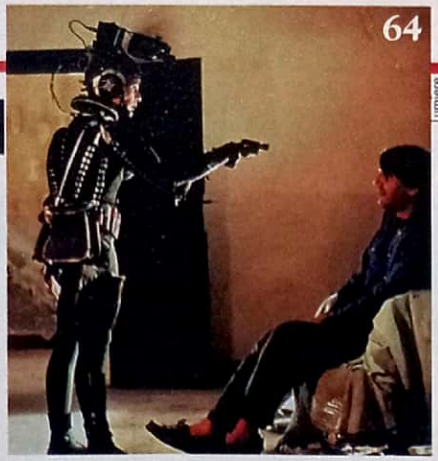
A coragem e o sacrifício de um homem na luta contra uma estranha epidemia que invade uma cidade.

roteiro e direção LUIZ PUENZO

vencedor do OSCAR pelo filme "A HISTÓRIA OFICIAL"

PARIS A ~~MAGIA~~ DO VÍDEO

Programa



Lumiere

NO LIMITE

62 O GUARDA-COSTAS E A PRIMEIRA-DAMA
Shirley MacLaine testa a paciência de Nicolas Cage

64 KIKA
Almodóvar leva seu estilo a extremos

66 EQUINOX
Gêmeos em crise de identidade

69 A FUGA
Kim Basinger e Alec Baldwin levam uma vida bandida

70 SKINHEADS – A FORÇA BRANCA
Jovens aderem ao radicalismo

REVELAÇÕES

20/20 Vision

62 O JORNAL
Michael Keaton nos bastidores da notícia

63 UM MISTERIOSO ASSASSINATO EM MANHATTAN
Seria o vizinho de Woody Allen um assassino?

65 UM GIGANTE DE TALENTO
Kevin Bacon descobre um craque e um estilo de vida

RELAÇÕES HUMANAS

64 MORANGO E CHOCOLATE
Os opostos se atraem em meio à repressão cubana

Centaurus Hipervideo

72 EXÓTICA
Solitários buscam a felicidade em fantasias sexuais

72 AMOR E RESTOS HUMANOS
A Geração X busca um lugar ao sol

À BEIRA DA LOUCURA

74 O MORRO DOS VENTOS UIVANTES
A estranha paixão entre Cathy e Heathcliff

76 TRAUMA
Uma mulher perdida entre o inconsciente e a realidade

Vídeo Arte

AMBIÇÕES

73 SOMBRAS DO MAL
Robert De Niro tenta tirar o pé da lama

74 SEM MEDO NO CORAÇÃO
Janet Jackson só quer o amor e a poesia

DOCUMENTÁRIO

70 WOODSTOCK
O maior festival da era de Aquário ganha cenas inéditas

Warner

DESENHO

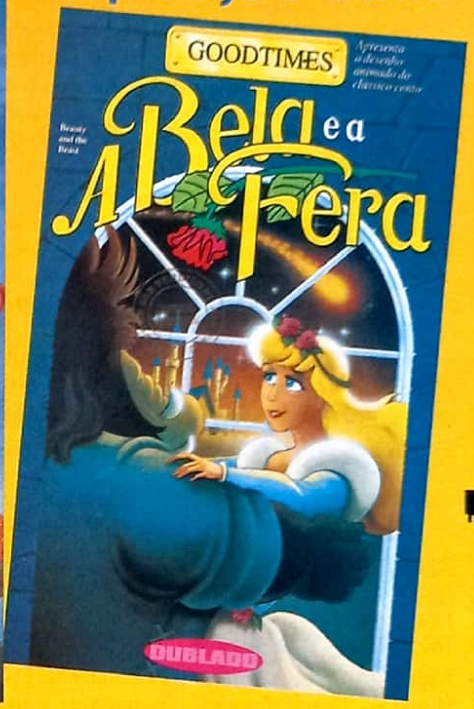
77 OS DINOSSAUROS VOLTARAM
Spielberg volta à onda jurássica

CIC

ESPERAR É DOSE PRA LEÃO!

O reino de fantasia que seu filho sempre sonhou

Peça já R$ 18,00 cada



A JOINTVIDEO leva até você (*), sem demora, os melhores filmes infantis da Goodtimes. Um autêntico manual de sobrevivência na selva, para sossegar os leõezinhos que cada um tem em casa.

(*)Entrega gratuita, de moto, para São Paulo e Gde. São Paulo.Para as demais regiões do País, remessa via Sedex, com despesas por conta do cliente.

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . ERÓTICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA

FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por R$ 18,00 cada:

☐ LEO - O REI LEÃO ☐ A BELA E A FERA ☐ O QUEBRA NOZES ☐ A POLEGARZINHA ☐ SINBAD - O MARUJO ☐ PINÓQUIO
☐ ALADDIN ☐ OS TRÊS MOSQUETEIROS ☐ A PEQUENA SEREIA

Total do pedido____ fitas/Custo total R$____

Forma de pagamento:
- Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado
- Cartão de crédito - validade: __/__/__
☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS ☐VISA
Nº do Cartão:____

Nome:____
R.G.:____ C.I.C.:____
End.:____
Bairro:____ Cidade:____
Estado:____ CEP:____ Fone: (__)____
ASSINATURA____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

COMÉDIA

O JORNAL ★★★

24 horas numa redação

Depois de *Hospital*, *Hotel*, *Aeroporto* e congêneres, agora é a vez de *O Jornal*: 24 horas na vida de um tablóide sensacionalista e seus exaustos jornalistas, todos às voltas com crises pessoais enquanto tentam fechar mais uma edição.

O editor Michael Keaton, por exemplo, é pressionado por sua mulher grávida (Marisa Tomei) a aceitar um cargo num jornal de maior prestígio; o chefe de redação Robert Duvall tem que mediar chiliques ao mesmo tempo em que convive com a descoberta de um câncer; a editora executiva Glenn Close atenua sua insatisfação profissional dando escapadelas românticas e jogando duro por um aumento de salário; e de resto as ciumeiras e rivalidades correm soltas na atormentada redação.

Desempenhando o papel de chantilly nesse bolo, uma questão ética: como apresentar aos leitores o caso de dois jovens negros suspeitos do assassinato de dois executivos brancos. Mas aqui estamos bem longe do território de clássicos sobre o jornalismo como *A Montanha dos Sete Abutres*. Tudo no filme de Ron Howard (*Cocoon, Um Sonho Distante*) é pretexto para tiradas e ação incessante. Nesse ponto, se sai bem. Mas é tão confiável como fonte de informação sobre a vida num jornal quanto *Aeroporto* o é sobre catástrofes aéreas.

(The Paper, EUA, 1994) Direção: Ron Howard. Com Michael Keaton, Glenn Close, Robert Duvall, Marisa Tomei, Randy Quaid, Jason Robards. 112 min. CIC.

ISABELA BOSCOV

CIC

Marisa Tomei, muito grávida, tem que ir até a redação do

ANJOS DO MAL ★★★ *(Deadly Advice, Inglaterra, 1993) Direção: Mandie Fletcher. Com Jane Horrocks, Brenda Fricker, Imelda Staunton, Jonathan Pryce. 100 min.* VTI.

INÉDITO NO CINEMA

Atormentada por sua mãe tirana, que acha imoral até almoçar com o namorado, a retraída Jodie passa a ser aconselhada pelos fantasmas de assassinos famosos. Resultado: crava um machado na cabeça da mãe. Daí tem que convencer a irmã a não abrir o bico, e aí o namorado da irmã também passa a ser um problema, e... Até que o mais famoso e impune dos criminosos ingleses (não, não é Ronald Biggs) se propõe a ser seu mentor. Ao estilo britânico, o humor aqui é negro, frio e inteligente, e os diálogos encontram respaldo total no ótimo elenco.

I.B.

RUBIN E ED ★★ *(Rubin and Ed, EUA, 1992) Direção: Trent Harris. Com Crispin Glover, Howard Hesseman, Karen Black. 89 min.* 20/20 Vison.

INÉDITO NO CINEMA

Este filme não é nenhum *Corra que a Polícia Vem Aí* em questão de escracho, mas tem uma irreverência especial, por conta principalmente dos dois protagonistas. Ed é um perdido na vida que procura a fórmula do sucesso num grupo que promete muito dinheiro, "desde que haja autoconfiança". Rubin é um filhinho-de-mamãe esquisito, que guarda seu gato congelado na geladeira. A confusão acontece quando os dois se perdem no Vale da Morte, a caminho de um seminário. Poderia ser mais ágil, mas rende algumas risadas.

C.G.L.

LK-Tel/Columbia

Doug (Cage) enfrenta o mau humor de Tess (Shirley MacLaine)

O GUARDA-COSTAS E A PRIMEIRA-DAMA ★★★

Guerra de nervos

Se a sorte do diretor Hugh Wilson não brilhou em *Loucademia de Polícia* (84), *O Vaqueiro Cantador* (85) e *A Ladrona* (87), um pequeno raio deve tê-lo iluminado quando realizou esta comédia, que combina os talentos de Shirley MacLaine e Nicolas Cage com resultado interessante. Cage é o agente secreto Doug, responsável pela segurança da ex-primeira-dama Tess Carlisle (MacLaine), uma viúva turrona e autoritária que azucrina a vida do rapaz.

Três anos agüentando o mau humor da senhora chata e suas excentricidades – como jogar golfe e fazer piquenique em dias frios – tiram Doug do sério, ao ponto de ele quebrar as regras e confrontar as ordens da patroa. Dentre as cenas mais engraçadas se destaca uma seqüência numa ópera. Adormecida, MacLaine começa a roncar alto; Cage não tem dúvida: empurra a cadeira e quase lança MacLaine balcão abaixo. Embora o final tenha suas doses de "moral da história", o filme serve para Nicolas Cage ir testando sua nova fase de bom-mocismo, que inclui o recente *Atraídos pelo Destino*.

(Guarding Tess, EUA, 1994) Direção: Hugh Wilson. Com Shirley MacLaine, Nicolas Cage, Austin Pendleton, Edward Albert. 103 min. LK-Tel/Columbia.

DEBORAH PELETAS

The Sun se quiser encontrar o marido Michael Keaton

A GAROTA DO CALENDÁRIO ★★

(Calendar Girl, EUA, 1993) Direção: John Whitesell. Com Jason Priestley, Gabriel Olds, Jerry O'Connell. 88 min. LK-Tel/Columbia.

Comédia adolescente que marca a estréia no cinema de Jason Priestley, o astro do seriado juvenil *Barrados no Baile*. Esse, na verdade, é um dos dois motivos para perder tempo vendo esta produção pouco original sobre três amigos de 18 anos que descobrem as delícias da independência e do sexo. Eles não chegam a ser idiotas, mas são previsíveis e sem graça – exatamente como o fraco roteiro que os concebeu. Não fosse a obsessão de um deles por Marilyn Monroe – tudo se passa em 1962 –, que provoca uma viagem até a Califórnia para ver a sensual loira de perto, o filme seria um desastre. Mas esse segundo detalhe pode ajudar a torná-lo mais palatável.

FATIMA GIGLIOTTI

O JOVEM NOSTRADAMUS ★★

(The Nostradamus Kid, Austrália, 1992) Direção: Bob Ellis. Com Noah Taylor, Miranda Otto, Jack Campbell. 130 min. NCA.

Comédia bastante dramática que se apóia no talento de Noah Taylor, um rebelde fascinante em *Flertando – Aprendendo a Viver* (90). Este filme, porém, aposta num personagem central antipático: Taylor é um adventista incerto do poder da Igreja que, em 1962, quer tirar o máximo proveito de sua vida antes do iminente fim dos tempos (a crise atômica). Explora amigos e virgens e mergulha fundo no ócio beatnik: passa os dias mascando metadrina e admirando quadros de Hieronimus Bosch. O retrato de época é sincero, mas o tipo esquizóide criado por Taylor impede a empatia do espectador.

CH.P.

UM MISTERIOSO ASSASSINATO EM MANHATTAN ★★★★

Woody Allen se diverte

Se a baixaria com Mia Farrow serviu para isto, a imprensa sensacionalista merece aplausos. Há muito tempo Woody Allen não fazia um filme compromissado apenas com a diversão – sua, de seus amigos e do público. É a sexta vez que Allen divide a tela com Diane Keaton – e o que se vê são dois atores cuja cumplicidade em cena parece ainda maior hoje do que nos anos 70.

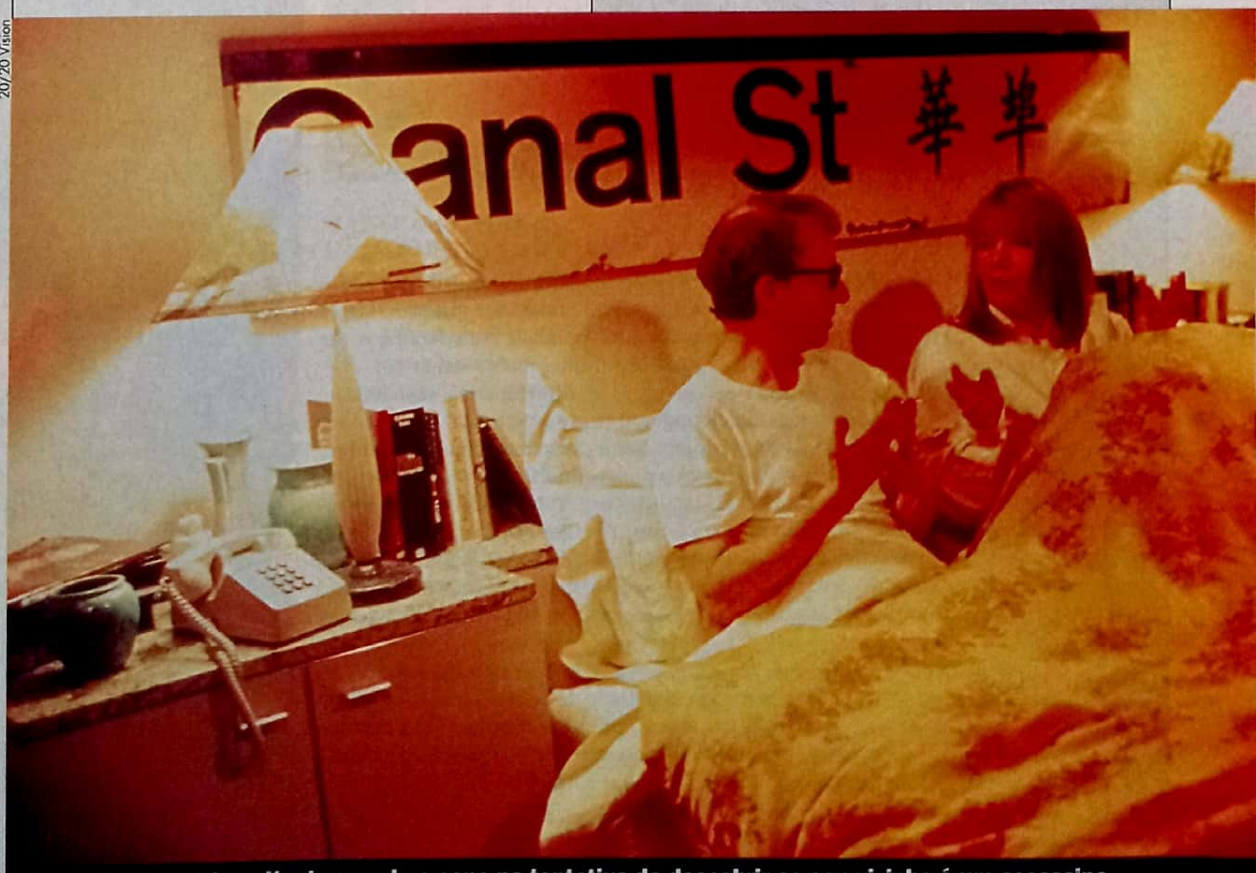
Vem de lá o argumento: em *Annie Hall* (77), a idéia inicial era tocar uma história de mistério a partir de uma suspeita de assassinato. O filme tomou outro rumo, mas o cineasta e o co-roteirista Marshall Brickman ressuscitaram aqui o mesmo ponto de partida: uma intelectual (Keaton) procura convencer o marido (Allen) de que o vizinho bonachão matou a esposa. Há cenas hitchcockianas evidentes, e outras sutis (repare num painel publicitário de ônibus com a palavra "Vertigo"), nesta farsa inebriante que também oferece papéis preciosos a Alan Alda (como um amigo do casal) e Anjelica Huston (uma escritora).

Mas ninguém supera diante das câmeras o prazer do anfitrião: *Um Misterioso Assassinato em Manhattan* traz de volta à luz do dia um cineasta que não parecia feliz em martelar a tecla de que o ser humano não tem remédio.

(Manhattan Murder Mystery, EUA, 1993) Direção: Woody Allen. Com Woody Allen, Diane Keaton, Alan Alda, Anjelica Huston, Jerry Adler, Lynn Cohen, Ron Rifkin. 108 min. 20/20 Vision.

SÉRGIO RIZZO

20/20 Vision



O casal Allen e Diane Keaton perde o sono na tentativa de descobrir se seu vizinho é um assassino

Jorge Perugorría rouba a cena como o irresistível e inteligente Diego

Centaurus Hipervídeo

MORANGO E CHOCOLATE ★★★

Elenco afiado

Baseado no conto *El Bosque, el Lobo y el Hombre Nuevo*, de Senel Paz, o cubano *Morango e Chocolate* é um filme superestimado – apesar de estar acima da média das produções latino-americanas. Tem elenco afiado, uma boa carreira internacional – prêmios nos festivais de Havana e Berlim –, e chegou ao Brasil com Kikitos no Festival de Gramado. Mas fez mais barulho por uma espécie de curiosidade perversa em relação ao modo de vida homossexual do que pela discussão política que suscita.

O convívio do intelectual Diego (o ótimo Jorge Perugorría), homossexual, e David (Vladimir Cruz), um estudante de Ciências Sociais, militante político, hetero, é o ponto de partida para discutir a repressão no sistema de Fidel Castro. O choque desses dois mundos, no entanto, é superficial e também doutrinário, já que David muda vários de seus pontos de vista, mas não por iniciativa própria. Ou seja: mais uma vez, ele "compra" uma ideologia sem entender sua abrangência ou vivenciá-la. A trama de *O Beijo da Mulher Aranha*, com estrutura muito semelhante, vai bem mais longe no tema.

(Fresa y Chocolate, Cuba/México/Espanha, 1993) Direção: Tomás Gutierrez Alea e Juan Carlos Tabío. Com Jorge Perugorría, Vladimir Cruz, Mirta Ibarra. 110 min. Centaurus Hipervídeo.

CESAR GARCIA LIMA

SEXO ANUAL ★★
(Campus Man, EUA, 1987) INÉDITO NO CINEMA
Direção: Ron Casden. Com John Dye, Kim Delaney, Morgan Fairchild. 95 min. Odessa.

O curioso desta comédia juvenil é saber que foi baseada numa história real ocorrida na Universidade do Arizona, justamente com o produtor associado Todd Headlee. Apenas para mostrar que a arte às vezes imita a vida – e mal. Um estudante de publicidade tem problemas para pagar a anuidade e inventa um calendário de homens para arrumar grana. Só que a grande atração do "brinquedinho" é seu melhor amigo, um atleta de saltos ornamentais. O bonitão acaba perdendo a vaga na equipe, mas tudo acaba bem graças ao brilhantismo do publicitário. Simpático e só.

F.G.

KIKA ★★★

Para ler nas entrelinhas

Talvez a melhor forma de começar um texto sobre este último trabalho de Pedro Almodóvar seja utilizar uma frase sua: "Meus filmes não podem ser vistos de forma literal ou linear". É a mais pura verdade, e é preciso muito cuidado para decifrar o que ele quer mostrar com *Kika*, provavelmente um de seus filmes mais herméticos.

Apesar de o cineasta espanhol exercitar aqui seus temas preferidos – sexualidade, complexo de Édipo, neuroses modernas, adicionados a um enredo cheio de reviravoltas – para outra vez criticar a sociedade, é necessário ler o que está escondido nas entrelinhas.

A galeria de personagens esquisitos é formada por Andrea Caracortada (Victoria Abril), que comanda *O Pior do Dia*, um *reality show* do tipo *Aqui Agora*; o personagem-título (vivido com extrema competência por Verónica Forqué) é incapaz de perceber os males à sua volta, e por isso mesmo continua imune às desgraças da vida; há ainda um *serial killer* (Peter Coyote) disfarçado em escritor de best sellers, um ex-ator pornô e maníaco sexual (Santiago Lajusticia) e o namorado edipiano de Kika (Alex Casanovas).

No meio dessa gentarada toda e de seus problemas, Almodóvar cutuca fundo em nossas feridas. Em particular numa comentada seqüência de doze minutos: enquanto é estuprada, Kika faz de tudo para se livrar do estuprador (disposto a quebrar seu recorde de dar quatro sem tirar), ora fingindo orgasmos ora conversando com a empregada. Só faltava ela lixar as unhas.

(Espanha, 1993) Direção: Pedro Almodóvar. Com Verónica Forqué, Peter Coyote, Victoria Abril, Alex Casanovas, Rossy De Palma, Santiago Lajusticia. 115 min. Castle.

DEBORAH PELEIAS

Castle

O namorado Alex Casanovas e o *serial killer* Peter Coyote

A GOOD MAN IN AFRICA ★

(A Good Man in Africa, EUA, 1994) Direção: Bruce Beresford. Com Colin Friels, Joanne Whalley-Kilmer, Sean Connery. 90 min. Mundial.

Bruce Beresford, o diretor que se consagrou com *Conduzindo Miss Daisy*, tem afinidade com tramas sentimentais e familiares. Aqui, no entanto, ele se dá mal ao fazer uma comédia com lances de aventura, ambientada em Kinjanja, África. Morgan (Friels) é o atrapalhado primeiro-secretário da Embaixada Britânica, que se envolve com muitas mulheres e tem pouca habilidade política. Um de seus únicos referenciais é o Dr. Murray (Connery), com quem tem uma relação pouco cordial. Mas o roteiro você decide, já que a história é confusa e fragmentada.

C.G.L.

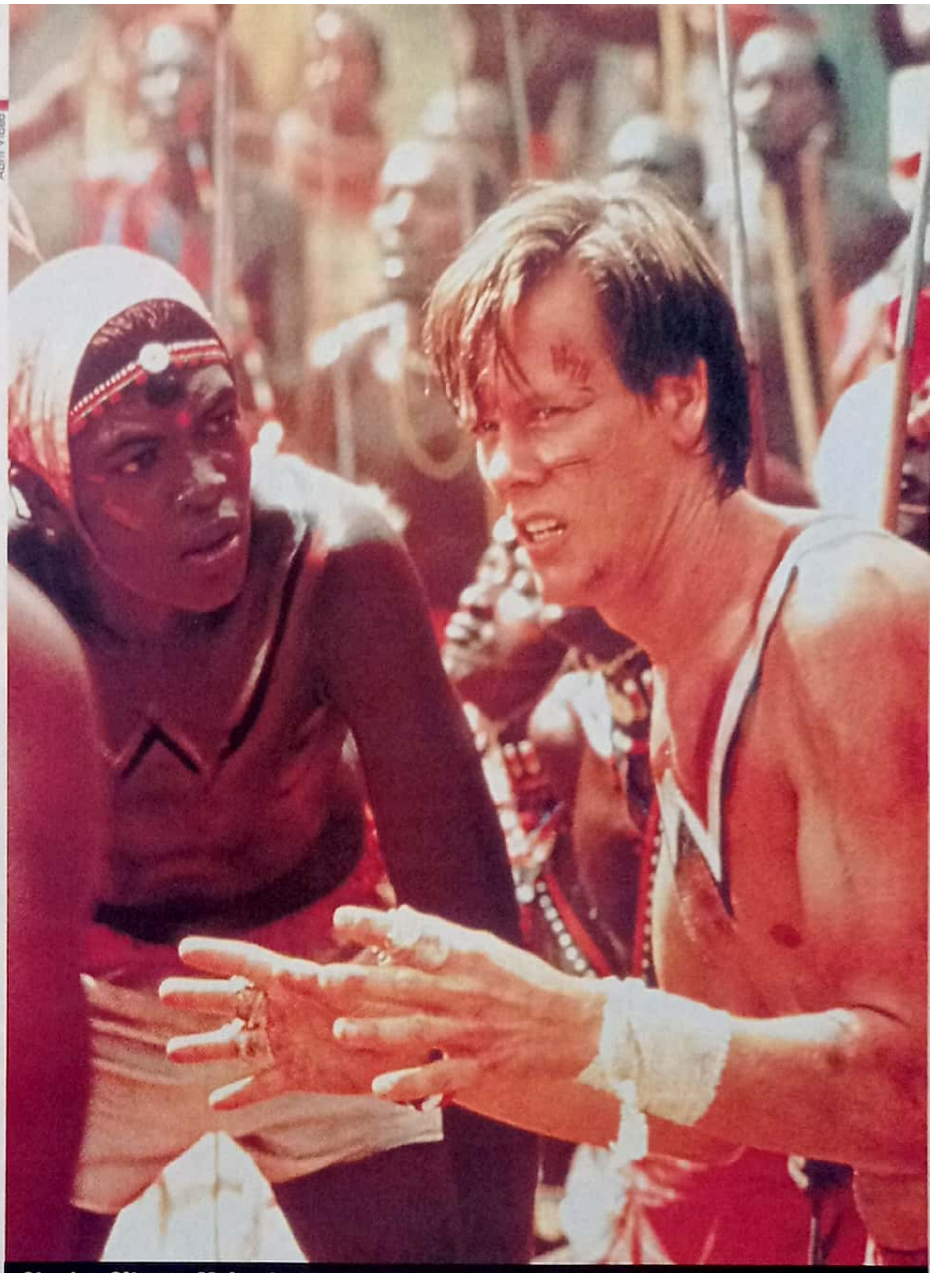
DOIS LOUCOS NA NOITE ★★★

(The Stoned Age, EUA, 1993) Direção: James Melkonian. Com Michael Kopelow, Bradford Tatum, Frankie Avalon. 90 min. Capital.

Reminiscências dos anos 70 tratadas em tom *Quanto Mais Idiota Melhor*. Dois amigos partem para uma noite de arromba. Um deles, virgem, quer seguir os passos de seu companheiro, um garanhão. Envolvem-se com duas irmãs radicalmente diferentes, não sem antes se meter em variadas confusões. Nada de novo, mas o elenco desconhecido está bem, há uma ótima piada com *2001*, a trilha inclui Black Sabbath, Deep Purple, T. Rex e outros sons progressivos e o título original é excelente (um trocadilho com Idade da Pedra – *Stone Age* – e a idade *stoned*, "chapada"). Uma curtição, mora?

CH.P.

em cenário tipicamente almodovariano



Abril Vídeo

Charles Gitonga Maina tenta aprender as regras do jogo com Kevin Bacon

VAI TRABALHAR VAGABUNDO 2 ★★★

(Brasil, 1987/92) Direção: Hugo Carvana. Com Carvana, Marieta Severo. 105 min. Sagres/Riofilme.

A estréia de Carvana na direção é do tempo em que o público do cinema brasileiro se contava aos milhões. *Vai Trabalhar Vagabundo* marcou época. Já *Vagabundo 2* (nos cinemas, *Amor Vagabundo*) pegou a recessão e não fez sucesso. O malandro Carvana volta à cena, após um estágio no México. Os amigos deixaram a malandragem. Na ativa, só a golpista Marieta Severo, que deita e rola. Seu carisma e o de Carvana seguram um filme que ao menos diverte.

LUIZ CARLOS MERTEN

UM GIGANTE DE TALENTO ★★

Correção política

Treinador americano de basquete (Kevin Bacon) vai até o Quênia para localizar um craque nativo, que viu num vídeo amador gravado na África. Sua esperança é levá-lo à América e transformá-lo num novo Michael Jordan. Ele encontra o rapaz – Saleh (Charles Gitonga Maina) – mas tem um problema: Saleh é príncipe da tribo Winabi e não pretende deixar sua terra natal.

Enquanto tenta convencê-lo a mudar de idéia, o treinador ajuda os winabis a vencer seus inimigos, compreende o valor da amizade e, ao final, descobre o sentido da vida: viver no meio do mato sem eletricidade, água encanada e papel higiênico é que é legal. Ou seja, mais um produto politicamente correto típico da Disney, produtora do filme. A linha é a mesma de *Jamaica Abaixo de Zero*; a fotografia é boa e o filme tem piadas engraçadas (duas, na verdade), o que já é lucro.

(The Air Up There, EUA, 1993) Direção: Paul Michael Glaser. Com Kevin Bacon, Charles Gitonga Maina. 110 min. Abril Vídeo.

EDSON ARANTES

SUSPENSE

EQUINOX ★★★

Crise de identidade

Você já viu esta história antes: gêmeos (interpretados por Matthew Modine) vivem separados desde o nascimento e revelam personalidades divergentes. Henry é um tímido mecânico incapaz de se aproximar da mulher desejada (Lara Flynn Boyle), enquanto Freddy é um violento e ambicioso candidato a gângster. Suas trajetórias passarão a confluir no momento em que um segredo de seu passado começa a ser desvendado.

Nem pense em *Gêmeos – Mórbida Semelhança*, o filme de David Cronenberg que trazia Jeremy Irons vivendo papéis semelhantes. Enquanto Cronenberg ia fundo atrás da matriz comum às personalidades de seus irmãos, aqui o diretor Alan Rudolph se dá por feliz com o jogo de aparências. É claro que seus gêmeos também têm mais em comum do que se sugere a princípio, e é claro também que esses traços se tornarão aparentes através da violência.

Mas em *Equinox* os maneirismos falam mais alto que os significados. O resultado, apesar dos esforços de Modine e da produção estilosa, é um mistério que vai perdendo força à medida que se desenrola, deixando no espectador a sensação de que faltou algo importante – consistência.

(EUA, 1993) Direção: Alan Rudolph. Com Matthew Modine, Lara Flynn Boyle, Fred Ward, Marisa Tomei. 107 min. Top Tape/Filmes do Estação.

ISABELA BOSCOV

Top Tape/Filmes do Estação

Henry, um dos gêmeos interpretados por Modine, se entrega ao desânimo

NA TOCA DO LEÃO ★★

(Lie Down with Lions, EUA/Alemanha/França/Luxemburgo, 1994) Direção: Jim Goddard. Com Timothy Dalton, Marg Helgenberg, Nigel Havers, Jürgen Prochnow, Omar Sharif. 175 min. Warner.

Minissérie que explora o filão pós-Guerra Fria e vence o espectador pelo cansaço. É especialmente indicada para quem gosta de tudo um pouco: ação, espionagem, aventura, guerra. A fita traz o agente americano Carver (Dalton) disputando com o médico Peter (Havers) o amor da bela enfermeira Kate (Helgenberg) no Azerbaijão. O país é dominado por Safar Khan (Sharif), líder perseguido por antigos agentes da KGB, pois seu país é rico em petróleo e Moscou não quer contato direto de Khan com os EUA. Carver então vai até lá para trazer Khan a salvo para o Ocidente e reconquistar Kate. Direção de atores regular, numa coprodução multinacional.

FRANCISCO COSTA

UMA CASA NA COLINA ★

(A House in the Hills, EUA, 1994) Direção: Ken Wiederhorn. Com Michael Madsen, Helen Slater, James Laurenson, Jeffrey Tambor. 91 min. Vídeo Arte.

Michael Madsen desperdiça seu talento neste suposto thriller sexy. Apesar da boa química entre ele e Helen Slater e do esforço de Jeffrey Tambor em interpretar com convicção um *psycho killer*, o filme de Ken Wiederhorn (*A Volta dos Mortos-Vivos 2*) é cheio de lugares-comuns. A história do ex-presidiário que quer se vingar do responsável por sua prisão já foi contada de maneira bem mais satisfatória. Nem o chamariz do sexo – há apenas uma cena em que o casal rola sobre rosas premiadas – vai aumentar o interesse em ver Madsen vivendo mais um vilão. Até *Horas de Desespero*, com Mickey Rourke, consegue ser melhor.

D.P.

BOULEVARD ★

INÉDITO NO CINEMA

(EUA, 1994) Direção: Penelope Buitenhuis. Com Rae Dawn Chong, Kari Wuhrer, Lance Henriksen, Lou Diamond Phillips. 96 min. Vídeo Arte.

Depois de apanhar do marido, Jennefer (Wuhrer) foge de casa. Vai para Nova York, vira prostituta e divide apartamento com uma colega (Chong, autora do roteiro), que é tiranizada pelo cafetão (Phillips). Um belo dia, o gigolô vai em cana e as duas descobrem a felicidade no mundo encantado do lesbia-nismo. Mas – oh, horror! – o marido de Jennefer chega à cidade disposto a levá-la para casa nem que seja na porrada. Novelão com pretensões femi-nistóides. A diretora Penelope Buitenhuis (quem?) devia procurar emprego no SBT.

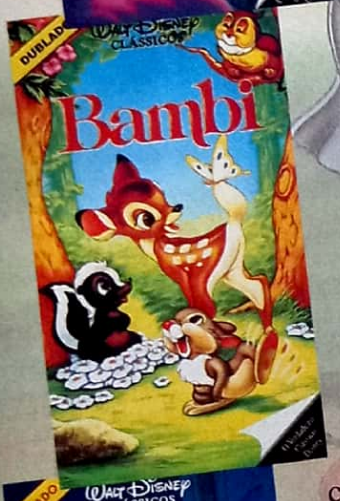
E.A.

IRRESISTÍVEL RECORDAÇÃO

Branca de Neve e os Sete Anões

A primeira obra-prima de Walt Disney agora em vídeo.

R$ 25,00 CADA



Do famoso conto de fadas, um presente inesquecível que encantou gerações. Na **JOINTVIDEO**, *Branca de Neve e os Sete Anões* - o clássico que completa a sua coleção da Disney. Preencha o cupom ou peça pelo telefone qualquer fita e receba, sem demora, uma doce e irresistível recordação: em 24 horas (entrega gratuita para São Paulo e Grande São Paulo) ou via Sedex (*) para todo o País. Como ceder à tentação se você ainda pode pagar com o cartão de crédito? Tenha em casa para sempre Branca de Neve e seus amigos. Ligue já: **(011)290.0811**

(*) Despesas de postagem por conta do cliente.

Aproveite e encomende emoções também para você:
CLÁSSICO . AVENTURA . FILME DE ARTE
WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA

JOINTVIDEO
COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA

FONE: (011)290.0811 - FAX: (011)267.6120
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO - SP

CUPOM DE PEDIDO

☑ SIM, desejo adquirir esta(s) fita(s) de vídeo na(s) quantidade(s) abaixo relacionada(s) por **R$ 25,00** cada: ST 91

☐ BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES ☐ O ANIVERSÁRIO DO PATO DONALD ☐ A PEQUENA SEREIA - EM HARMONIA

☐ ALADDIN ☐ PETER PAN ☐ BAMBI ☐ PINÓQUIO Total do pedido____ fitas/Custo total R$____

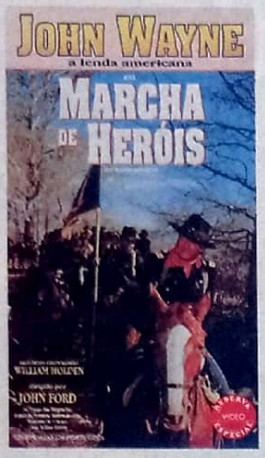
Forma de pagamento:
- Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado
- Cartão de crédito - validade: __/__/__
☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS ☐VISA
Nº do Cartão:____

Nome:____
R.G.:____ C.I.C.:____
End.:____
Bairro:____ Cidade:____
Estado:____ CEP:____ Fone: (__)____
ASSINATURA____

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

AVENTURA



MARCHA DE HERÓIS ★★
(The Horse Soldiers, EUA, 1959) Direção: John Ford. Com John Wayne, William Holden, Constance Towers, Althea Gibson, Hoot Gibson. 114 min. Reserva Especial.

Sob luzes politicamente corretas, soa um tanto preconceituosa a única incursão de John Ford na Guerra Civil dos EUA. "Heróis", aqui, são os soldados da União; aos confederados resta um tratamento de segunda. Wayne (no 13º dos 16 filmes que rodou com Ford) faz um coronel pragmático do Norte, obrigado a levar com seu pelotão um major-médico humanista (Holden) durante uma operação arriscada no Sul. Enquanto o primeiro busca unicamente o êxito da missão, o segundo lembra que há gente envolvida no conflito. A rixa evolui do bate-boca para as vias de fato e faz andar um filme inferior ao talento da equipe que reúne.

S.R.

NAS TRILHAS DA AVENTURA ★★★
(The Hallelujah Trail, EUA, 1965) Direção: John Sturges. Com Burt Lancaster, Lee Remick, Jim Hutton, Donald Pleasence, Martin Landau. 139 min. Company.

Apesar da versão reduzida (27 minutos a menos que a duração original), eis um autêntico western. Dinâmico e divertido, mostra as várias confusões que surgem em 1867 quando os mineiros de Denver estão ameaçados de ficar sem uísque. A anunciada vinda da preciosa bebida movimenta essa categoria, os índios, o Exército que deve proteger o transporte e uma líder feminina (Lee Remick) que combate o álcool. Tantos conflitos encontram feliz equilíbrio e boa serventia na direção do especialista Sturges, no ótimo elenco (Landau como porta-voz dos índios está hilário) e na bela trilha musical de Elmer Bernstein.

Alfredo Sternheim

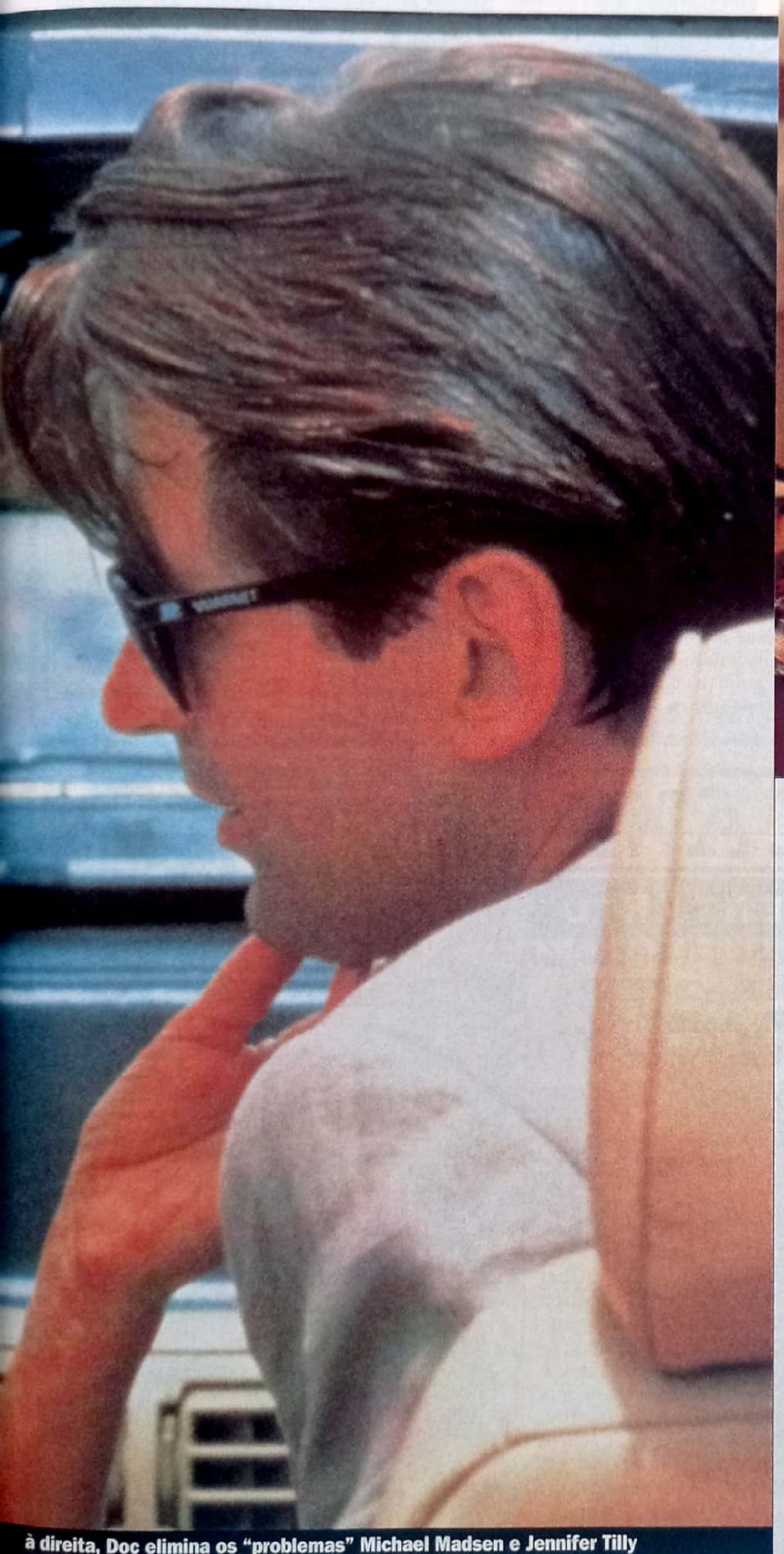
OS ÚLTIMOS FORAS-DA-LEI ★★
(The Last Outlaw, EUA, 1994). Direção: Geoff Murphy. Com Mickey Rourke, Dermot Mulroney, Ted Levine. 90 min. Europa/Carat.

Após a Guerra Civil, grupo de soldados confederados forma quadrilha de assaltantes. Roubam um banco e são perseguidos por caçadores de recompensas. O líder dos assaltantes (Mickey Rourke) desentende-se com o bando, junta-se aos perseguidores e passa a caçar os ex-colegas – coitadinhos –, que só desejam atravessar o Rio Grande e fugir para o México. O diretor parece ter assistido a todos os westerns-spaghetti da locadora da esquina. Não é de todo ruim. O problema é Rourke no papel de vilão: não convence ninguém com seu jeitinho de Barbie-imitando-Falcon. Que saudade do Lee Van Cleef!

E.A.

Carol (Kim Basinger) e Doc MacCoy (Alec Baldwin) partem em sua fuga criminosa;

Fotos América



à direita, Doc elimina os "problemas" Michael Madsen e Jennifer Tilly

A FUGA ★★★

Disneylândia do crime

A Fuga tem tudo o que precisa para compor um desses casais malditos em que o cinema americano é especialista: um gângster fracassado (Doc MacCoy/Alec Baldwin), uma mulher disposta a ir até o inferno por ele (Carol/Kim Basinger), uma série de circunstâncias e pessoas dispostas a mandá-los de fato para o inferno.

Mas a esta refilmagem de *Os Implacáveis* (Sam Peckinpah, 1973) falta o que talvez sobrasse à primeira adaptação do livro de Jim Thompson: personalidade. O diretor Roger Donaldson apaga o quanto pode os traços da maldição em que consiste viver numa sociedade que hipervaloriza o sucesso para nos oferecer uma espécie de Disneylândia criminal.

Ou, em outras palavras: em vez de uma mulher que ama cegamente a um homem, o que nos é dado ver é a reificação do sentimento familiar. Não se trata de estar contra ele, e sim que a postura do filme termina por limitar (e glamourizar) a ficção que tem em mãos.

A essa limitação, acrescente-se um Alec Baldwin apagadão e teremos o quadro de uma produção em que tudo se apóia sobre Kim Basinger. Verdade seja dita, não é um mau apoio: ela não só compõe uma Carol comovente como está ficando parecida com Rita Hayworth. No mais, a coisa se agita.

(The Getaway, EUA, 1994) Direção: Roger Donaldson. Com Kim Basinger, Alec Baldwin, Michael Madsen, James Woods, Jennifer Tilly. 100 min. América.

INÁCIO ARAUJO

NCA

Jovens adequam seu visual ao ideário neonazista em *A Força Branca*

SKINHEADS – A FORÇA BRANCA ★★★ SKINHEADS ★★

INÉDITO NO CINEMA

Duas visões do extremismo

O fascismo ressurge na Europa após anos velados, eclodindo em agressões geralmente movidas por grupos de skinheads. Chegam às locadoras dois filmes que falam do assunto. O mais conhecido deles, que leva o subtítulo *A Força Branca*, suscitou polêmicas em todas as facções quando lançado nos cinemas brasileiros.

Bobagem. O filme não se posiciona diante da ideologia nazista dos skinheads. A história sequer sugere um discurso: é apenas uma aventura dramática sobre a amizade e traição entre um triângulo de jovens desajustados. O que é narrado aqui poderia acontecer em qualquer tribo moderna. OK, eles atacam asiáticos, mas poderiam muito bem estar atacando a torcida de um time rival. O ritmo acelerado da fita garante um espetáculo profissional e por fim inofensivo, com direito a algumas imagens fortes, como a do belo final. A violência apenas integra a narrativa.

Já o filme italiano é mais realista. Mostra um jovem desempregado que, ao mesmo tempo em que namora uma bela somali, deixa-se seduzir pela aparência de força de um grupo skinhead. O roteiro pincela a motivação moral dos revoltosos, mas a sinceridade do diretor e o bom rendimento do elenco não superam a ingenuidade da trama. O grupo skinhead, por exemplo, consiste dos freqüentadores de uma boate techno (não há facções internas). Além disso, o tratamento dos personagens é preconceituoso: a somali é quase animalesca em seu furor sexual. Detalhes assim tiram a credibilidade da denúncia. Esse triste fenômeno sociológico precisa ter um grito de alerta à altura.

(Romper Stomper, Austrália, 1992) Direção: Geoffrey Wright. Com Russell Crowe, Aden Young, Nadine Garner. 89 min. Cannes.
(Testa Rasate, Itália, 1993) Direção: Claudio Fragasso. Com Gianmarco Tognazzi, Fabienne Gueye, Giulio Base. 79 min. NCA.

CHRISTIAN PETERMANN

SONHO DE CAMPEÃO ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Rookie of the Year, EUA, 1993) Direção: Daniel Stern. Com Thomas Ian Nicholas, Gary Busey, Amy Morton. 103 min. Abril/Fox.

O ator Daniel Stern (o bandido alto de *Esqueceram de Mim*) passa para trás das câmeras e surpreende com esta fábula sobre beisebol. Um garoto com vocação para perdedor quebra o braço e, depois de recuperado, descobre que é um lançador de bolas fenomenal. Acaba contratado pelo time para o qual torce (e que está na lanterna do campeonato). Os donos do time vêem no menino a chance de publicidade e vitória. Stern acertou a mão: o filme é leve e divertido, mesmo levando em conta aquela pieguice padronizada do filme "para a família". John Candy, no papel de um locutor/torcedor, contribui para o bom humor da fita.

M.S.

UMA CHANCE EM UM MILHÃO ★

INÉDITO NO CINEMA

(A Million to One, EUA, 1993) Direção: Paul Rodriguez. Com Rodriguez, Edward James Olmos, Ruben Blades. 90 min. Sunset.

Sem trocadilho, há uma chance em um milhão de alguém gostar deste filme. Decididamente não convence esta história de um mexicano honesto que faz das tripas coração para criar seu filho e sustentar dois pseudo-irmãos e que, de repente, recebe de um desconhecido um cheque de US$ 1 milhão para resolver sua vida. O diretor Rodriguez, que também estrela o filme, parece sincero em seu propósito de divertir enquanto denuncia a difícil situação do "latino" nos EUA. Mas não consegue nem uma coisa nem outra. Sem chance.

RENATO KRAMER

DOCUMENTÁRIO

WOODSTOCK – 3 DIAS DE PAZ, AMOR E MÚSICA ★★★★

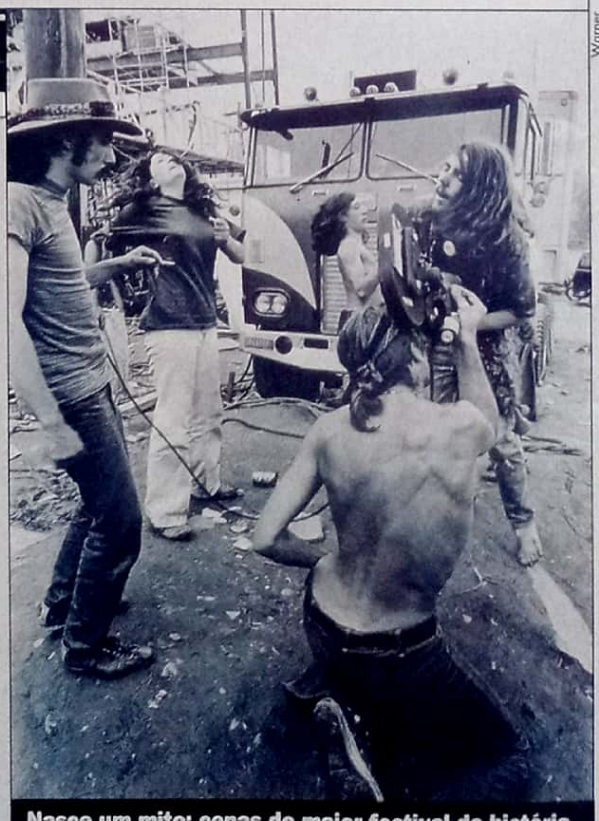
25 anos depois

Um quarto de século após a realização do Festival de Woodstock, os que não participaram em pessoa do evento podem agora ter uma idéia mais clara ainda do que aconteceu em 1969. O motivo: a edição em videocassete de *Woodstock – The 25th Anniversary Collection*.

Trata-se de uma ampliação do filme de Michael Wadleigh que passou nos cinemas em 1970. Com meia hora adicional de material inédito, esta nova versão expande a apresentação de artistas já constantes do filme original – como Joe Cocker, Jimi Hendrix e Crosby, Stills, Nash & Young. Também acrescenta shows de bandas que, mesmo tendo estado no festival, haviam ficado de fora do primeiro filme (e dos discos com a "trilha sonora"): Creedence Clearwater Revival, The Band, Jefferson Airplane e Johnny Winter.

(Woodstock, EUA, 1994) Direção: Michael Wadleigh. 215 min. Warner.

JOSÉ EMILIO RONDEAU


Warner

Nasce um mito: cenas do maior festival da história

CASH
HOME VÍDEO

SOB NOVA DIREÇÃO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060
267-1810

Estacionamento: Rua Gabriel Pizza, 444

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS AGORA TUDO EM *GAMES NOVOS E USADOS!*
GARANTIA TOTAL!
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO OU AMPLIE E FAÇA ÓTIMO NEGÓCIO
Todos os lançamentos a sua disposição com ótimos preços!

- **Cheques pré-datados**
- **Inclusive por telefone**

- Remetemos para todo o Brasil
- Aceitamos Permuta
- ***OFERTAS:***
- Catálogos usados 12% de desconto a vista
- A cada 10 fitas ganhe uma grátis
- A cada 3 fitas ganhe um brinde

FITAS A PARTIR DE R$ 7,00

Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas

Agora também em novo endereço com estacionamento
Av. Cruzeiro do Sul, 2132
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

MERCADO DO VÍDEO

COMPRA
VENDA
TROCA

Recuperamos fitas com mofo

VÍDEOS
FAX
CÂMERAS

1 ANO DE GARANTIA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TV'S, VÍDEOS, CÂMERAS E FAX.
Orçamentos em 24 horas.
Transcodificações em TV"S Importadas.
1 ANO DE GARANTIA

SISTEMA EUROPEU
TRANSFORMAMOS FITAS PARA NOSSO SISTEMA E VICE-VERSA TAMBÉM U-MATIC

SERVIÇO NO MESMO DIA

PABX: (011) 5333290
Av. Pavão, 690 - Moema - SP

7ª ARTE
VÍDEO SHOP

FITAS NOVAS E USADAS

VENHA NOS CONHECER!

CONFIRA
NOSSOS ÚLTIMOS
LANÇAMENTOS

Catálogos a partir de R$ 4,00
Cheques pré-datados.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30 às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.
GARANTIA TOTAL
12% DE DESCONTO NO CATÁLOGO A VISTA.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - **Tel.: (011) 267-5567**

HAWAI
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

TODOS OS LANÇAMENTOS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(entre os Metrô Carandiru e Tietê)
COM ESTACIONAMENTO

Tel.: (011) 290-4330
(011) 299-5572

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

- **Toda linha de acessórios**
- **Pagamentos com cheques semanais sem juros**
- **Permuta por automóvel e telefone como forma de pagamento.**

15% DE DESCONTO PARA PAGAMENTO A VISTA NOS CATÁLOGOS.

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS

CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

- **PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO**
- **PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO**
- **PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA**
- **GARANTIA E QUALIDADE**
- **ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO**

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

NOVO ENDEREÇO
Rua Dr. Zuquim, 396 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-1120
(011) 298-8161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Horário de atendimento das 9:00 às 20:00 hs de segunda a sábado
Estamos c/ estacionamento na Rua Gabriel Pizza, 445

Alpha

As belas e intocáveis dançarinas da boate Exótica

D R A M A

EXÓTICA ★★★★

O strip-tease da solidão

O armênio Atom Egoyan (naturalizado canadense) tem uma obra coerente com seus valores e idéias estéticas. *Exótica* é seu primeiro filme lançado comercialmente no Brasil, mas o cinéfilo tupiniquim já teve acesso aos anteriores *Family Viewing*, *The Adjuster* e *O Calendário*.

São semelhantes entre si. A partir de uma estrutura intrincada, Egoyan fala da solidão, da incomunicabilidade e do desejo sexual, sempre de forma fria e lançando mão de agentes intermediários (vídeo, telefone, espelhos etc.) para melhor traduzir o *Zeitgeist* atual. Seu pessimismo emocional esconde, porém, uma esperança no encontro casual de opostos que podem se atrair.

Exótica é o nome de uma boate em que belas jovens dançam para os clientes, que são proibidos de tocá-las. Cinco adultos se inter-relacionam no local. O filme avança como um drama de suspense por sugerir traumas passados que, apesar de definirem o comportamento dos personagens, revelam-se apenas na cena final (um flashback). Só então se dá o verdadeiro strip-tease das relações.

O filme – o primeiro de Egoyan para um público maior – levou o prêmio da crítica no último Festival de Cannes. É preciso conhecer o discurso do diretor. É dos poucos, hoje em dia, que têm algo a dizer.

(Canadá, 1994) Direção: Atom Egoyan. Com David Hemblen, Mia Kirshner, Elias Koteas, Arsinée Khanjian, Bruce Greenwood. 104 min. Alpha.

CHRISTIAN PETERMANN

HERÓIS DA LIBERDADE ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Candles in the Dark, EUA, 1993) Direção: Maximillian Schell. Com Schell, Alyssa Milano, Chad Lowe, Natasha Andreichenko. 93 min. Flashstar.

O veterano ator Schell (*Jardim das Rosas*) prova que aprendeu também a dirigir com talento. Aqui ele narra a história da libertação da Estônia do jugo soviético pela ótica de uma jovem americana. Filha de um importante revolucionário que fugiu para a América, ela visita a cidade natal do pai e se envolve na luta pela independência. O romance entre a jovem e um dos líderes do movimento é secundário neste drama épico, com detalhes de roteiro – como delações inesperadas e conflitos pessoais – que ajudam a manter o interesse pela trama.

F.G.

A ÚLTIMA BATALHA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Resting Place, EUA, 1986) Direção: John Korty. Com John Lithgow, Morgan Freeman, CCH Pounder, M. Emmet Walsh. 100 min. Centaurus Hipervideo.

Um bom elenco-base garante a qualidade e o desenrolar de um roteiro simples e sem muita novidade. *A Última Batalha* consiste em proporcionar um enterro digno a um soldado americano que morreu em combate, salvando toda a sua tropa. Mas trata-se de um soldado negro, e o cemitério de sua cidade natal só sepulta brancos. Um oficial branco (Lithgow, em boa atuação) é encarregado de resolver o caso. Entrega o corpo aos pais do soldado e acaba por ajudá-los a vencer "a última batalha": a vitória da lucidez contra o preconceito. Vale conferir.

R.K.

Mundial/Look

Mia Kirshner concretiza as fantasias sexuais de um de seus clientes

AMOR E RESTOS HUMANOS ★★★

Paixões alternativas

Denys Arcand investigou a sexualidade dos anos 80 em seu *O Declínio do Império Americano* (1986). Ele atualiza seu discurso graças ao dramaturgo Brad Fraser, que adapta para as telas sua peça *Unidentified Human Remains and the True Nature of Love*. Com *Amor e Restos Humanos*, Arcand chega aos anos 90 e faz um retrato curioso da Geração X, com "novos adultos" se virando em subempregos e discutindo suas sexualidades alternativas. Na peça de Fraser, ser heterossexual é uma experiência alienante.

A presença da Aids é secundária, como em *O Declínio...* O que motivou Arcand a adaptar o texto é sua visão bem-humorada da ciranda de paixões entre solitários urbanos. A ansiosa (mesmo que inconfessa) busca pela felicidade a dois leva os personagens a algumas situações dignas de Pedro Almodóvar. O mosaico construído é perspicaz, ainda mais nas mãos de um elenco tão charmoso.

O filme se resumiria a um espirituoso estudo de caracteres contemporâneos não fosse uma dispensável situação paralela envolvendo um *serial killer*, trama que se torna ainda mais banal quando solucionada.

(Love and Human Remains, Canadá, 1993) Direção: Denys Arcand. Com Thomas Gibson, Ruth Marshall, Cameron Bancroft, Mia Kirshner. 89 min. Mundial/Look.

CHRISTIAN PETERMANN

imaginada por Atom Egoyan entretêm a freguesia

CÉSIO 137 – O PESADELO DE GOIÂNIA ★★

(Brasil, 1989/91) Direção: Roberto Pires. Com Nelson Xavier, Joana Fomm, Paulo Betti. 115 min. Sagres/Riofilme.

Roberto Pires é um nome importante na explosão do cinema baiano, na fase anterior a Glauber Rocha. Fez *Tocaia* e *A Grande Feira*. Quando resolveu ingressar no cinema comercial de qualidade fez *A Máscara da Traição*, com Glória Menezes e Tarcísio Meira, um desastre. Em *Césio 137*, Pires se baseou no episódio da cápsula de material radiativo que foi parar num ferro-velho de Goiânia, contaminando diversas pessoas – e causando a morte de muitas delas. Pires quis fazer o filme pela denúncia inerente ao material. Terminou envolvido pela carga emocional do tema. Em vez de ser forte, *Césio 137* é só melodramático. E nem muito bem-feito consegue ser.

L.C.M.

O GOSTO AMARGO DA PAIXÃO ★★★

(The Beans of Egypt, Maine, EUA, 1994) Direção: Jennifer Warren. Com Martha Plimpton, Kelly Lynch, Rutger Hauer, Patrick McGaw. 99 min. Top Tape.

A carreira pouco expressiva de Jennifer Warren como atriz não fazia prever uma diretora com a delicadeza e competência reveladas nesta crônica ambientada num lugarejo rural do Maine, onde a vida não oferece muita perspectiva. É a jovem Hearlene (Plimpton) quem narra os acontecimentos, em especial seu desejo por um vizinho bem mais velho (Hauer, em pequena participação). Mas seu relacionamento amoroso acaba sendo com outro rapaz de sua geração (McGaw). Uma forte sensualidade se faz presente nesta ciranda de anseios e desencontros, que tem a modorra e a tristeza das existências expostas.

A.S.

O DIÁRIO DE LADY M ★★

(Le Journal de Lady M, Suíça/Bélgica/Espanha/França, 1992) Direção: Alain Tanner. Com Myriam Mézières, Juanjo Puigcorbé, Félicité Wouassi. 115 min. Penta.

Tanner, que aos 65 anos é o nome mais representativo do cinema suíço, fez uma criação gelada sobre a paixão, não obstante cenas eróticas que chegam perto do explícito. O filme expõe o complicado relacionamento de Lady M (Mézières, também autora do roteiro original), líder de um quarteto musical, com um pintor (Puigcorbé). A narrativa só oferece certa intensidade quando a participação de Nuria (Wouassi) se torna importante, uma hora após o início. No geral, a literatice predomina no texto, que tem frases como "do outro lado da janela, as andorinhas brincavam". E por aí vai.

A.S.

O VÔO DO INOCENTE ★★

(La Corsa dell'Inocente, Itália/França, 1992) Direção: Carlo Carlei. Com Manuel Colao, Federico Pacifici. 105 min. Abril Vídeo.

De positivo, o longa de estréia do diretor Carlei tem ao menos uma saudável preferência por erguer sua história mais a partir de imagens que de palavras. Mas é aí também que mora o perigo: o filme às vezes escorrega em virtuosismos de câmera que apenas mascaram a fragilidade dramática do roteiro. A ação começa no interior da Calábria, com o assassinato de uma família ligada a seqüestros, e segue até Roma em companhia do único sobrevivente, um garoto (Colao, outro estreante) que procura escapar de sua morte anunciada. As circunstâncias o transformam em herói cuja "inocência", ao final, sucumbe à pieguice.

S.R.

SOMBRAS DO MAL ★★★

De Niro *noir*

Vídeo Arte

Todo mundo está cansado de ouvir falar que Roberto De Niro é um ator extraordinário por sua capacidade de incorporar o personagem, que apesar de sua excelente interpretação ele parece sempre estar sendo De Niro... e blablablá. Verdades que se repetem nesta refilmagem do clássico *noir* dirigido por Jules Dassin em 1950.

De Niro de fato impressiona como Harry Fabian, um advogado de porta de hospital capaz de mover mundos e fundos para ser um promotor de lutas de boxe com "pessoas da antiga". Dono de uma lábia inigualável, ele trapaceia, rouba a esposa de seu melhor amigo, joga um irmão contra o outro e muitas mutretas mais para atingir seu objetivo. Só que um poderoso chefão do boxe entra na jogada para destruir seu "castelo de areia". E Fabian só pode se dar mal.

Além das atuações de De Niro e de Jessica Lange como a esposa adúltera, o diretor Irwin Winkler acertou neste filme porque teve a seu favor o roteiro escrito para o filme de Dassin, que sofreu algumas modificações mas contém o segredo do sucesso: as falas do verborrágico Harry Fabian.

(Night and the City, EUA, 1992) Direção: Irwin Winkler. Com Robert De Niro, Jessica Lange, Cliff Gorman, Alan King, Jack Warden. 103 min. Vídeo Arte.

Deborah Peleias

Robert De Niro e a adúltera Jessica Lange brincam com fogo

20/20 Vision

Janet Jackson vive Justice na saga amorosa dirigida por John Singleton

SEM MEDO NO CORAÇÃO ★★

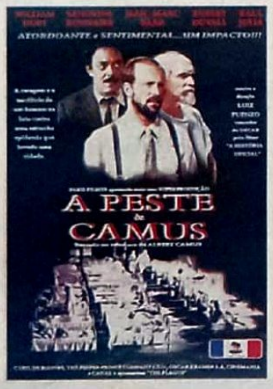
Clichês do gueto

A receita problemas do gueto/pieguice usada por John Singleton em seu primeiro filme, *Os Donos da Rua*, já lhe rendeu uma indicação para o Oscar e a direção de um dos clips de Michael Jackson – "Remember the Time". Agora ele dá seus primeiros sinais de cansaço em *Sem Medo no Coração*. E o problema não é nem Janet Jackson, que passa o tempo todo mascando chicletes e dizendo "fuck" para provar que nasceu "no gueto".

A história é que não convence ninguém: a cabeleireira Justice (Jackson), traumatizada pelo assassinato do namorado, leva a vida fazendo poemas e esperando um amor de verdade – que chega na pele de Lucky (o ótimo Tupac Shakur). O filme caminha então para o clichê total, com a dupla brigando sem parar até descobrir que se ama. Pena que o final feliz não tenha se repetido na vida real: o ator Dedrick Gobbert (que faz Lloyd) morreu baleado no final de outubro após participar de um racha, e Tupac Shakur levou cinco tiros no final de novembro, ao reagir a um assalto.

(Poetic Justice, EUA, 1993) Direção: John Singleton. Com Janet Jackson, Tupac Shakur, Regina King, Joe Torry, Maya Angelou. 110 min. 20/20 Vision.

SÉRGIO MARTINS



A PESTE DE CAMUS ★★

(The Plague, Inglaterra/França/Argentina, 1991) Direção: Luis Puenzo. Com William Hurt, Sandrine Bonnaire, Jean-Marc Barr, Robert Duvall, Raul Julia. 148 min. Paris.

Transpor a literatura de Albert Camus (1913-1960) para o cinema sempre foi algo difícil. Afinal, a obra desse escritor laureado com o prêmio Nobel se consagrou menos pelas histórias em si e mais por sua maneira reflexiva e inconformista de enfocar e questionar o ser humano. E o argentino Puenzo, que tão bem se saiu em *A História Oficial* e *Gringo Velho*, desta vez se perdeu. Ao transpor a ação, originalmente ambientada em Oran, Argélia, para uma indeterminada cidade latino-americana, ele criou um clima atemporal que poderia favorecer esse conflito analítico. Só que os personagens não oferecem vigor, as reações ficam diluídas e o filme, no geral, resulta excessivamente longo e sem força.

A.S.

TUDO PELA VIDA ★★★

(Passion Fish, EUA, 1992) Direção: John Sayles. Com Mary McDonnell, Alfre Woodard, Angela Bassett, David Strathairn. 115 min. Paris.

Sensível drama sobre a dificuldade de uma atriz talentosa e bem-sucedida em superar uma tragédia pessoal: a tetraplegia, depois de um estúpido acidente de carro. John Sayles (*Fora de Jogada*) escreveu, montou e dirigiu a produção que prima pela delicada interpretação das duas atrizes principais: McDonnell, a vítima, e Woodard, a enésima enfermeira que chega para cuidar da doente, fazer-lhe companhia e salvá-la do alcoolismo. Com o tempo, as duas tornam-se confidentes de outras tragédias que deixam cicatrizes menos visíveis. As atuações contidas das protagonistas chegam a emocionar e salvam esta história do lugar-comum.

F.G.

O MORRO DOS VENTOS UIVANTES ★★★★★

Simbiose perfeita

Lançado em 1939, um ano especialmente extraordinário para o cinema de Hollywood, *O Morro* permanece a obra-prima do diretor William Wyler. É um filme singular, baseado na primeira parte do romance igualmente singular e impressionante da inglesa Emily Brontë. Produção, direção, roteiro, fotografia (premiada com o Oscar), direção de arte, música, elenco predominantemente britânico (e quase todo excepcional) formaram uma perfeita simbiose.

De todas as versões posteriores, incluindo aquela, mórbida e passional, dirigida por Luis Buñuel em 1953, esta é a mais romântica. Traz, no entanto, toques góticos, como a seqüência de abertura, em que Wyler quase nos faz sentir o vento e o frio.

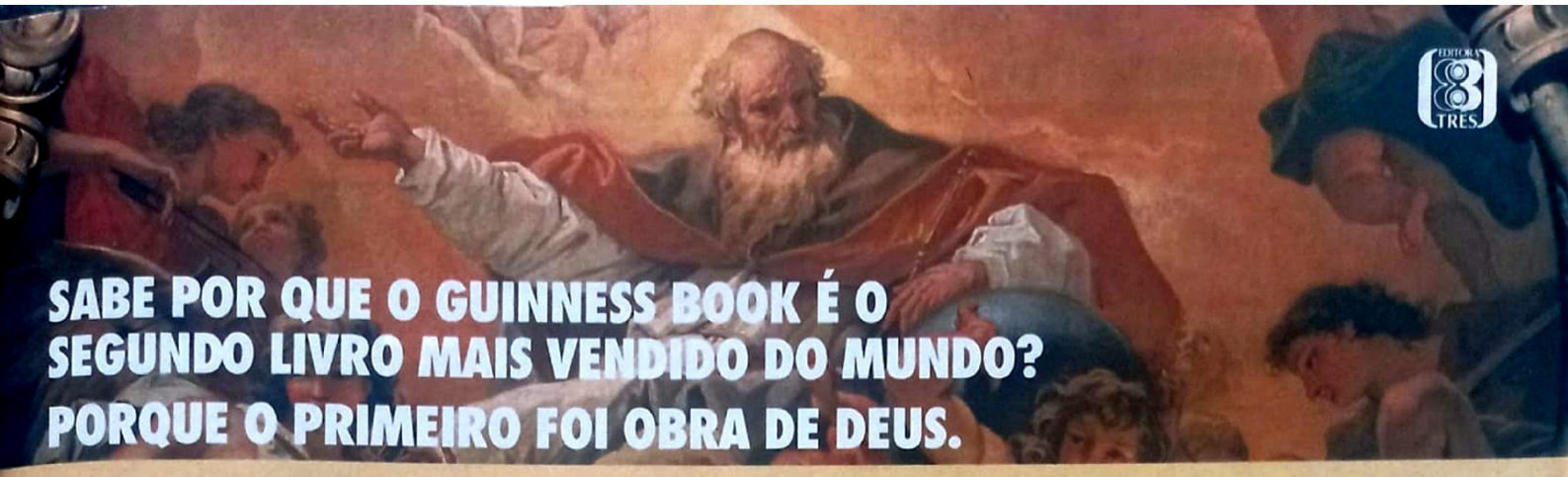
Na adaptação, ter-se-ia pretendido fazer do impetuoso Heathcliff (Laurence Olivier) um herói romântico, com que a platéia pudesse se identificar. Assim, ele é menos impetuoso e irado que no livro, mas sem prejuízo da personagem originalmente criada pela autora. Entre os inesquecíveis momentos da fita, está aquele em que Heathcliff carrega nos braços sua agonizante amada Cathy (Merle Oberon, maravilhosa).

(Wuthering Heights, EUA, 1939) Direção: William Wyler. Com Merle Oberon, Laurence Olivier, David Niven, Geraldine Fitzgerald, Flora Robson. 103 min. Continental.

CARLOS M. MOTTA

Continental

Cathy (Oberon) e Heathcliff (Olivier) no clássico de Emily Brontë



SABE POR QUE O GUINNESS BOOK É O SEGUNDO LIVRO MAIS VENDIDO DO MUNDO? PORQUE O PRIMEIRO FOI OBRA DE DEUS.

JTA

O campeão de boxe mais jovem.

A maior onda surfada.

O anunciante de jornal mais fiel.

A temporada de teatro mais longa.

As maiores ilhas.

Os divorciados mais idosos.

Os gols mais rápidos.

O maior número de medalhas olímpicas.

A ópera mais longa.

Os vencedores do Oscar.

Os carros mais velozes.

O maior envenenamento em massa.

Os maiores submarinos.

As regatas mais longas.

As jogadas de xadrez mais demoradas.

Os pilotos de maior sucesso.

Os maiores frequentadores de cinema.

Os maiores públicos em concertos.

Os jóqueis de maior sucesso.

Os aeroportos mais movimentados.

O carro mais barato do mundo.

Os recordistas mundiais mais jovens.

A árvore mais antiga.

A montanha-russa mais alta.

A residência mais cara.

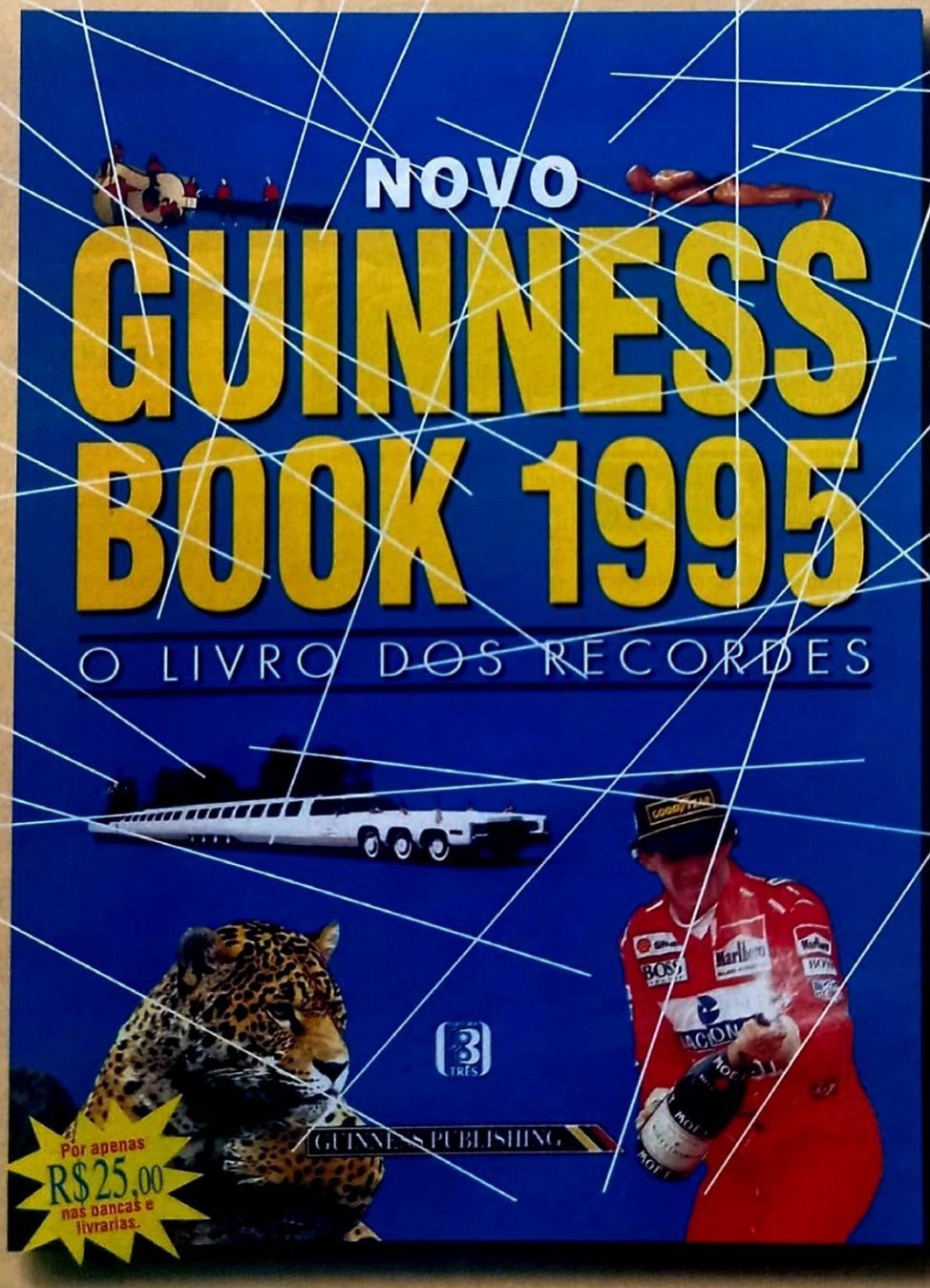
Os anúncios publicitários mais caros.

O nadador mais rápido.

Os maiores acordos de divórcio.

A correspondência mais longa.

Os maiores instrumentos musicais.



INÉDITO

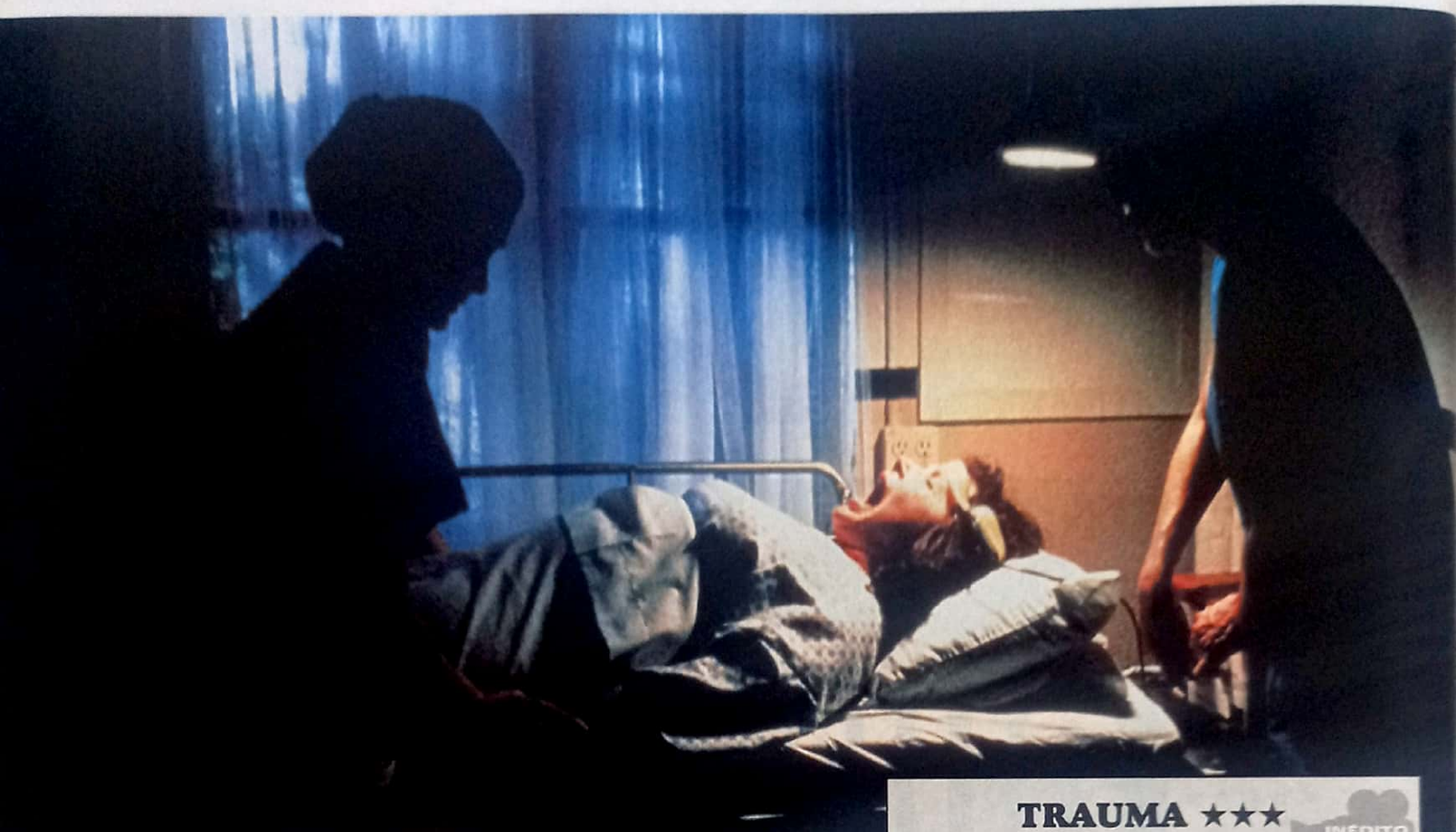
NOVOS RECORDES

NOVAS FOTOS

EDIÇÃO TOTALMENTE ATUALIZADA

CHEGOU A EDIÇÃO 95 DO GUINNESS. O LIVRO MAIS VENDIDO DO MUNDO DEPOIS DA BÍBLIA.

Guinness Book, o Livro dos Recordes. Uma leitura fascinante para todas as idades.
Editado simultaneamente no Brasil e no mundo.



No decorrer de um delírio, Piper Laurie vê a si própria em trabalho de parto

TERROR

UM LONGO FIM DE SEMANA ★★★

(Long Weekend, Austrália, 1977) Direção: Colin Eggleston. Com John Hargreaves, Briony Behets. 95 min. Concorde.

A revolta da natureza: casal leva seu péssimo relacionamento para passear no mato. Durante o acampamento de fim de semana, provocam incêndios florestais, atropelam um canguru, atiram num elefante marinho, despejam inseticida sobre inocentes formigas, quebram um ovo de águia. E fazem tudo isso sem sequer sentir muito prazer – na maior parte das vezes, é por pura indiferença ou desejo de quebrar o tédio. Logo são obrigados a pagar caro pelas conseqüências de seus atos. Mas não se trata de um simples libelo ambientalista: apesar de alguns atalhos simplistas tomados pelo roteiro, é tenso e claustrofóbico, na linha do *Amargo Pesadelo* de John Boorman.

I.B.

PREFÁCIO DA MORTE ★★★

(I, Madman, EUA, 1989) Direção: Tibor Takacs. Com Jenny Wright, Clayton Rohner, Randall William Cook. 89 min. Mundial.

Lembra-se de *O Magnífico*, com Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset? Pois é. Pegue a mesma idéia, transforme em horror e terá *Prefácio da Morte*. Virginia, aspirante a atriz, descobre a obra do escritor *pulp* Malcolm Brand. Quando começa a ler, a trama do romance transporta-se para a realidade. É assim: homem apaixonado e rejeitado pela amada decide destruir o próprio rosto para reconstruí-lo com partes de cadáveres. Ele mesmo providencia os defuntos – e Virginia, claro, está na lista. Premiado no Festival de Avoriaz, tem bom *plot* mas descamba para o convencional, o que é típico no gênero.

E.A.

SCANNER COP – O DESTRUIDOR DE MENTES ★★★

(Scanner Cop, Canadá, 1993) Direção: Pierre David. Com Daniel Quinn, Darlanne Fluegel, Richard Lynch. 96 min. Cannes.

O filme assume ter bebido na fonte do *Scanners* de David Cronenberg, mas é uma variante bastante honesta do mesmo. Trata-se de um policial de terror que nos remete a *A Morte nos Sonhos* (85). Quinn é o oficial scanner que vive papel semelhante ao de Dennis Quaid naquele filme – o de um sensitivo que entra no inconsciente alheio para solucionar impasses. Quinn usa seus poderes para decifrar a mente de pessoas hipnotizadas que matam policiais a mando de um misterioso mestre do crime. Bons efeitos e violência modesta (só duas cabeças explodem!).

Ch.P.

TRAUMA ★★★

INÉDITO NO CINEMA

Cabeças vão rolar

Alguns diretores se repetem *ad nauseam*. Várias carreiras afundaram nessa valsa sem fim. Não é o caso do italiano Dario Argento. Ele retoma em *Trauma* a estrutura de um thriller psicológico que, em maior ou menor escala, trabalha com o sobrenatural e/ou a paranormalidade. Foi assim em seu filme de estréia, *O Pássaro de Plumas de Cristal* (70), em *Prelúdio para Matar* (75), no inédito *Creepers* (84) e em *Terror na Ópera* (88).

Argento, no decorrer de sua carreira, desenvolveu um apuro imagético que confere às suas obras um clima pesado e mórbido. Ele apresenta aqui sua filha, Asia, que interpreta uma sensitiva que se acredita perseguida por um decapitador. Apesar do tema, é um de seus filmes menos violentos. Nem o final, suposta surpresa, pega o espectador de calças curtas: o filme não agradará pelo espanto, mas pela forma convincente com que desenvolve seu "trauma". Amantes do gênero só precisam saber que se trata de mais uma variação em torno do estilo Argento de filmar.

(EUA/Itália, 1993) Direção: Dario Argento. Com Christopher Rydell, Asia Argento, James Russo, Brad Dourif, Frederic Forrest, Piper Laurie. 105 min. Vídeo Arte.

Christian Petermann

PIRANHA II – ASSASSINAS VOADORAS ★★

(Piranha II – The Spawning, EUA/Itália, 1981) Direção: James Cameron. Com Tricia O'Neal, Steve Marachuk, Lance Henriksen. 95 min. 20/20 Vision.

A própria distribuidora vende o filme como um *trash movie*, "um dos piores filmes já feitos!", advertindo o espectador a não levar a obra a sério para assim melhor se divertir. É justo. O primeiro filme de James Cameron – que depois se consagraria com *O Exterminador do Futuro* – se apropria da idéia original de Joe Dante, de 1978, e cria um absurdo biológico: grandes piranhas com asas. A partir daí, um terrorzinho bastante pobre se transforma num festival de risos involuntários, no qual peixes mutantes em constante reprodução atacam seres humanos loucos para transar num spa à beira da praia. Imagine e gargalhe!

CH.P.

O TERROR VEIO DO ESPAÇO ★★★

(The Day of the Triffids, Inglaterra, 1963) Direção: Steve Sekely. Com Howard Keel, Nicole Maurey, Janette Scott. 95 min. VTI.

Adaptada de clássico do escritor John Wyndham, esta ficção científica é um exemplo típico dos defeitos e virtudes que o gênero exibia à época: de um lado, efeitos especiais que hoje só fazem rir; de outro, um reflexo fiel dos sentimentos políticos que imperavam no mundo pós-Segunda Guerra (o livro é de 1951). Aqui, praticamente toda a população da Terra fica cega após assistir a chuva de meteoros. Estes, por sua vez, provocam mutação em plantas alienígenas, transformando-as em devoradoras de seres humanos – tornados indefesos pela cegueira. Sendo inglês (e portanto europeu), Wyndham imaginou um cenário em que o inimigo mortal não só ataca insidiosamente, como surge de dentro de casa – ou mais especificamente do jardim. Não é sutil como o livro, mas dá para o gasto. Em breve a história deve ganhar outra versão, assinada por Tom Holland (*A Hora do Espanto*).

I.B.

D E S E N H O

A POLEGARZINHA DE DON BLUTH ★★★

(Hans Christian Andersen's Thumbelina, EUA, 1994) Direção: Don Bluth e Gary Goldman. Dublagem: Marisa Leal (Polegarzinha), Marcelo Meirelles (príncipe Cornelius), Pietro Mário (Jacquimo). 90 min. Warner.

Don Bluth (*Fievel*) pegou o conto do dinamarquês Hans Christian Andersen (1805-1875), sobre as aventuras de uma menina do tamanho de um polegar, e realizou uma animação quadradinha, já que não tem à sua disposição a equipe e a tecnologia de um estúdio como a Disney. Mas nem por isso deixa de agradar. Muito pelo contrário, principalmente porque o público-alvo – crianças até cinco ou sete anos – está mais interessado numa boa história. E isso o filme tem de sobra: há romance, perigos, amizade e muita música. Papais e mamães também vão se divertir.

D.P.

OS DINOSSAUROS VOLTARAM ★★

Feras simpáticas

Dinossauros tornados inteligentes por um cientista bondoso são trazidos ao século 20 para servir de amigos das crianças. Essa história fraquinha – piloto de uma série para TV – tem seu ponto culminante quando o irmão mau do cientista tenta transformá-los em feras de circo. Dinossauros, crianças, cientistas, naves espaciais e John Goodman (o Fred Flintstone do cinema) na voz do tiranossauro rex: fica claro que se trata de uma produção da Amblimation, a empresa de animação de Steven Spielberg.

A assinatura do diretor de *Jurassic Park* garante sofisticação visual e ritmo frenético, com uso de seqüências em 3D que não destoam do resto do desenho. Mas dá para notar algo de errado na história quando o personagem mais bacana é um coadjuvante: o palhaço do circo, que no original em inglês tem a voz do comediante Martin Short.

(We're Back! A Dinosaur's Story, EUA, 1993) Direção: Dick Zondag, Ralph Zondag, Phil Nibbelink, Simon Wells. 71 min. CIC.

MARCOS SMIRKOFF

Um dos dinossauros espertos e brincalhões do desenho animado que leva a marca Spielberg

Columbia

SUCESSOS DE 1994 CHEGAM ÀS LOCADORAS

Alguns dos maiores sucessos de bilheteria e de crítica do ano passado poderão ser alugados a partir de fevereiro. A lista começa com a adrenalina de Keanu Reeves correndo solta em *Velocidade Máxima*, e termina com Isabelle Adjani à frente de um elenco magnífico em *A Rainha Margot*, passando pelo universo literário e britânico de *Vestígios do Dia* (acima), de James Ivory, e o humor escrachado e musical do altíssimo astral *Priscilla, a Rainha do Deserto*.

O mês se completa com opções tão diversas quanto a mensagem moral de *Com Mérito* (com Joe Pesci); o melodrama familiar de *Quando um Homem Ama uma Mulher*; a beleza da Ilha de Páscoa em *Rapa Nui*; a parceria de Richard Gere e Sharon Stone em *Intersection – Uma Escolha, Uma Renúncia*, ou o drama espanhol *Intruso*, com Victoria Abril.

Cannes

Entre os títulos inéditos em nossos cinemas, destacam-se *O Fogo da Paixão (Wilder Napalm)*, com Dennis Quaid e Debra Winger; o pré-adolescente *Nós Somos Campeões 2*, com Emilio Estevez; e o infantil *André – Uma Foca em Minha Casa* (à esq.), uma espécie de *Free Willy* para meninas. Finalizando, uma pedida diferente: o documentário *Uma Breve História do Tempo*, baseado nas idéias do físico Stephen Hawkins.

BOLSA DE VÍDEO

Os críticos preferem o amor obsessivo entre Laurence Olivier e Merle Oberon às relações humanas contemporâneas

	Celso Fioravante – Folha de S. Paulo	Luiz Carlos Merten – O Estado de S. Paulo	Ana Claudia Fonseca – Veja São Paulo	José Norberto Flesch – Folha da Tarde	Paulo de Góes – Jornal do Vídeo	Luiz Zini Pires – Zero Hora	Roberto Rios – HBO	Miguel Barbieri Jr. – Diário Popular	Christian Petermann – SET	Média
O Morro dos Ventos Uivantes (Continental)	–	7	9	9	8	–	6	10	–	8.1
Amor e Restos Humanos (Mundial/Look)	4	8	–	–	9	–	7	8	7	7.1
Um Misterioso Assassinato em Manhattan (20/20 Vision)	8	8	7	7	–	6	6	7	8	7.1
Morango e Chocolate (Centaurus Hipervideo)	5	8	8	6	8	7	–	6	7	6.8
O Jornal (CIC)	7	7	7	5	8	6	3	6	4	5.8
Exótica (Alpha)	7	7	–	6	7	–	0	–	7	5.6
Equinox (Top Tape/Filmes do Estação)	4	6	–	4	6	5	–	–	5	5.0
A Fuga (América)	6	3	–	7	–	4	–	5	5	5.0
A Peste de Camus (Paris)	6	4	–	5	5	6	–	–	4	5.0
O Guarda-Costas e a Primeira-Dama (LK-Tel/Columbia)	5	5	–	4	7	4	–	–	4	4.8

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril Vídeo	(011) 832-1555	Globo	(021) 286-6688
Alpha	(011) 230-0200	LK-Tel/Columbia	(011) 825-5766
América/Paris	(011) 533-8300	Mundial	(011) 536-0677
Cannes	(011) 579-6522	N.C.A. Pictures	(011) 966-6135
Capital	(011) 257-8655	Odessa	(011) 825-5766
Castle	(011) 536-0677	Penta	(011) 826-0233
Centaurus Hipervídeo	(011) 883-2660	Reserva Especial	(011) 605-6101
CIC	(011) 816-0852	Sagres	(021) 253-4750
Company	(011) 605-6101	Sunset	(011) 218-1616
Concorde	(011) 266-6999	Top Tape	(021) 205-5552
Continental	(021) 262-0751	20/20 Vision	(011) 825-5766
Europa	(011) 579-6522	Vídeo Arte	(011) 575-6996
Flashstar	(011) 255-9911	VTI	(021) 580-3130
		Warner	(011) 820-6777

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição do *Caderno de Vídeo*; as distribuidoras Canal 3 e VMW estão desativadas.

PARADA NOVEMBRO

BRASIL

1. ***Em Terreno Selvagem (On Deadly Ground)*** (Warner)
2. ***Quatro Casamentos e um Funeral (Four Weddings and a Funeral)*** (PlayArte)
3. ***Filadélfia (Philadelphia)*** (LK-Tel/Columbia)
4. ***Minha Vida (My Life)*** (Paris)
5. ***Mr. Jones*** (20/20 Vision)
6. ***Tombstone – A Justiça Está Chegando (Tombstone)*** (Abril Vídeo)
7. ***Sol Nascente (Rising Sun)*** (Abril/Fox)
8. ***Jurassic Park*** (CIC)
9. ***A Casa dos Espíritos (The House of the Spirits)*** (Paris)
10. ***Uma Babá Quase Perfeita (Mrs. Doubtfire)*** (Abril/Fox)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Vídeo Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games, Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

E.U.A.

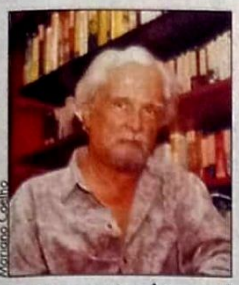
1. ***Speed (Velocidade Máxima)*** (Fox Video)
2. ***The Flintstones (The Flintstones – O Filme)*** (MCA/Universal)
3. ***The Cowboy Way*** (MCA/Universal)
4. ***City Slickers II (Em Busca do Ouro Perdido)*** (Columbia TriStar)
5. ***When a Man Loves a Woman (Quando um Homem Ama uma Mulher)*** (Touchstone)
6. ***Beverly Hills Cop III (Um Tira da Pesada III)*** (Paramount)
7. ***Guarding Tess (O Guarda-Costas e a Primeira-Dama)*** (Columbia TriStar)
8. ***Jurassic Park*** (MCA/Universal)
9. ***Wyatt Earp*** (Warner)
10. ***With Honors (Com Mérito)*** (Warner)

Fonte: *Entertainment Weekly* 02/12/94

Videoteca

Personalidades Falam Sobre Filmes Decisivos na História do Cinema

SÉRGIO BRITO, ator:


Mariano Coelho

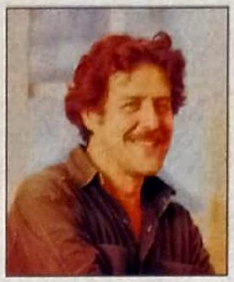
"Não se pode falar das contribuições técnicas do cinema – que ocorrem de forma natural com o avanço tecnológico – sem citar George Lucas, Steven Spielberg, de quem gosto muito. Mas o que mais me importa no cinema é o desenvolvimento da própria linguagem cinematográfica. O cinema mudo, com suas limitações, era muito criativo. Com o tempo o cinema foi se acomodando e acabou virando um teatro falado, cheio de blablablá, e eu gosto muito mais de cinema do que de teatro. Por isso escolho alguns títulos como *A Turba* e *O Grande Desfile* (ambos de King Vidor), *Aurora* (de Murnau) e *Ama-me Esta Noite* (de Rouben Mamoulian), obras-primas da história do cinema e meus filmes favoritos."

PAULO AUTRAN, ator:

Ronaldo Kohn

"Me atrai a história do cinema brasileiro. *Bonequinha de Seda*, luxuoso e com uma linda sonoplastia, *Ganga Bruta* e todos os *Alô, Alô* (os três de Ademar Gonzaga) marcaram o início do cinema nacional. Esses ainda conservavam o cinema como arte popular. Depois disso, só o Cinema Novo mesmo. Um cinema de autor, intelectualizado e que passou a desconhecer a bilheteria. Apesar disso, surgiu um gênio, Glauber Rocha. Os outros bem que tentaram, mas foi ele quem fez *Terra em Transe*. Daí veio Nelson Pereira dos Santos com *Rio, 40 Graus*, retratando o Rio de Janeiro com sensibilidade, e *Vidas Secas*, bela adaptação de Guimarães Rosa. Mas a grande obra-prima do cinema nacional foi, sem dúvida, *Limite*, de Mário Peixoto."

SÉRGIO BIANCHI, cineasta:



"Não sou cinema-tequeiro ou crítico; deixo para estes a discussão sobre quais os títulos que marcaram os cem anos de história do cinema, dentro de uma visão histórica ou técnica. Poderia cair no óbvio: *Napoleão*, *...E o Vento Levou*, filmes de Eisenstein, Glauber Rocha e da Nouvelle Vague. Do ponto de vista mais pessoal, os títulos mais importantes acompanharam três fases da minha vida. Na infância, *Meias de Seda* (de Rouben Mamoulian), com Cyd Charisse, foi a primeira vez que entrei numa sala de cinema e por isso marcou. Durante os distúrbios da adolescência, *Trinta Anos Esta Noite* (de Louis Malle); e numa fase mais adulta todos os filmes de Visconti; seu refinamento é exemplar."

SET Recomenda

Os Melhores Lançamentos em Vídeo de 1994 que São Inéditos em Nossos Cinemas

O Apocalipse de um Cineasta (1991, Odessa)
Documentário revelador sobre as insanas filmagens de *Apocalypse Now* (79), de Francis Coppola. Mescla tomadas realizadas na época pela esposa do diretor, Eleanor, com depoimentos da equipe, mais de uma década depois.

Assalto à 13ª DP (1976, Opção)
O segundo longa de John Carpenter é um vibrante exercício de tensão, remetendo-nos ao faroeste *Onde Começa o Inferno* (59), de Howard Hawks: delegacia de Los Angeles é sitiada por gangue juvenil.

Batman – A Máscara do Fantasma (1993, Warner)
Piloto da telessérie animada, não exibido pela TV brasileira. Traços sombrios, belíssima trilha de Shirley Walker, história curiosa e um novo vilão, o Fantasma.

A Guerra do Chocolate (1988, Mundial)
Surpreendente estréia na direção do ator Keith Gordon (*Christine*), que narra com perspicácia e sensibilidade a rebelião de um aluno de colégio católico, que se recusa a vender chocolates para sanar um rombo na instituição.

Jovens, Loucos e Rebeldes (1993, CIC)
Um dos melhores retratos já feitos sobre a década de 70. Acompanha um grupo de jovens no interior do Texas em seu último dia de aula. O estudo de personagens domina a narrativa.

Lances Inocentes (1993, CIC)
Estréia na direção do roteirista Steven

Mundial
A Guerra do Chocolate

Zaillian (Oscar por *A Lista de Schindler*). É o relato comovente e verídico da relação entre um pai e seu filho de sete anos, um gênio do xadrez. Ótimo elenco.

Mac (1992, Odessa)
John Turturro recebeu a Câmera de Ouro de diretor estreante em Cannes por esta sólida crônica familiar ambientada na classe operária de Nova York em meados dos anos 50.

O Mago da Chantagem (1992, HVC)
Estréia do diretor Stephan Elliott, de *Priscilla, a Rainha do Deserto*. Phil Collins prega trotes em terceiros e assedia obcecadamente um casal. Humor negro e visual elaborado em obra que o diretor afirma ter toques autobiográficos.

A Nação do Medo (1994, Warner)
Filme para TV a cabo que explora um conceito perturbador: se os nazistas tivessem ganhado a Segunda Guerra, como estaria o mundo à época da comemoração dos 75 anos de Hitler? Um pesadelo muito convincente.

A Noite dos Mortos-Vivos (1968, VTI)
O primeiro filme de George A. Romero é o "pai" do terror moderno. Sete pessoas tentam sobreviver ao ataque de um exército de zumbis. Em p&b.

Quanto Mais Idiota Melhor 2 (1993, CIC)
Continuação superior ao original. Antológica a seqüência que começa com o tema musical de *Missão Impossível* e termina numa boate gay com um *cover* do Village People.

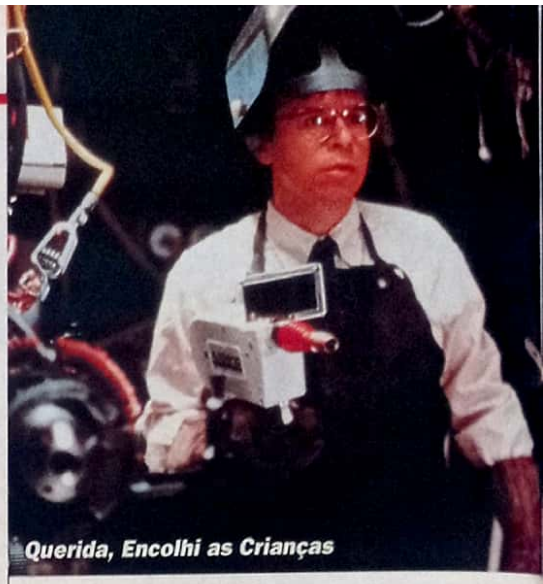
Os Tomates Assassinos Atacam a França (1991, Abril/Fox)
Esta continuação do clássico trash *O Ataque dos Tomates Assassinos* (80) é a melhor da série. O cientista louco que inventou os tomates animados quer tomar o poder na França. Não sobra pedra sobre pedra.

The Vanishing – O Silêncio do Lago (1988, NCA)
O diretor George Sluizer realiza um dos mais incômodos estudos de um crime, com final chocante. A qualidade da obra se acentua ainda mais se comparada à medíocre refilmagem americana que o próprio Sluizer cometeu.

Vitória a Qualquer Preço (1993, Condor)
Feito para TV a cabo, é a visão satírica de um fato real: mãe tenta assassinar a concorrente de sua filha numa disputa de líderes de torcida. Holly Hunter levou o Emmy de atriz, a mídia sensacionalista é desnudada e os créditos finais são impagáveis.

CIENTISTAS LOUCOS

Malignos ou filantropos, gênios ou excêntricos, eles são indispensáveis ao cinema de ficção e horror



Querida, Encolhi as Crianças

DARKMAN – VINGANÇA SEM ROSTO

(Darkman, EUA, 1990) Direção: Sam Raimi. Com Liam Neeson, Frances McDormand. 95 min. CIC.

O diretor Raimi se inspirou em gibis e no thriller *Máscara de Fogo* (41) para criar a história de um cientista que, desfigurado por gângsteres, usa máscaras de pele sintética para disfarçar-se e arquitetar sua vingança. Tornado maníaco e violento por sua aparência hedionda, é forçado a aceitar a condição de monstro.

DE VOLTA PARA O FUTURO 1, 2 E 3

(Back to the Future I, II e III, EUA, 1985/89/90) Direção: Robert Zemeckis. Com Michael J. Fox, Christopher Lloyd. 116, 107 e 118 min. CIC.

Quem nunca assistiu a esta divertidíssima trilogia sobre peripécias temporais? Quem brilha absoluto é o Dr. Emmet Brown, inventor de uma moderna máquina do tempo. Christopher Lloyd encarna com verve essa mistura histriônica de Einstein e Julio Verne.

A Mosca

Abril/Fox

DO ALÉM

(From Beyond, EUA, 1986) Direção: Stuart Gordon. Com Jeffrey Combs, Barbara Crampton. 85 min. VTI.

Cientista abre portal para outra dimensão. A experiência o transforma num monstro de glândula pineal hipertrofiada e dotado de grande apetite por carne crua. Adaptação libertina de H.P. Lovecraft, exibida nos cinemas como *Possuídos pelo Mal*.

A GERAÇÃO DE PROTEUS

(Demon Seed, EUA, 1977) Direção: Donald Cammell. Com Julie Christie, Fritz Weaver. 94 min. Vídeo Arte.

Nesta versão cyberpunk de *Frankenstein*, Weaver cria o computador mais sofisticado do mundo, o Phase IV (dublado por Robert Vaughan). A máquina adquire vida própria e decide procriar, fecundando a coitada da Julie Christie.

RE-ANIMATOR – A HORA DOS MORTOS-VIVOS

(Re-Animator, EUA, 1985) Direção: Stuart Gordon. Com Jeffrey Combs, Bruce Abbott. 86 min. VTI.

Herbert West é, ao lado do Dr. Moreau, um dos cientistas mais loucos da literatura. Criado por H.P. Lovecraft e vivido por Combs nesta cultuada comédia sangue-e-tripas, sua meta é reanimar cadáveres – em qualquer estágio de putrefação. Tem uma seqüência interessante, *A Noiva do Re-Animator*.

A ILHA DO DR. MOREAU

(The Island of Dr. Moreau, EUA, 1977) Direção: Don Taylor. Com Burt Lancaster, Michael York. 104 min. Globo Vídeo.

Refilmagem de *A Ilha das Almas Perdidas* (32), transcrição livre do clássico de H.G. Wells. Numa ilha misteriosa, o Dr. Moreau (Lancaster) cria híbridos de seres humanos e animais. Wells, visionário, antecipou muito do que os nazistas fariam com os judeus nos campos de concentração.

JOVEM EINSTEIN

(Young Einstein, Austrália, 1988) Direção: Yahoo Serious. Com Yahoo Serious, Odile Le Clezia. 89 min. Warner.

Serious, codinome do australiano Greg Mead, reconta a seu modo a vida de Einstein – que teria nascido na Tasmânia, inventado a cerveja com colarinho (descobrindo, no processo, a energia nuclear) e criado o rock'n'roll só para impressionar Marie Curie.

QUERIDA, ENCOLHI AS CRIANÇAS

(Honey, I Shrunk the Kids, EUA, 1989) Direção: Joe Johnston. Com Rick Moranis, Marcia Strassman. 96 min. Abril Vídeo.

Moranis cria raio encolhedor que, num clichê típico da ficção científica, só funciona por acidente. Seus filhos, reduzidos a meio centímetro de altura, metem-se numa aventura com elementos de *O Incrível Homem que Encolheu* e *O Mundo em Perigo*.

SIMÃO, O CAOLHO

(Brasil, 1952) Direção: Alberto Cavalcanti. Com Mesquitinha, Yara Aguiar. 101 min. Abril Vídeo.

Na São Paulo dos anos 30, corretor de imóveis caolho é tiranizado pela esposa. Compadecido, um amigo cientista lhe dá um olho de vidro que torna invisível a quem o usa. Curiosa incursão da extinta Maristela Filmes no gênero fantástico. Baseado num conto de Galeão Coutinho.

Abril Vídeo

ROBUR, O CONQUISTADOR DO MUNDO

(Master of the World, EUA, 1961) Direção: William Wilner. Com Vincent Price, Charles Bronson. 105 min. Globo Vídeo.

A bordo de sua máquina voadora, o tirânico Robur (Price) usa a tecnologia para colocar a Europa vitoriana a seus pés. Versão aérea de *20.000 Léguas Submarinas*. Baseada nos romances *Clipper of Clouds* e *Master of the World*, de Julio Verne, foi a primeira superprodução da American International Pictures, especializada em filmes B.

20.000 LÉGUAS SUBMARINAS

(20.000 Leagues Under the Sea, EUA, 1954) Direção: Richard Fleischer. Com Kirk Douglas, James Mason, Paul Lukas. 120 min. Abril Vídeo.

Procurando um monstro marinho, Paul Lukas encontra um monstro tecnológico: o submarino Nautilus, comandado por outro vilão de Julio Verne – o Capitão Nemo. Produção da Disney, perfeita desde a narrativa até os efeitos especiais que mereceram um Oscar.

DR. OTTO E O ENIGMA DO RAIO TENEBROSO

(Dr. Otto and the Riddle of the Gloom Beam, EUA, 1987) Direção: John R. Cherry III. Com Jim Varney, Myke Mueller. 95 min. VMW.

Jim Varney é mais conhecido pelo personagem Ernest. Embora nem todos apreciem seu humor pastelão, ele está impagável interpretando dois papéis: o Dr. Otto, que pretende dominar o mundo destruindo o mercado financeiro, e o super-herói Lance Sterling, contratado por banqueiros para combater o vilão.

O ABOMINÁVEL DR. PHIBES

(The Abominable Doctor Phibes, Inglaterra, 1971) Direção: Robert Fuest. Com Vincent Price, Joseph Cotten. 94 min. Globo Vídeo.

Para se vingar dos nove médicos que falharam em salvar a vida de sua esposa, o teólogo e músico Anton Phibes cria armadilhas baseadas nas pragas do Egito. Clássico *camp* com visual estiloso, roteiro sardônico e atuações primorosas de Price e Cotten, como um detetive mais engraçado que o Inspetor Clouseau.

A VOLTA DOS TOMATES ASSASSINOS

(Return of the Killer Tomatoes, EUA, 1988) Direção: John DeBello. Com John Astin, Anthony Stark, Karen Mistal. 99 min. Canal 3.

Astin (o Covas do seriado *A Família Addams*) é o Dr. Grangreen, responsável pelo ataque dos irados solanáceos. Stark, um jovem pizzaiolo, apaixona-se por um dos experimentos de Gangreen – a tomata Karen Mistal.

CIC

Darkman – Vingança Sem Rosto

BLADE RUNNER – O CAÇADOR DE ANDRÓIDES

(Blade Runner, EUA, 1982) Direção: Ridley Scott. Com Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young, Joe Turkel. 125 min. Warner.

A trama básica todo mundo já conhece, mas deve-se dar justo crédito à curta e marcante aparição de Joe Turkel (o sinistro barman Lloyd de *O Iluminado*) como o criador dos replicantes. Ao ver sua obra mendigando mais tempo de vida, limita-se a discursar sobre a inevitabilidade com ares de deus indiferente.

FRANKENSTEIN – O MONSTRO DAS TREVAS

(Frankenstein Unbound, EUA, 1990) Direção: Roger Corman. Com John Hurt, Raul Julia. 85 min. Warner.

Físico do ano 2031 cria arma capaz de fender o tempo-espaço e é transportado para a Suíça de 1817. Lá confronta o Dr. Frankenstein e seu monstro. O paralelo criador irresponsável/criatura fora de controle é bem claro: mesmo após tantos séculos, o homem não perde sua postura de arrogância ante os engenhos que cria.

A MOSCA

(The Fly, EUA, 1986) Direção: David Cronenberg. Com Jeff Goldblum, Geena Davis. 100 min. Abril/Fox.

Do conto original de George Langelaan, adaptado fielmente no clássico *A Mosca da Cabeça Branca*, só restou o enredo básico. Enquanto Al Hedison só pensava em suicídio, Jeff Goldblum entra em êxtase kafkiano ao se ver transformado num inseto.

SÉRGIO MARTORELLI

Re-Animator – A Hora dos Mortos-Vivos

VTI

TRILHAS SONORAS

TRÊS FACES DA MÚSICA

KIKA (PolyGram/El Deseo, importado)
A RAINHA MARGOT (PolyGram, importado)
STARGATE (Milan, importado)

Pedro Almodóvar não encomendou composições originais para a trilha de seu último filme, *Kika*. Selecionou, portanto, sonoridades adequadas às absurdas situações criadas por ele. Latinidades salerosas não poderiam faltar. A orquestra de Pérez Prado comparece com três faixas impagáveis, "Guaglioni" (de 1959), uma versão engraçadíssima para a nossa "Mama Yo Quiero" (de 1962), e a vibrante suíte percussiva "Concierto para Bongo" (de 1979), com 17 minutos de duração. Outra orquestra tradicional, a de Xavier Cugat, comparece com o hino popular "La Cumparsita". O cancioneiro espanhol marca presença com a balada "Luz de Luna", na voz de Chavela Vargas, e com o flamenco "Se Nos Rompio el Amor", um duo de Fernanda e Bernarda de Utrera. Há ainda a ousada versão da "Youkali Tango Habanera", de Kurt Weill, pelo The Armadillo String Quartet, duas faixas da trilha de *Psicose*, de Bernard Herrmann (afinal de contas, há um assassino na história), e a "Danza Española nº 5 (Andaluza)", de Enrique Granados.

O iugoslavo Goran Bregovic, que já colaborou com o cineasta Emir Kusturica em filmes como *Arizona Dream*, compôs a belíssima trilha de *A Rainha Margot*. Bregovic misturou sonoridades do Leste Europeu e de Israel para traduzir o caldeirão étnico que era a França do século 16. Utiliza-se de temas tradicionais, como "U Te Sam Se Zaljubia", ou composições próprias sob a responsabilidade de músicos e cantores de Belgrado. Destacam-se a renascentista "Rondinella", a curiosa "La Chasse" e a melancólica "La Nuit". A única faixa que fica aquém de seu potencial, assim na tela como no CD, é justamente "La Nuit de Saint Barthélémy", que abre espaços para a eletrônica. Como bônus, a faixa dos créditos finais, "Elo Hi (Canto Nero)", co-assinada e interpretada por Ofra Haza.

A música de *StarGate* é de autoria do quase novato David Arnold, cuja experiência principal são trilhas para filmes de formatura de estudantes ingleses. Depois de musicar *A Idade da Violência*, esta é sua segunda trilha. Ele afirma voltar – com as suas trinta faixas – aos dias de glória de *Guerra nas Estrelas* e *Contatos Imediatos*. O melhor seria dizer: Arnold se utiliza de seus sintetizadores e bebe na fonte de John Williams, citando em especial a trilha de *E.T.* Nada que surpreenda muito, com ou sem imagens.

Christian Petermann

EQUIPAMENTOS

TV CINEMATOGRÁFICA

Televisor TWD56D00 (Toshiba)

As TVs não param de crescer. A TWD56D00 da Toshiba tem nada menos que 56 polegadas, com uma diferença curiosa em relação aos televisores "normais": a proporção dos lados da tela não é 4:3, e sim 16:9, ou seja, ela é bem mais ampla na horizontal. A vantagem aparece na hora de assistir aos filmes de cinema, registrados em bitola mais larga do que a tela de TV normal pode exibir, e que por vezes recebem versões em vídeo ou laser disc com tarjas acima e abaixo da imagem para compensar a diferença. O aparelho da Toshiba permite "puxar" a imagem para uma proporção aproximada da original, eliminando as tarjas. Mas programas normais podem ser assistidos no formato usual. De resto, o televisorzão da Toshiba tem os recursos normais em TVs de sua categoria, como picture-in-picture, sistema de áudio estéreo Dolby Pro-Logic, com caixas separadas, entradas múltiplas para vídeo, áudio, antena e cabo. Outro detalhe interessante: são dois controles remotos, um completo, para comando de TV e vídeo, e outro simplificado, com o essencial para ligar, trocar canais e ajustar volume. O preço disso tudo é grande como a tela: US$ 4.999 mil, lá nos EUA.

ÁUDIO E IMAGEM DIGITAIS

PCD 960 (Kodac)

Uma das vantagens da tecnologia digital é que cada vez mais criam-se plataformas que servem para múltiplas funções. É o caso do PCD 960 da Kodac: à primeira vista, um aparelho portátil para CDs de áudio. Ele é isso e também um leitor de PhotoCDs. Pode ser usado para transferir as imagens digitalizadas para um computador, ou simplesmente "plugado" em um aparelho de TV para se examinar as fotos. Pesa 525 gramas e custa cerca de US$ 500.

Marcos Smikoff

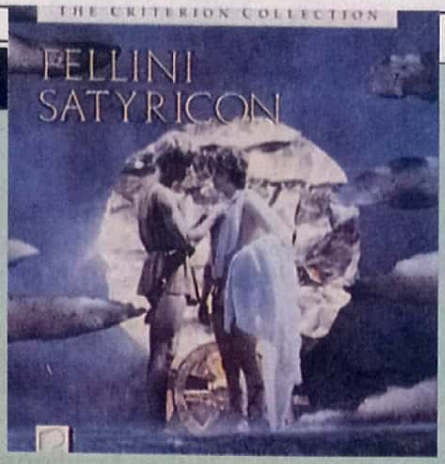
LASER

DISCOS ESPECIAIS

O SILÊNCIO DOS INOCENTES

(Criterion Collection, formatos CLV e CAV)

A Criterion Collection é famosa pelo tratamento especial que dá a seus laserdiscs, e o filme de Jonathan Demme não foge à regra. Como atrativos extras, uma edição especial do primeiro encontro entre o personagem de Jodie Foster com o canibal de Anthony Hopkins; seqüências cortadas ou alternadas (que foram incluídas no VHS americano, mas com qualidade de imagem bem inferior); entrevistas e artigos publicados sobre Demme, Foster e Hopkins; filmografias; storyboards e sketches de cenas; material sobre *serial killers* dos arquivos do FBI; e, por fim, uma coleção com citações de *serial killers* de verdade.



SATYRICON

(Criterion Collection, formato CLV)

Mais um caso de qualidade da empresa. E o tratamento aqui só perde devido à dublagem em inglês. Mas, sem dúvida, esta obra que Fellini realizou em 1969 continua sendo um tesouro bizarro que retrata com perfeição o psicodelismo de uma geração.

MULTIMEDIA

AS ÚLTIMAS EM CD-ROM

YES: ACTIVE

(Compton's NewMedia, CD-ROM para PC e Macintosh)

Depois de David Bowie e seu *Jump*, agora é a vez de o grupo Yes sair em disco interativo. Do kit todo, a seção "Inside Look" é a mais legal, porque permite tocar e ler todas as músicas do novo álbum da banda, *Talk*.

SECRETS OF STARGATE: THE MAKING OF AN EPIC ADVENTURE FILM

(Compton's NewMedia, CD-ROM para PC e Macintosh)

Este CD-ROM traz entrevistas, biografias, stills e produção de arte e efeitos especiais do filme *StarGate*, lançado nos cinemas em novembro último. Como bônus, um detalhado segmento histórico sobre o Egito.

Novo álbum do Yes em disco interativo

BLOWN AWAY

(IVI Publishing, CD-ROM para PC)

Este disco foi criado e "propagandeado" como a seqüência em CD-ROM do filme *Contagem Regressiva*, com Jeff Bridges e Tommy Lee Jones. Aqui, o usuário tem que decifrar 22 quebra-cabeças para salvar os reféns. Uma das grandes vantagens do disco é a tecnologia de juntar imagens de ação com atores de verdade a quadros feitos em computador para games.

Imagens do CD-ROM de *Contagem Regressiva*: à esquerda, um labirinto e, à direita, o explosivo Jimmie F. Skaggs

EDITORA AZUL

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade: Cláudio Santos
Diretora Comercial: Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araújo
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET
CINEMA A VÍDEO

REDAÇÃO
Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora: Deborah Peleias
Editor-Assistente: Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editor-Assistente de Arte: Izaú Norbertino
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emílio Rondeau
Assistente de Redação: Ellen Alaver
Colaboram nesta edição:Texto: Alexandre Ortis Ramos, Alfredo Sternheim, Cadão Volpato, Carlos M. Motta, Carlos Reinchenbah, Cesar Garcia Lima, Dulce Damasceno de Brito, Édson Arantes, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Inácio Araujo, José Geraldo Couto, Luiz Carlos Merten, Marcos Smirkoff, Renato Kramer, Sérgio Martins, Sérgio Martorelli, Sérgio Rizzo. **Arte:** Jeanpierre Verdaguer, Maria Amélia de Azevedo.
Revisão e Preparação de Texto: Alexandre Ortiz Ramos.

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Ariovaldo Carrera Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fábio Gomes, Jorge de Oliveira, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Miriam Horta
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antônio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Pallis da Silva
Gerente de Planejamento: Ana Camargo

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1592**, edição 91, janeiro de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

ANER **Fotolito:** Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas, Bureau Azul, Proposta Editorial

Impressa na Editorial Antártica - Chile

Cartas

Edição Quase Perfeita

Comecei a ler SET em 1994, e a cada edição a revista fica melhor. As matérias são bem elaboradas, com temas bem diversificados, as fotos belíssimas, além de as entrevistas serem sempre interessantes. As seções *Takes*, *Hollywood Boulevard*, *Mitos* e *Cardápio* merecem nota 10. Da edição de novembro (nº 11, ano 8), parabenizo a equipe pelas ótimas matérias sobre os filmes *O Especialista* e *Assassinos por Natureza*. Minha única reclamação é sobre *Novos Filmes*, que na minha opinião deveria ser mais completa.

Paula A. Sousa
(São Paulo – SP)

Fiquei maravilhado com a edição de novembro de SET. Só a capa já merece nota 10. Sou superfã da atriz Sharon Stone e adorei a entrevista com a mesma. Sem falar de Sylvester Stallone, cuja entrevista está o máximo. Aproveito a oportunidade para dizer que quero trocar correspondência com adoradores da escultural Sharon Stone.

Alexandre Eduardo Manske
Rua Henrique Conrad, 1.359,
CEP 89095-300
(Blumenau – SC)

Parabenizo SET pelas matérias sobre *Assassinos por Natureza* e *StarGate* na edição de novembro. Ficaram o máximo.

Márcio Benjamin Costa Ribeiro
(Natal – RN)

Não só SET, como as demais revistas do gênero, estamparam na capa da edição de novembro a foto apelativa de Sharon Stone com Sylvester Stallone em *O Especialista*. Mas, graças a Deus, as semelhanças param por aí. SET, além de uma bela capa, tem matérias com conteúdo: a matéria de capa não poderia ser melhor, a seção *Takes*, com um turbilhão de informações, enfim, tudo está ótimo. Porém, foram cometidas duas falhas: 1ª) a afirmação, no *Caderno de Vídeo*, em *Aconteceu na Primavera*, de que Julian Sands é motivo bastante para afundar qualquer filme; dizer isso, com certeza, é uma leviandade; 2ª) ou eu entendi mal, ou o autor da *Ficha de Cine & Vídeo* de *Eu Sei que Vou Te Amar* insinuou que a premiação da brasileira Fernanda Torres em Cannes deveu-se ao fato de Sonia Braga participar do Júri; Fernanda sem dúvida mereceu o prêmio por esse seu trabalho.

J.G. Monteiro
(União dos Palmares – AL)

Achei o máximo a matéria sobre *O Especialista* (nº 11, ano 8), principalmente as entrevistas com Sharon Stone e Sylvester Stallone. A capa... que magnífica! Na seção *Novos Filmes*, o *making of* de *StarGate* está extraordinário. E, ainda, a reportagem com o novo filme de Oliver Stone, *Assassinos por Natureza*, nota 10. Realmente, a equipe de SET está de parabéns por provar que a cada edição pode fazer sempre melhor.

Jadir Marcos Correia Silva
(Recife – PE)

Transmito-lhes os meus mais sinceros agradecimentos pela magnífica matéria sobre o bombástico sucesso *O Especialista*. Tudo excelente, as fotos, as entrevistas, menos o infeliz comentário do articulista. Tudo bem, afinal nada é perfeito. No geral, toda a revista está em crescente evolução, o que me levou a fazer uma assinatura que eu espero dure muitos anos.

Fabiano de Moraes Claudiano
(Poços de Caldas – MG)

Parabenizo-os pela revista que, em matéria de cinema e vídeo, é a melhor. E especialmente a edição de novembro (nº 11, ano 8), com excelentes entrevistas com Sharon Stone e Sylvester Stallone, sobre o filme *O Especialista*.

Marcel S. Jaques
(Santa Maria – RS)

A edição de novembro de SET é um desfile de bom gosto, com matérias profundas e fartura de fotos. Apesar de não ser simpatizante nem de Sharon Stone nem de Sylvester Stallone, gostei muito das entrevistas, que estão inegavelmente bem escritas. Esclarecedor é o adjetivo dado à matéria sobre o último filme de Oliver Stone, *Assassinos por Natureza*, embora ao ler a entrevista com este cineasta tenha percebido o quanto não o suporto. E, na seção *Mito*, a carreira e a vida de Judy Garland foram muito bem abordadas por Alfredo Sternheim.

Eny Scholzs
(São Paulo – SP)

Dulce Arrebenta

Quero deixar minha simpatia a Dulce Damasceno de Brito, que simplesmente enriquece cada vez mais esta revista.

Marcelo G.M. de Castro
(São José do Rio Preto – SP)

Deixo registrados meus parabéns a Dulce Damasceno de Brito por sua inteligente e soberba coluna *Hollywood Boulevard* da edição de novembro, em que soube conduzir com extrema perfeição a reportagem sobre James Dean.

Maurício Mota Viegas
(Cachoeira do Sul – RS)

Quando recebo a revista SET, folheio-a rapidamente para ficar a par das reportagens, porque tenho pouco tempo e vou lendo aos poucos. Só que a edição de novembro mudou esse costume: parei na seção *Hollywood Boulevard*, a qual aprecio muito, porque Dulce escreve muito bem e nesta edição... extrapolou com a reportagem sobre James Dean.

Leonice Sales
(São Paulo – SP)

Escolas de Cinema

Sou leitor e assinante de SET desde seu primeiro número e gostaria de pedir-lhes os endereços de escolas de cinema nos Estados Unidos e informações sobre bolsas de estudo, custo etc.

Geraldo Betiol
(Salto – SP)

Caro Geraldo, o Consulado Geral dos Estados Unidos em São Paulo é o lugar mais seguro para você encontrar as informações mais completas possíveis.

Variety

Seria de muita ajuda se a equipe de SET me fornecesse o endereço do semanário *Variety*, pois gostaria de assiná-lo.

Márcio Antonio Assunção
(Florianópolis – SC)

Caro Marcio, anote aí o endereço: Variety Subscription Department PO Box 6400 Torrance CA 90504-9867.

Correio Entre os Leitores

Compro trilhas sonoras em CD, compostas por John Williams e Jerry Goldsmith.

Vanderson Barone Silva
Av. Bras de Pina, 595-A,
Penha, CEP 21210-670
(Rio de Janeiro – RJ)

Procuro qualquer material sobre os atores de *Twin Peaks*, Isabella Rossellini e Jodie Foster. Tenho material de outros artistas para trocar.

Leise Harumi Gomes Ashuichi
R. Pe. Leonardo Campos, 252,
Jd. Ana Emilia, CEP 12070-260
(Taubaté – SP)

Compro qualquer tipo de material de Brandon Lee, Brendan Fraser, Jason Scott Lee e Richard Grieco.

Cecília Martins
Praça Lourenço de Bellis, 90,
apto 11, Vila Sabrina,
CEP 02136-000
(São Paulo – SP)

Compro os números de SET anteriores ao ano de 1994 em bom estado.

Ronaldo Correia dos Santos
R. Itapogipe, 13, Monte
Carmelo, CEP 07195-220,
fone: (011) 281-1402
(Guarulhos – SP)

Errata

O leitor Germano Gonzaga Lima do Vale Filho gentilmente nos informa que o ano de produção de *Trocando as Bolas* (na seção *Cardápio* da edição de novembro/94) é 1983.

O criador de Drácula (edição nº 12, ano 8, pág. 25) é Bram Stoker. A autora Mary Shelley criou a obra *Frankenstein* e, portanto, sua "criatura".

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Atualidades

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
INTERVIEW: Entrevistas
BIZZ: Rock e Pop
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

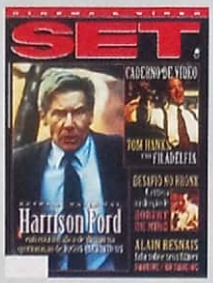
REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - cep 20020-080 - telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II -Florianópolis/SC - Tel.: (048) 232-0519

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 90/DEZEMBRO 94
Tom Cruise, Neil Jordan e Brad Pitt comentam *Entrevista com o Vampiro*; o melhor das telas na *Retrospectiva 94*; no *Caderno de Vídeo*, *Corra que a Polícia Vem Aí 33 1/3*

Nº 89/NOVEMBRO 94
Sharon Stone e Sylvester Stallone em *O Especialista*; Oliver Stone fala sobre *Assassinos por Natureza*; em vídeo, *A Lista de Schindler* e *A Época da Inocência*



Nº 88/OUTUBRO 94
Harrison Ford em *Perigo Real e Imediato*; Robert De Niro comenta *Desafio no Bronx*,sua estréia como diretor; em vídeo, *Filadélfia* e *Na Roda da Fortuna*

Nº 87/SETEMBRO 94
Schwarzenegger e James Cameron falam sobre *True Lies*; Tom Hanks em *Forrest Gump*; Kim Basinger e Alec Baldwin em *A Fuga*; em vídeo, *Jurassic Park* e *Em Nome do Pai*

Nº 86/AGOSTO 94
Jack Nicholson fala com exclusividade sobre *O Lobo*; Keanu Reeves e Dennis Hopper em *Velocidade Máxima*; em vídeo, *Sintonia de Amor* e mais 54 lançamentos.

Nº 85/JULHO 94
Mel Gibson e Jodie Foster em *Maverick*; *Backbeat* mostra o início dos Beatles; o novo desenho da Disney, *O Rei Leão*; e mais de 50 lançamentos em vídeo.

Nº 84/JUNHO 94
Pedro Almodóvar em entrevista exclusiva e *Kika*, seu mais recente filme; uma visita ao set de *Os Flintstones*; em vídeo, *A Família Addams 2*.

Nº 83/MAIO 94
Em entrevista exclusiva, Bernardo Bertolucci fala de *O Pequeno Buda*, seu último filme; dossiê completo sobre Stephen King; Clint Eastwood é destaque em vídeo.

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo *Caderno de Vídeo* com mais de 60 lançamentos.

Nº 80/FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em O Pagamento Final; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, Muito Barulho por Nada e A Doce Vida.

Nº 79/JANEIRO 94
O elenco de *A Época da Inocência*; *The Nightmare Before Christmas*; Emma Thompson e Brad Pitt; em vídeo, Kurosawa.

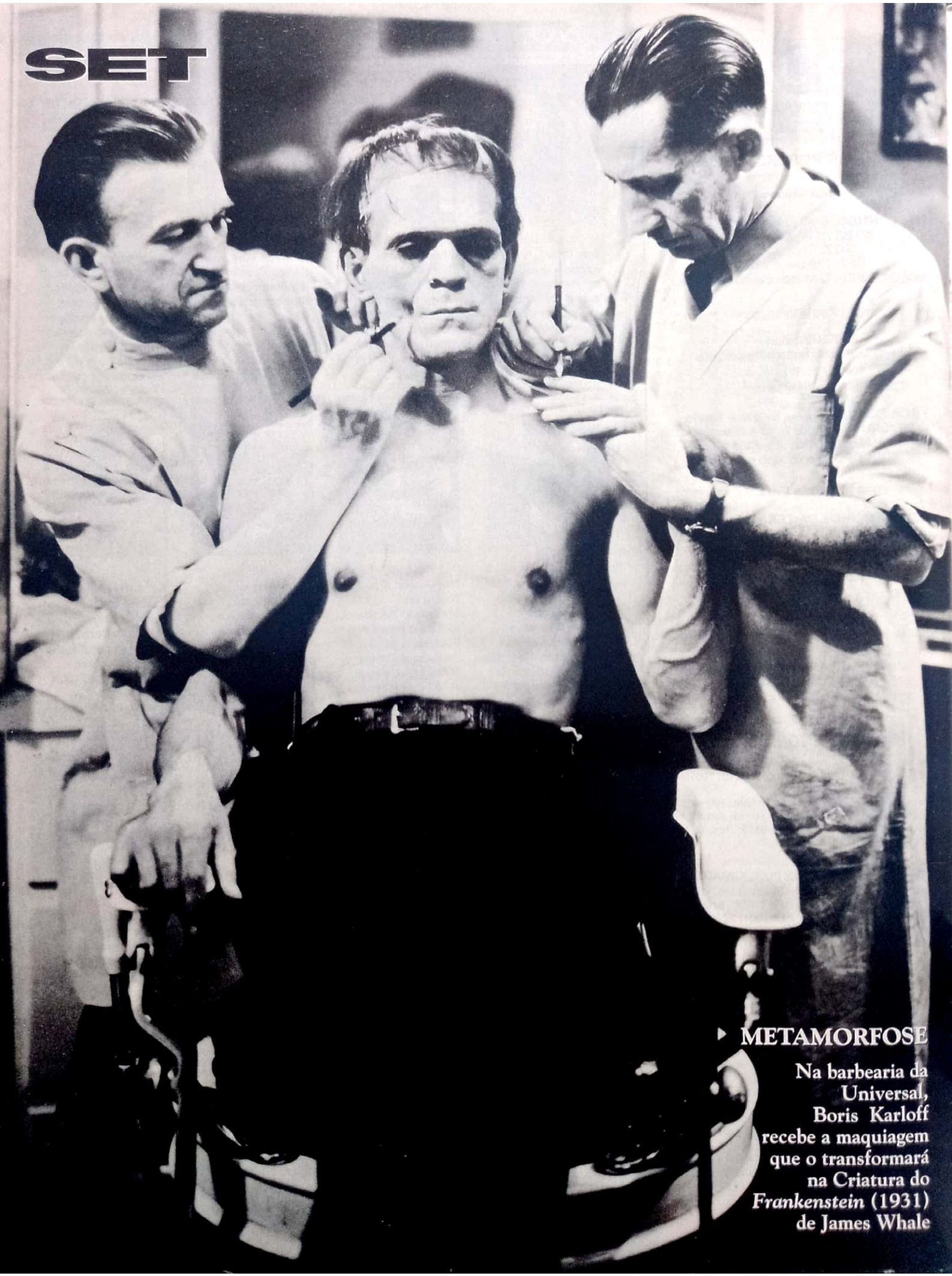
ATENÇÃO: ***A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado***

NA PRÓXIMA EDIÇÃO DE SET

★ ***Quiz Show*** **– atrás das câmeras,Robert Redford revela os bastidores da TV**

★ ***Segredos do Coração*** **– Warren Beatty e Annette Bening juntos novamente**

★ ***Caderno de Vídeo*** **– Keanu Reeves em *Velocidade Máxima***



METAMORFOSE

Na barbearia da Universal, Boris Karloff recebe a maquiagem que o transformará na Criatura do *Frankenstein* (1931) de James Whale

CONCORDE

APRESENTA

O IDIOTA

(HAKUCHI)

Dois grandes mestres se unem:

Um filme de A. Kurosawa baseado na obra de Dostoiévski.

TOSHIRO MIFUNE
MASAYUKI MORI
YOSHIKO KOGA
SETSUKO HARA

As incríveis aventuras do herói mascarado

Estrelando **CLAYTON MOORE** - O Zorro

O ZORRO
LONE RANGER

em mais dois sensacionais episódios

Direção
GEORGE SELTZ

Estrelando John Hargreaves e Briony Behets

Um longo fim de semana

"The Long Weekend"

Premiado no Festival de Avoriaz

Direção
COLIN EGGLESTON

CONCORDE VIDEO

CONCORDE VIDEO MARKET COM. E REPRES. LTDA. - R. Marechal Xavier da Câmara, 20 - Casa Verde
CEP 02517-190 São Paulo-SP Fone: (011) 266-6999 Fax: (011) 857-4064 Telemarketing: (011) 858-6621 858-6654 857-1626

COSTA & MORENO - 211-1052

Os Vencedores do Oscar

ANTHONY HOPKINS **EMMA THOMPSON**

FEVEREIRO, NA SUA LOCADORA.

INDICADO PARA 8 OSCAR®

COLUMBIA TRISTAR HOME VIDEO

LK-TEL VIDEO

Dos criadores de "Retorno a Howards End"

VESTÍGIOS DO DIA

Um Filme de JAMES IVORY

Oscar® é marca registrada da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas